Alain Soral

COMPRENDRE L'EMPIRE

Demain la gouvernance globale ou la révolte des Nations ?

essai

ÉDITIONS ✦ BLANCHE

Alain SORAL

COMPREENDER O IMPÉRIO

AMANHÃ, A GOVERNANÇA GLOBAL OU A REVOLTA DAS NAÇÕES?

ENSAYO

Coleção dirigida por Franck Spengler

2011

EDIÇÕES BLANCHE

38, rue La Condamine PARIS 17

É evidente que a carreira de polemista é infinitamente menos confortável do que a de poeta elegíaco ou de romancista mundano. O panfleto raramente leva à fortuna, ainda menos aos honores. Seu mais claro benefício é uma longa sequência de desentendimentos com a Justiça e a opinião. De maneira invariável, o escritor de combate deve sofrer os renegados, os golpes daqueles que ele acredita defender, e que de fato ele defende. Quaisquer que sejam seu tempo, seu partido, que se chame Marat, Courier, Carrel, Veuillot, Vallès, Rochefort, Drumont, Bloy, Tailhade, Zola, Cassagnac, Jouvenel, Daudet, Maurras, seu destino está selado, mais ou menos tragicamente, igualmente ingrato.

De onde vem, portanto, que sempre, apesar de tudo e de todos, se encontrarão homens que, desdenhosos das facilidades da vida, se consagrarão conscientemente à mais temível das tarefas humanas, que é lançar o alarme nos dias de grande perigo, e, se necessário, clamar infortúnio sobre os contemporâneos?

É que o mundo literário não é inteiramente composto de literatos. Existem homens que não se refugiam em sua obra... Esses homens lutam. Eles lutam porque, se não lutassem, ninguém lutaria em seu lugar. E por que lutam? Por dever cívico, certamente, más ainda e sobretudo pela honra de sua profissão. Sozinhos e desarmados, eles vão ao coração da batalha porque obedecem à sua missão. Eles estariam mentindo para si mesmos se renunciassem à luta.

Henri Béraud

* * *

Ontem, através da multidão do boulevard, \me senti tocado por um Ser misterioso que sempre desejei conhecer, e que reconheci imediatamente, embora nunca o tivesse visto. Havia sem dúvida nele,

relativamente a mim, um desejo análogo, pois ele me fez , passando o , umpiscadela significativa à qual me apressei a obedecer. Eu o seguiatentamente, e logo desci atrás dele em uma residênciasubterrânea, deslumbrante onde explodia um luxo do qual nenhuma das habitaçõessuperiores de Paris poderia fornecer um exemplo aproxidoo . Pareceu-mesingular que eu pudesse ter passado tantas vez ao lado deste prestigiosorefúgio sem adivinhar a entrada. Lá reinava uma atmosfera exquisita,embora caprichosa que fazia esquecer quase instantaneamente todas ashorríveis mazelas da vida; respirava-se uma beatitude sombria,análoga àquela que devem ter experimentado os comedores de lótus quando,desembarcando em uma ilha encantada iluminada pelas luzes de uma eternatarde, sentiram nascer neles, ao som sonolento dasmelódicas cascatas, o desejo nunca mais rever suas casass , suasesposas, seus filhos, e de nunca is voltar às altas ondas domar..

Havia ali rostos estranhos de homens e mulheres, marcados por uma beleza fatal, que me parecia ter visto já em épocas e em países dos quais me era impossível lembrar exatamente, e que me inspiravam mais uma simpatia fraternal do que esse medo que normalmente nasce à vista do desconhecido. Se eu quisesse tentar definir de alguma forma a expressão singular de seus olhares, eu diria que nunca vi olhos brilharem mais energeticamente com o horror do tédio e do desejo imortal de se sentir viver.

Meu anfitrião e eu, já éramos, ao nos sentarmos, velhos e perfeitos amigos. Comemos, bebemos em excesso de todos os tipos de vinhos extraordinários, e, coisa não menos extraordinária, parecia-me, depois de várias horas, que eu não estava mais bêbado do que ele. No entanto, o jogo, esse prazer sobre-humano, havia cortado em diversosintervalos nossas frequentes libações, e devo dizer que joguei e perdi minha alma,em parte ligada , com uma despreocupação e uma leveza heroicas. A alma éuma coisa tão impalpável, tão frequentemente inútil e às vezes tão incômoda, que eunão senti, quanto a essa perda , mais emoção do que se eu tivesseperdido, em um passeio , meu cartão de visita.

Fumamos longamente alguns charutos cuja sabor e perfume incomparáveis davam à alma a nostalgia de países e de

felicidades desconhecidas, e, embriagado de todas essas delícias, ousei, em um acesso de familiaridade que não pareceu desagradá-lo, gritar, ao me apoderar de uma copa cheia até a borda : « À sua saúde imortal, velho Bode! »

Conversamos também sobre o universo, sobre sua criação e sua futura destruição; sobre a grande ideia do século, ou seja, do progresso e da perfeição, e, em geral, sobre todas as formas de infatuamento humano. Sobre esse assunto, Sua Alteza não se poupava de piadas leves e irrefutáveis, e se expressava com uma suavidade de dicção e uma tranquilidade na comicidade que não encontrei em nenhum dos mais célebres conversadores da humanidade.Ela me explicou a absurdidade das diferentes filosofias que até agora tomaram posse do cérebro humano, e se dignou até a me fazer confidência de alguns princípios fundamentais dos quais não me convém compartilhar os benefícios e a propriedade com quem quer que seja. Ela não se queixou de forma alguma da má reputação que possui em todas as partes do mundo, me assegurou que ela mesma era a pessoa mais interessada na destruição da superstição, e me confessou que só teve medo, em relação ao seu próprio poder, uma única vez, foi no dia em que ouviu um pregador, mais sutil que seus colegas, gritar no púlpito: "Meus caros irmãos, nunca se esqueçam, quando ouvirem exaltar o progresso das luzes, que a mais bela das artimanhas do diabo é convencê-los de que ele não existe!"

As lembranças deste famoso orador nos levaram naturalmente ao assunto das academias, e meu estranho convidado me afirmou que ele não desdenhava, em muitos casos, inspirar a pena, a palavra e a consciência dos pedagogos, e que ele assistia quase sempre em pessoa, embora invisível, a todas as sessões acadêmicas.

Encorajado por tantas bondades, perguntei-lhe notícias de Deus, e se ele o tinha visto recentemente. Ele me respondeu, com uma insouciência nuançada por uma certa tristeza: "Nós nos cumprimentamos quando nos encontramos, mas como dois velhos cavalheiros, em quem uma polidez inata não poderia apagar completamente a lembrança de antigas mágoas." É

duvidoso que Sua Alteza tenha dado alguma vez uma audiência tão longa a um simples mortal, e eu temia abusar. Finalmente, enquanto a aurora

tremulante clareava as janelas, essa famosa figura, cantada por tantos poetas e servida por tantos filósofos que trabalham para sua glória sem saber, me disse: "Quero que você guarde de mim uma boa lembrança, e provar que Eu, de quem se diz tanto mal, sou às vezes um bom diabo, para usar uma de suas locuções vulgares. Para compensar a perda irremediável que você fez de sua alma, eu lhe dou o prêmio que você teria ganho se a sorte tivesse sido a seu favor, ou seja, a possibilidade de aliviar e vencer, durante toda a sua vida, essa estranha afeição do Tédio, que é a fonte de todas as suas doenças e de todos os seus miseráveis avanços.Jamais um desejo será formado por você, que eu não o ajude a realizá-lo; você reinará sobre seus semelhantes vulgares; você será abastecido de lisonjas e até adorações; o dinheiro, o ouro, os diamantes, os palácios de conto de fadas, virão buscá-lo e lhe pedirão para aceitá-los, sans que você tenha feito um esforço para ganhá-los; você mudará de pátria e de país tão frequentemente quanto sua fantasia lhe ordenar; você se embriagará de prazeres, sem cansaço, em países encantadores onde sempre faz calor e onde as mulheres cheiram tão bem quanto as flores, – e cætera, e cætera..." acrescentou ele, levantando-se e me dispensando com um bom sorriso.

Se não fosse o medo de me humilhar diante de uma tão grande assembleia, eu teria caído de bom grado aos pés desse jogador generoso, para agradecê-lo por sua inusitada generosidade. Mas, aos poucos, após eu ter deixado sua presença, a incurável desconfiança voltou ao meu peito; eu não ousava mais acreditar em uma felicidade tão prodigiosa, e, ao me deitar, fazendo ainda minha oração por um resto de hábito imbecil, repetia em um meio sono: "Meu Deus! Senhor, meu Deus! faça com que o diabo me mantenha sua palavra!"

Charles Baudelaire, *Spleen de Paris, O jogador generoso*

* * *

Você quebra pedras, velho, sobre o caminho;

Seu chapéu humilde e furado se abre ao ar que o molha;
Sob a chuva e o tempo, seu crânio nu enferruja;
O calor é seu tirano, o frio é seu algoz;
Seu velho corpo tremendo estremece sob seu avental;
Sua cabana, ao nível do fosso da estrada,
Oferece seu teto de musgo à cabra que pasta;
Você ganha em seu dia justo o suficiente de pão preto
Para comer de manhã e para jejuar à noite;
E, fantasma suspeito diante do qual se recua,
Olhado de lado quando vem o crepúsculo,
Pobre ao ponto de alarmar os que vão e vêm,
Irmão sombrio e pensativo das árvores tremulantes.
Tu deixas cair teus anos assim como suas folhas;
Antigamente, homem então na força da idade,
Quando viste que a Europa implacável vinha,
E ameaçava Paris e a negra aurora que nasce,
E, mar de homens, rolava em direção à França apavorada,
E o Russo e o Huno sobre a terra sagrada
Se precipitar, e o norte vomitar Attila,
Tu te levantaste, pegaste teu forcado; naqueles tempos,
Tu foste, diante dos reis que dominavam o campo,
Um dos grandes camponeses da grande Champagne.
Está bem. Mas, vê, lá longe, ao longo do sulco verde,
Uma carruagem se aproxima, e, como um redemoinho,
Na poeira da noite que sacudes em tua testa,
Mistura o estalo da chibata ao trovão das rodas.
Um homem dorme lá. Velho, chapéu baixo! Este transeunte
Fez sua fortuna na hora em que tu vertias teu sangue;

Ele jogava para baixo, e subia à medida
Que nossa queda era mais profunda e mais certa;
Era preciso um abutre para nossos mortos; ele o foi;
Ele fez, trabalhador ávido e sempre à espreita,
Suor em nossos infortúnios de castelos e rendas;
Moscou encheu seus campos de fardos odoríferos;
Para ele, Leipzig pagava cães e lacaios,
E a Rérésina transportava um palácio;
Para ele, para que este homem tenha flores, bosques,
Parques em Paris mesmo abrindo suas largas grades,
Jardins onde se vê o cisne vagar sobre a água,
Um milhão alegre saiu de Waterloo;
Tanto que do desastre ele fez sua vitória,
E que, pra comê-la, torcê-la e bebê-la,
Este Shaylock, com a espada de Blucher,
Cortou sobre a França uma libra de carneOra,
de vocês dois, é a ti que se odeia , ele que se venera;Velho, tu n
o és mais que um mendigo, e este milionário,É o home
honesto. Vamos, de pé, e chapéu baixo!

Victor Hugo *O trabalhador e o jogador na Bolsa*

INTRODUÇÃO: COMPREENDER O IMPÉRIO

Já entender o título.

Composto, como *Sociologia do dragueur*, de textos curtos s'enchaînant logicamente para contar esse combate de ideias que é a História, sem omitir de resituar essas ideias na História que as viu nascer, *Compreender o Império* poderia muito bem ter se intitulado : *Sociologia da dominação* ou *Sociologia da mentira,* tanto Império e dominação pela mentira estão ligados.

Pouco acadêmico em sua forma, por respeito ao leitor, mas fruto de cinquenta anos de experiências combinando leituras e engajamento sem o qual não há verdadeira compreensão, esse ensaio pedagógico recapitula o percurso completo – indo da Tradição ao marxismo e do marxismo à Tradição – que só permite a atualização do processo de dominação oligárquica engajado desde mais de dois séculos no Ocidente.

Quanto à motivação do autor, o porquê de uma tal tomada de riscos para tão pouca adesão – a dominação imperial obriga – talvez uma vontade de entrar na lenda mais forte do que a de entrar na carreira? Entregadora da verdade que acaba por se impor como uma religião? Esse tédio mortal também que se sente ao conviver apenas com canalhas, submissos e idiotas no Olimpo.

Em resumo, uma virada de espírito que me ultrapassa, mas que faz com que eu não consiga, apesar das lições da vida e das decepções, me resolver como tantos outros deixados à margem do caminho, a esse cinismo de elite que conduz ao desprezo do povo e do bem comum.

1. DEUS E A RAZÃO

A República Francesa é invencível como a Razão, ela é imortal como a verdade. Quando a liberdade fez uma conquista tal como França, nenhuma potência humana pode expulsá-la.

Maximilien de Robespierre

Em todo lugar onde a burguesia conseguiu dominar, ela destruiu todas as condições feudais, patriarcais, idílicas. Impiedosa, ela desfez os laços multicoloridos da feudalidade que atavam o homem ao seu superior natural, para não deixar subsistir outro laço entre o homem e o homem que o interesse nu, o inexorável "pagamento à vista". Calafrios sagrados e fervores piedosos, entusiasmo cavalheiresco, mélancolia beócia, ela afogou tudo isso na água glacial do cálculo egocista.

Karl Marx

A REVOLUÇÃO FRANCESA

É preciso começar por um começo, mas a História não tem nem início nem fim. É, aliás, a esperança, a única, em um período de acumulação de derrotas: liquidação do gaullismo, desaparecimento do PCF, vitória do "sim" em Maastricht, eleição de Nicolas o pequeno, ascensão do CRIF... Pode-se estar perdendo de 15 a 0, ninguém nunca apita o fim do jogo e o esmagador vencedor do momento pode se tornar o perdedor de amanhã; um dia eleito, no outro mártir...

É sem dúvida isso que Nietzsche, zombando dos defensores ingênuos e brutais de um "sentido da História" pontuado pela Razão (boucherias napoleônicas), pelas Luzes (hecatombe industrial de Verdun) e pelo Progresso (atomização tecnicista de Hiroshima) chamava de "eterno retorno"... O eterno retorno que não é um conceito, mas uma intuição, um constatação.

Mas se a História nunca acaba, como a sucessão de gols em um jogo sem fim, há "momentos", marcos, saltos qualitativos (Soljenitsyne fala de "nós"), tempos em que, se tudo não muda, ao contrário do que proclamam os vencedores do momento, tudo se prossegue de outra forma.

E como estamos na França e somos franceses, essa história não começa pela Itália dos Borgia, pela Inglaterra de Cromwell, mesmo que algo de nossa modernidade já se jogue aqui e ali, mas por este outro grande momento que é a Revolução Francesa.

Não a mitologia revolucionária, este início do romance nacional que, necessariamente, como sempre que se trata de instilar na mente do povo sua submissão a uma nova ordem, faz dela uma luta do bem, luminoso, progressista contra o mal, obscurantista, absolutista; seja a Revolução Francesa no "sentido da história" vista por Jules Michelet, mas para dizer de forma ainda mais simples: quando Deus foi politicamente vencido pela Razão.

CATOLICISMO, IDEOLOGIA DA NOBREZA E RAZÃO, RELIGIÃO DA BURGUESIA

Por Razão, não se deve entender o racionalismo que prevalece nas ciências exatas (matemática, física), o que equivaleria a dizer que, pela Revolução Francesa, o velho mundo das velhas crenças religiosas foi logicamente vencido, superado pelo novo mundo da verdade das ciências. Uma visão que remete ao positivismo de Auguste Comte e à qual a carnificina da Primeira Guerra Mundial pôs um ponto final pelo desencantamento existencialista.

A História nos demonstrando que por trás da pretensão à cientificidade das ciências humanas, sociologia, economia... sempre se esconde a ideologia dos vencedores. E que quanto mais essa ideologia se adorna de cientificidade – o "socialismo científico" radiante sob Stálin foi o mais belo exemplo – mais essa razão científica e seu "sentido da História" geram loucuras nos atos: do genocídio vendeano à Revolução Cultural Chinesa.

Por vitória política da Razão política entendemos: quando uma ideologia de dominação, a Razão burguesa comerciante e racionalista, seja a nova religião toda nova e fervente da classe emergente, venceu o catolicismo, essa ideologia da realeza desgastada por mil anos de poder, na qual a nobreza ela mesma já não acreditava realmente.

Ninguém, talvez exceto o postilhador Mélenchon, teria a arrogância hoje, com a perspectiva, de afirmar que se tratava da luz diante das trevas, mas é, no entanto, o que era necessário acreditar na época para tentar essa grande aventura e empreender essa grande transformação. Extrair dessa crença a convicção e a violência necessária para derrubar, no assassinato e no sangue, o mundo antigo, usado e, finalmente, tão fraco do rei católico...

O MITO DO ABSOLUTISMO REAL

Aqueles que ainda acreditam no “absolutismo real”, lembramos existência dos “corpos intermediários”.

Como nos diz a*Enciclopédia Universalis: A antiga França era, desde a Idade Média, composta por grupos de indivíduos chamados corpos: colégios, comunidades, associações de pessoas com a mesma profissão ou mesma função na nação, reunidos tanto para a preservação de seus interesses particulares quanto para o bem comum. Esses corpos existiam com a permissão do soberano e eram subordinados a ele, embora sua existência fosse muitas vezes anterior à instauração de seu poder; eram os parlamentos, cortes e conselhos soberanos, corpos de médicos ou dadvogados, corporações e ofícios,companhas de comércio ou dindústria. Eles possuíam suas próprias leis e estatutos, o que não os dispensava de obedecer às leis gerais e das liberdades e privilégios que os garantiam contra o arbítrio e o despotismo. Como pessoa moral, um corpo podia possuir bens ou mover um processo para fazer respeitar seus costumes; tinha um status na sociedade, ao qual estavam atrelados honras e dignidades...*

O MITO DA UNANIMIDADE DO POVO REVOLUCIONÁRIO

Aqueles que ainda acreditam no descrédito e na reprovação popular unânime, lembramos os “Chouans”.

Sejam todos esses camponeses da Bretanha, do Maine, da Normandia, do Anjou, do Aveyron, da Lozère, da Vendée e do Poitou que, para se opor à nova ordem revolucionária e republicana, juntaram-se à armada católica e real porque do antigo ordem, embora do pequeno povo, encontravam-se muito bem...

O MITO DA IGUALDADE FRATERNAL

Finalmente, àqueles que ainda veriam na Revolução o nascimento da igualdade e da fraternidade reais, lembramos a “lei Le Chapelier”.

Seja a ascensão também, nas costas dos “direitos do homem” mas nas costas do pequeno povo do trabalho, do mais brutal liberalismo econômico! A lei Le Chapelier, promulgada na França apenas dois anos após a tomada da Bastilha, proscrevendo as organizações trabalhistas e os encontros de camponeses. Proibindo, de fato, as greves e a constituição de sindicatos, assim como as empresas não lucrativas como as mútuas. Não visando nem os clubes patronais, nem os trusts, nem as entidades monopolistas que nunca foram incomodadas, provoca, desde 1800 entre os trabalhadores carpinteiros, a formação de ligas privadas de defesa e de greves selvagens, que ela permite reprimir até Napoleão III...

O CATOLICISMO DE ESTADO OU NOSSOS ANTIGOS DIREITOS DO HOMEM: TRÉGUA DE DEUS, DEFESA DA VIÚVA E DO ORFÃO, GUERRA JUSTA

Além disso, ao contrário do que também é comum acreditar em nossos meios de conformismo livre pensante, a religião católica, embora ideologia do poder real, não foi apenas mentira, hipocrisia e pura traição de Cristo em sua colusão com a autoridade.

A Igreja também foi uma atenuação da violência consubstancial ao poder, assim como hoje nossos “direitos humanos” – religião da burguesia – se esforçam para atenuar as violências do liberalismo burguês sem nunca, também, questioná-lo.

Esse esforço de suavização da violência intrínseca ao poder pela Igreja, ao lado do poder real, foi, por exemplo, a partir do século X, “a paz e a trégua de Deus”. Um movimento espiritual e moral que se esforçava para limitar no tempo e em suas consequências, as atividades bélicas. Seu objetivo era pôr fim às guerras privadas entre senhores, cujos pobres – assim são designados aqueles que não podem se defender – eram as primeiras vítimas. Um movimento de pacificação iniciado pela Igreja que recebe, finalmente, o apoio do poder real e da alta nobreza para se tornar, em toda a cavalaria, a famosa moral cristã da “defesa da viúva e do órfão”.

Num mesmo espírito, mas em um nível social superior, a vontade dos papas foi também limitar os confrontos entre príncipes cristãos, esforçando-se para orientar seu fervor bélico para fora do espaço europeu, notadamente para o apoio ao Império Romano do Oriente através das cruzadas.

Outro exemplo ainda do papel autenticamente pacificador e cristão da Igreja é a teoria da "guerra justa" elaborada por Santo Tomás de Aquino. Em resumo, uma guerra era considerada justa pela Igreja, se e somente se:

– todos os meios para evitá-la foram empreendidos;

– se o resultado que se pode esperar em termos de bem é melhor que a situação inicial;

– se seu objetivo é, portanto, o bem comum e não algum objetivo escondido; – e finalmente,

e acima de tudo, se essa guerra permanece limitada.

De fato, e como nos lembrará mais tarde Carl Schmitt, não há "guerra total" sob o Antigo regime dos reis muito católicos.

Lembremo-nos, aliás, mais perto de nós, do papel desempenhado ainda pela Igreja em suas tentativas de mediação para evitar a Primeira Guerra Mundial. Tentativa, notadamente, de paz separada com a Áustria que foi rejeitada pelos aliados, Clemenceau à frente, que queriam todos a destruição completa dos Impérios centrais...

FIM DA ONIPOTÊNCIA CATÓLICA E GUERRAS DE RELIGIÕES

Um duplo movimento de pacificação, dos nobres em relação aos pobres e dos nobres entre si, sem o qual se pode estimar que o Ocidente do Medieval, corroído pela multitude de guerras minúsculas e intestinas, não teria conhecido o crescimento que teve. É, aliás, a Guerra dos Cem anos, e sobretudo as guerras de religiões – ou seja, o fim da onipotência católica – que porá um termo a este período de paz cujo modelo de governo, segundo a Igreja, foi o reinado de São Luís.

A RIVALIDADE CRESCENTE DO REI E DA NOBREZA

De fato, resulta de mil anos de reinado e de colaboração do poder real e da Igreja, um papel global de pacificação e dadministração da França. Uma divisão de poderes onde o rei e a Igreja foram frequentemente os dois recursos dos pobres frente aos abusos da nobreza. Os reis da França, aliás, afirmaram e reforçaram progressivamente seu poder, junto a seus súditos, defendendo os pequenos contra os grandes. O que explica, em particular, a precocidade da abolição do servilismo na França, o rei tendo todo interesse, frente à nobreza terrena e seus servos, em ser o suserano do maior número de homens livres.

Uma história interna da monarquia francesa que, ao contrário da mitologia revolucionária e republicana, se resumiu muitas vezes a um confronto do poder real contra a nobreza que tentava, ela, ou restaurar, ou aumentar seus privilégios. E pode-se até dizer que é essa incapacidade da monarquia de eliminar essa nobreza parasitária, mais a escolha, a partir do reinado de Luís XIV, de se apoiar na burguesia para alcançar esse objetivo (de Colbert a Turgot) em vez de reformá-la à inglesa, que levará à Revolução.

JAMAIS MUDANÇA FOI DESEJADA PELO POVO

Para continuar a desfazer o romance nacional, acrescentemos que jamais mudança foi desejada pelo povo, e que nada é mais mentiroso que a cena final do filme de Tavernier, *Que a festa comece,* onde se quer nos fazer crer, ao fazer passar camponeses diante de uma carruagem em chamas, a uma aversão do pequeno povo camponês pelo poder real. Pois dentro de uma França agrícola a mais de 80% (ela permanecerá assim até o meio do XXe século), o povo é a camponês e a camponês é tudo, exceto revolucionário. Mais inclinada a respeitar a autoridade sagrada, portanto o catolicismo e o rei, o povo camponês, ao sabor das mais ou menos boas colheitas, tem no máximo algumas cóleras, jacqueries esporádicas

frequentemente voltadas para o parasitismo local, mas sem um projeto revolucionário pensado e teorizado. Frente aos abusos da nobreza, sua frase não é: “Morte ao tirano”, mas ao contrário: “Se o bom rei soubesse”.

Na prática, como com Tavernier – típico dessa burguesia de esquerda de cultura trotskista que traveste sempre a voz do povo sem ser – tudo se joga nas cidades, nos salões, nos clubes, em Paris...

O POVO É O TERCEIRO ESTADO, MAS O TERCEIRO ESTADO É A BURGUESIA

Em Paris, onde os teóricos da revolução podem dizer, com toda razão, que o povo é o Terceiro Estado, ou seja, nem a nobreza nem o clero, efetivamente duas classes não produtivas, portanto parasitárias.

Somente, se do Terceiro Estado se subtrai a camponesa fiel ao rei, sujeita a Deus e nada revolucionária, então desse povo não resta, por esse truque, senão a burguesia. Seja essa fração de classe minúscula, não mais numerosa que a nobreza que pesa, como todo poder, um por cento da população global, mas que fala em nome do povo: juízes, advogados, clérigos, ricos não-terrenos nos bastidores. Uma fração de classe que não é mais do povo há muito tempo, mas que possui todas as cartas e uma parte das chaves, já, para exercer seus plenos poderes...

COMO A ARISTOCRACIA SE MATOU

Mas se a burguesia revolucionária pôde matar Deus, a nobreza e o rei tão facilmente, é porque esse trabalho de destruição havia sido feito por dentro e que a aristocracia já havia se matado.

Primeiro pelo Edito de Paulette, que faz entrar o verme burguês, \sob o nome de nobreza de toga, no fruto aristocrático pela venalidade das funções. Decisão que marca o início da tomada do poder de

dinheiro e serviços sobre o da grande propriedade fundiária e da função militar; ou seja, o início da contestação do poder da aristocracia.

Depois sob Luís XIV, pela lógica e estratégia política de Versalhes, onde o poder real, marcado pela Fronda dos príncipes e para sujar a oposição da nobreza, escolhe, em vez de tentar reformá-la, pushá-la em sua função parasitária, ao risco de se confiar exclusivamente agora à burguesia de negócios (de Colbert a Necker), ao mesmo tempo em que delegitima junto ao povo a ordem aristocrática.

Um duplo suicídio prático ao qual se deve adicionar o suicídio ideológico que é a adesão, por toda a alta nobreza culta, incluindo o rei, as ideias da *Enciclopédia.* Tanto de ideias novas que transformam profundamente a velha nobreza francesa em uma intelligentsia muito bem descrita por Georges Sorel em *As Ilusões do Progresso.* Uma aristocracia de salão cada vez mais desconectada da mecânica concreta de um poder há muito hereditário, e que não compreende mais — como mais tarde a intelligentsia russa pré-revolucionária, ela também frequentemente proveniente da nobreza – ao preferir o charme da dialética para espíritos finos à obscura escolástica, não faz apenas uma escolha intelectual e estética, ela também corta o galho no qual está sentada.

Pois, quando o catolicismo não é mais compreendido pela nobreza como ideologia de dominação e ordem do mundo, mas como tema de debate filosófico (debate, sem dúvida, fascinante, mas quão perigoso, conduzido suavemente pelo gênio de nossos filósofos cristãos dos séculos XVII e XVIII, de Pascal a Rousseau passando por Voltaire, gênios cada vez mais filósofos, mas cada vez menos católicos); quando uma ideologia de ordem e dominação cai na armadilha da questão da verdade, no final, é a classe dominante que ela sustenta e legitima, que ela coloca em questão por completo, deixando-a nua, diante das forças produtivas, na frivolidade de seu parasitismo.

AS TRÊS MORTES DA IGREJA CATÓLICA

Assim, a burguesia revolucionária mata Deus e, com ela, uma aristocracia que, sem se dar conta, já renunciou a si mesma.

Neste ponto, poderia-se pensar que a Igreja, liberada do poder real, poderia voltar a ser a religião dos pobres e dos primeiros cristãos. Mas, para salvar seus privilégios terrenos, e porque a burguesia, após a radicalidade robespierrista do "Ser Supremo", percebe também que era melhor, por um tempo, contar ainda com ela, o clero entrou em um lento processo de submissão e colaboração com a ordem burguesa.

Submissão progressiva e colaboração que matarão o catolicismo uma segunda vez, desta vez de dentro, para transformá-lo – e apesar de uma oposição interna expressa pela muito respeitável "doutrina social da igreja" – em um moralismo burguês de direita, finalmente complementar, na mascarada democrática bipartidária, do moralismo burguês de esquerda encarnado, este sim, pelo pensamento maçônico.

É esse catolicismo da bigotaria de província, tornado ideologia de direita da Terceira República, que fazia, com razão, gritar de raiva e clamar por traição este grande católico da Idade Média e das catacumbas que foi Léon Bloy.

Abandonado pelo poder, destruído de dentro, a terceira morte do catolicismo ocorrerá finalmente durante o concílio Vaticano II. Uma submissão desta vez não apenas prática e política, mas teológica (na História, a teoria sempre segue a prática) ao moralismo sincrético de esquerda, na esteira da Declaração Universal dos Direitos Humanos promovida pela ONU.

Nova Igreja da submissão e do renunciamento cuja revista *Golias*, dos prelados do calibre do cardeal Lustiger ou monsenhor Gaillot ão a consequência e a ilustração...

VATICANO II OU O CHAMADO À FRATERNIDADE UNIVERSAL

Iniciado pelo Papa João XXIII e pretendendo ser uma abertura ao mundo moderno, de fato cada vez mais antirreligioso, pode-se comparar o Vaticano II

– 2 para fazer moderno, como na mesma época Parly 2 ou Vélizy 2 – à Perestroika de Gorbatchev. Uma profunda reavaliação de si mesmo e uma concessão aos outros, interpretadas não como uma abertura generosa, mas como um reconhecimento de fraqueza que precede o colapso.

Domínio do globalismo capitalista americano-protestante, sentimento de culpa em relação aos judeus perseguidos pelo regime nacional-socialista alemão, o Vaticano II, além do álibi pastoral e doutrinal, deve ser compreendido muito literalmente como a submissão da Igreja Católica à nova relação de forças resultante da Segunda Guerra Mundial, dentro do campo ocidental.

Além de uma mão estendida aos budistas e hindus sem consequência, uma vez que fora da esfera monoteísta mediterrânea; junto a uma declaração fraternal, já mais política, dirigida aos muçulmanos em plena descolonização (o que explica em parte isso) por sua crença no mesmo Deus abraâmico e por sua devoção mariana, e isso apesar de sua não reconhecimento da divindade de Cristo; o principal aspecto do Vaticano II é sem dúvida a declaração segundo a qual*« com aqueles que, batizados*, *s'honoram do nome de cristãos*, *mas não professam integralmente a fé ou não mantêm a unidade da comunhão com o sucessor de Pedro, a Igreja se sabe unida por múltiplos laços ».* Declaração que explicitamente volta a renunciar, no plano teológico, a opor-se à Reforma protestante.

Pior ainda, neste espírito de coabitação fraternal que esconde, na realidade, uma pura rendição teológica, está a declaração segundo a qual, em nome das perseguições sofridas pelos judeus ao longo da História, a Igreja renuncia por sua ação a opor a Nova Aliança à Antiga. Uma Nova Aliança que, no entanto, é explicitamente realizada pela Paixão do Cristo para superá-la e aboli-la. Uma renúncia doutrinal por razões políticas que, na verdade, por uma teologia de contrabando, admite sua coexistência. E como os judeus, ao mesmo tempo, não reconhecem, eles, a Nova Aliança que nos faria todos judeus, essa declaração de « fraternidade universal » com traços maçônicos retorna, em boa lógica, a fazer pura e simplesmente do catolicismo, um subproduto do judaísmo que, além disso, não é reconhecido por ele!

Assim, pelo Vaticano II, os católicos são obrigados a reconhecer os judeus como seus « irmãos mais velhos » na Igreja, enquanto os judeus, eles, continuam a considerar Cristo, na melhor das hipóteses, como um rabino apóstata que abjurou na Cruz (*« Eli, Eli, lama sabachthani »*: « Deus, Deus, por que me abandonaste? »), o que equivale pura e simplesmente a negar a Igreja e a professar seu desprezo.

Assim, pelo Vaticano II, Dom Lustiger, convertido ao catolicismo em 1940 (período de conversão, para dizer o mínimo, ambíguo) será levado, para seu último descanso na catedral de Notre-Dame de Paris, não mais pela leitura do Pai Nosso, mas pela do Kaddish. A missa é dita...

AS SOFRIMENTOS E O DECLÍNIO DA BURGUESIA CATÓLICA

Como testemunha a obra de Bernanos, que se tornou perfeitamente incompreensível para as gerações oriundas do libertarismo pós-maio de 68; como expressam seus romances que incansavelmente encenam a colisão do catolicismo e do pensamento burguês em um tormento moral insolúvel, esta religião apaixonada, sacrificial – não do livro e da letra, mas do espírito e da encarnação – é incompatível com o espírito burguês, que é perfeitamente judaico-protestante.

Por sua fé de humildade e doação, o católico burguês, a menos que não se converta à "modernidade", será sempre um burguês mal a vontade, lutando contra si mesmo e cuja submissão ao mundo mercantil do egoísmo e do cálculo não pode levar senão à renúncia à sua fé, ou à sua inadequação.

É por isso que o catolicismo autêntico, residual, não é mais hoje do que uma prática marginal de desclassificados chamados "integristas" pelo novo poder, simplesmente porque eles se esforçam para permanecer católicos íntegros em um mundo que programou sua desintegração.

Podemos, claro, nos perder em conjecturas sobre o que poderia ter se tornado ou retornado a Igreja se ela tivesse escolhido, após o rei, a ruptura total com um mundo burguês tão distante dela.

Mas, diante do peso do real, o que poderia fazer essa instituição forçosamente desgastada e comprometida por mil anos de compartilhamento do poder real, diante da ideologia toda nova da Razão e das Luzes que, ela, podia prometer tudo por nunca tê-lo exercido?

O que poderia fazer, em um mundo cada vez mais materialista e tecnicista, uma religião que só tinha o céu como promessa e a humildade como vetor, quando a nova religião da fraternidade universal e da eleição suave prometia, ela, em nome da própria razão, o paraíso na terra pela democracia da liberdade e da igualdade?

LAICIDADE = MAÇONARIA

Em boa lógica, o contrário da religião é a laicidade. Mas na realidade histórica, política, a luta anticlerical, travada exclusivamente contra a religião católica, foi obra de outra igreja: a do "grande arquiteto do universo" e da maçonaria.

Apresentada na Grã-Bretanha no século XVII e introduzida na França no século da Revolução, a maçonaria francesa, além da diversidade de suas capelas (Grande Oriente da França, Grande Loja de França, Grande Loja nacional francesa, Federação francesa do Direito Humano...) gosta de se descrever como uma *associação essencialmente filosófica e filantrópica* e como um *sistema de moral propagado de forma iniciática e por cooptacão.*

Na prática, ela é uma contra-Igreja, alternativa à Igreja católica. Ameaça muito cedo identificada pelo papa Clemente XII que, desde 1738, a condena pela bula *In eminenti apostolatus specula*. Uma ação sem efeito, uma vez que nenhuma bula poderia ter valor de lei no reino da França sem ser registrada pelo Parlamento; o que o dito parlamento, já amplamente maçônico na época, se guardou bem de fazer.

E mesmo que a maçonaria pré-revolucionária pudesse contar no início com numerosos aristocratas – Philippe Igualdade, que votou pela morte do rei (e que provavelmente era o homem dos ingleses), foi um dos primeiros grandes mestres do Grande Oriente. Mesmo que a maçonaria pré-revolucionária contasse também com numerosos sacerdotes, seu humanismo social, inspirador da nossa *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão,* em espera da « Declaração Universal dos Direitos do Homem », estava diretamente em concorrência com a ordem católica e a monarquia...

MAÇONARIA DE ONTEM E DE HOJE

O que se pense da maçonaria, é evidente que ser maçom sob Luís XV, como Casanova ou Mozart, era a marca de um espírito livre ou idealista que buscava se libertar do poder em vigor (o da Igreja e do rei), ser maçom a partir da República é estar dentro do poder.

Um poder que culminará sob a Terceira República pela lei de 1905 – lei dita de « separação das Igrejas e do Estado » – mas, na realidade, a desapossamento do último bastião espiritual e político que restou nas mãos da Igreja católica, que era a educação das crianças. Uma responsabilidade de formatar as mentes e as almas, crucial para a dominação, agora confiada aos professores leigos de cultura ou de obediência amplamente maçônica. Adicionemos, para termos uma ideia ainda mais precisa desse humanismo maçônico *fato de ocultismo e de cooptacão iniciática*, que A Internacional Comunista proibiu, desde 1922, a dupla pertença à loja e ao Partido. A pertença à maçonaria sendo considerada então pelos comunistas como uma traição de classe.

Uma proibição que valerá a todos esses maçons, privados de comunismo, de acabar socialistas no Grande Oriente da França.

Adicionemos finalmente que a maçonaria europeia é, na mesma época, a origem da Sociedade das Nações, como após a guerra da ONU, e ela mesma o pródromo do futuro governo mundial...

A MAÇONARIA, CLÉRIGO OCULTO DA REPÚBLICA

Como o poder real, militar e econômico, confiava à Igreja os domínios complementares do espiritual e da ideia, o poder burguesa também tem seu clero, encarregado de aplicar ele também, com mais ou menos felicidade, o cautério humanista sobre a bota da opressão econômica da qual todos sabem que é mais de ferro do que de madeira.

Uma maçonaria erguida sobre as cinzas do antigo poder da Igreja que se tornou, de fato, a nova religião do poder, o clero da República burguesa e, no plano internacional, a nova ordem dos jesuítas da República mundial.

Uma ordem oculta que passou pouco a pouco, do XVIII ao XX século, da maçonaria simbolista e grandiosa de um Rudyard Kipling (expressa em seu poema Se..., que termina com o famoso verso *Tu serás um homem, meu filho!)* àquela bem pouco filosófica e ainda menos laica de um Alain Bauer, ex-grande mestre do Grande Oriente, hoje encarregado das questões de segurança ao lado de Nicolas Sarkozy. Mas, ao contrário do poder da Igreja, oficial ao lado do rei, esse poder maçônico na República sempre foi negado, escondido, vergonhoso. Devemos nos perguntar por quê.

Sem dúvida porque a democracia da Agora, a República da igualdade cidadã está, evidentemente, aos antipódios *duma filosofia filantrópica oculta propagada de forma iniciática e por cooptacão,* que, além disso, atravessa fronteiras e classes.

E isso talvez não seja uma coincidência se o símbolo desses ferozes construtores da democracia laica e republicana não é, como se poderia esperar, o panteão dos gregos, mas mais estranhamente, o templo de Salomão...

MAÇONARIA DE ONTEM E DE HOJE: CFR. TRILATERAL. BILDERBERG...

Hoje, na era do globalismo, a maçonaria francesa tradicional, com seu afairismo provincial e médio-burguês, está sem dúvida em declínio, não quanto ao número de seus iniciados, mas quanto à sua influência sobre o andamento da República.

E é sem dúvida porque, doravante, as decisões que dizem respeito à nossa Nação são decididas em nível mundial nessas novas maçonarias para a hiperclasse que são os *think tanks* no estilo Bilderberg, CFR e Trilateral, que a maioria de nossos grandes meios de comunicação respeitáveis – e não apenas o *Crapouillot* – saem cada vez mais frequentemente com processos sobre o escândalo que constitui efetivamente o poder oculto da maçonaria reinando silenciosamente sobre a democracia francesa.

Mídias corajosas que finalmente se atrevem a enfrentar o poder que as paga agora que ele está em outro lugar...

DEUS OU UMA SOCIEDADE DE CLASSES SEM LUTA DE CLASSES

Com a morte de Deus, para a burguesia do igualitarismo abstrato e formal, veio o início dos problemas. Pois neste mundo sem paraíso e sem céu da imanência absoluta surge inevitavelmente o que Charles Péguy chamava de "luttismo de classe". Ou seja, o fim da crença popular em uma ordem divina; o fim do equilíbrio também dos corpos intermediários e da solidariedade vertical dos corporativismos.

A estratégia do poder burguês sendo então, apoiada tanto na mentira progressista quanto na estupidez reacionária, nos apresenta um mundo feito de dois campos: à esquerda, o bem, o Progresso; à direita o mal, a Reação, ancestral de todos os fascismos. As mentes livres conseguem, ao melhor, perceber que, o poder produzindo a mitificação do vencedor e diabolização do vencido, o mais maligno dos dois não é necessariamente aquele que se acredita.

Mas que se escolha submeter-se à nova ordem ou que se lhe oponha uma crítica viril à maneira de Louis de Bonald ou Joseph de Maistre, o essencial para a dominação burguesa é que todos continuem a pensar, como no esporte, que só existem dois campos, duas equipes:

esquerda e direita, progressistas do lado dos pobres, dos pequenos; reacionários do lado dos ricos e dos grandes.

Ou seja, como diz Arlette que bem merece do Sistema do alto de sua útil ingenuidade: “patrões e trabalhadores”. Mesmo que, ao olhar mais de perto com as lentes de Marx, esses patrões sejam às vezes trabalhadores e esses trabalhadores pequenos rentistas...

REACIONÁRIOS, CONSERVADORES, PROGRESSISTAS E LIBERAIS

Uma mitologia da luta progressistas / reacionários – pitch de todo o romance nacional – que esconde a complexidade das lutas e a quem ela beneficia.

Pois, entre os progressistas, existem na realidade dois campos opostos

– os progressistas de esquerda, populares e sociais, inspirados por Rousseau;

– os progressistas de direita, burgueses e liberais, inspirados por Voltaire.

Progressistas que acreditam e esperam na modernidade, mas por razões diametralmente opostas:

– os primeiros aguardando a igualdade e a fraternidade cidadã efetivas pelo mais justo compartilhamento do trabalho e das riquezas;

– os segundos, a igualdade em direitos e a liberdade de empreender; ou seja, o direito de explorar sem entraves, livres das proibições morais do Antigo Regime sobre o dinheiro. O egoísmo de uns, segundo o credo liberal raramente demonstrado, fazendo a prosperidade dos outros.

Da mesma forma, entre os reacionários, dois campos igualmente:

– aqueles que querem conservar seus privilégios de arrogância e parasitismo em nome do direito divino;

– aqueles que, diante da onda liberal e de sua violência social (inaugurada logo após a Revolução pela lei Le Chapelier)

querem conservar o que havia de bom, de medido e de humano na tradição.

Conservadorismo de esquerda que dará origem à revolta dos Ludditas na Inglaterra, à dos Canuts na França e que foi, em parte, a causa da insurreição vendéenne.

Uma direita anti-liberal se unindo à esquerda radical em sua crítica a um certo progresso, e que será encontrada meio século depois no sindicalismo revolucionário, nos pensamentos de Pierre-Joseph Proudhon e de Georges Sorel. E ainda menos de um século depois na Alemanha na Revolução conservadora de um Ernst Niekisch, frequentemente confundida com o Nacional-socialismo...

A MECÂNICA REVOLUCIONÁRIA

Por trás da mitologia revolucionária do bem triunfando sobre o mal, se desdobra a mecânica muito menos binária, mas recorrente da Revolução.

Mecânica muito bem descrita por Soljenitsyne no segundo período (aquele do retorno do exílio e de Dois Séculos Juntos) a respeito da Revolução Russa. Uma mecânica feita de manipulação, liquidação e recuperação que veremos novamente em ação na África no momento da descolonização.

Assim, para voltar à Revolução Francesa matricial, não mais como a apresenta o romance nacional, mas vista dos bastidores:

Fazer o trabalho sujo pelos progressistas de esquerda (Robespierre e Saint Just) a fim de liquidar os reacionários de direita: a nobreza terrena e depois o poder real agarrados aos seus privilégios hereditários. Para que os progressistas de direita – na verdade a burguesia de dinheiro já nos negócios – uma vez livrados dos progressistas de esquerda (liquidação de Robespierre e Saint Just) possam finalmente foder todo mundo: espoliar a nobreza e colocar os antigos servos, futuros proletários, para trabalhar!

Os primeiros, idealistas montanheses, que acreditavam nas ideias, descobrindo um pouco tarde, ao subir ao cadafalso, que seus companheiros de jornada, Girondinos e outros negociantes escondidos nas sombras, não acreditavam senão no dinheiro.

Ou, dito de forma ainda mais simples: descobrindo, mas um pouco tarde, por trás da mitologia bipartite do bem de esquerda lutando contra o mal de direita, a sorrateira vitória do Banco...

2. DEUS, A RAZÃO E O BANCO

É apreciável que o povo desta nação não compreenda nada do sistema bancário e monetário, pois se esse fosse o caso, eu penso que estaríamos enfrentando uma revolução antes de amanhã de manhã.

Henry Ford

Eu sou apenas um banqueiro fazendo o trabalho de Deus.

Lloyd Blankfein, CEO do banco Goldman Sachs

PETITE GÉNÉALOGIE DE LA BANQUE : AU DÉBUT ÉTAIT LE DON

Primeiro, tudo começa pela sociedade do dom. Do dom e do contra-dom, da troca, onde a noção de empréstimo com juros – ao contrário do empréstimo por prestígio: "eu dou, logo eu sou" – é inconcebível.

São as sociedades ditas "primitivas", com seu funcionamento descoberto por Robert Harry Lowie (o potlatch, a troca simbólica não utilitária) estudadas por Marcel Mauss, e que tornam toda lógica liberal impensável.

Sociedades que funcionaram em todo lugar, durante milênios, das quais Pierre Clastres nos faz elogios através de sua observação dos índios da América, "esses magníficos perdedores" que ainda viviam sob esse princípio há um século e meio. Sociedades das quais Jean-Claude Michéa observa que são as únicas duráveis, enquanto a sociedade dita "liberal", baseada no princípio inverso – o empréstimo a juros do indivíduo egoísta – existe, na melhor das hipóteses, há apenas dois séculos e gerou, logicamente, mais violência e instabilidade do que qualquer outra organização social antes dela. ..

DA SOCIEDADE DO DOM À SOCIEDADE DO DINHEIRO

É preciso então entender como as sociedades humanas puderam passar do dom por prestígio ao empréstimo por interesse. Da falta de elegância à feiura, da nobreza à usura.

Sem dúvida, o desenvolvimento inevitável das forças produtivas, devido ao homo sapiens e ao homo faber – ao gênio inventivo e técnico do homem – permitiu à humanidade passar progressivamente de uma sociedade de estrita sobrevivência – come-se tudo o que se produz – para a sociedade de produção de excedentes. Excedentes de artefatos: agricultura (e não mais coleta) objetos manufaturados (ferramentas, cerâmicas...) que podem, a partir de então

ser trocados em um mercado, por razões utilitárias, ou seja, o início do comércio.

Trocados que se amplificam e se generalizam e que, após a fase inicial do escambo, levam necessariamente à ideia prática de um meio abstrato e polivalente de troca generalizada: a moeda.

E quem fala em moeda fala em dinheiro: ideia de acumulação de riquezas para a riqueza. Uma acumulação que pode, a partir de então, em um campo social que foi modificado e desespiritualizado por esse processo, vir a concorrer com o prestígio do dom e acabar, fatalmente, por substituí-lo.

Uma tomada de poder pelo dinheiro contra o prestígio da autoridade muito bem mostrada, por exemplo, no belo filme sobre o fim de uma certa aristocracia indiana – da Índia desta vez: O Salão da Música de Satyajit Ray.

DE L'ARGENT À L'IDÉE DU PRÊT

O dinheiro acumulado, proveniente da troca comercial, leva necessariamente à ideia do empréstimo. E em uma sociedade comercial de acumulação, mais do que o empréstimo gratuito para o prestígio e o prazer de fazer trocas, onde a dominação simbólica provém da elegância e da magnanimidade do credor (mecanismo sempre vivo na esfera íntima e privada, quando dois homens se enfrentam pelo prestígio de pagar a conta no restaurante), mas do empréstimo para a dominação material pelo dinheiro; ou seja, o poder vil acima do prestígio...

LE PRÊT À INTÉRÊT INTERDIT MAIS AUTORISÉ À LA MARGE

Mais um pé nas sociedades tradicionais da nobreza e do dádiva, as sociedades sob leis comerciais, mas sempre religiosas – ou seja, por exemplo, nossas monarquias cristãs da Idade Média – têm ainda a consciência de que o prestígio social, para que a sociedade permaneça à imagem de Deus, deve vir da nobreza de atitude e de alma.

Assim, proíbem, por razões religiosas, ou seja, espirituais e morais, o empréstimo a juros...

Mas como o desenvolvimento do comércio e das trocas nesse mesmo período – dizemos a partir do século XIII – também torna o empréstimo necessário para seu desenvolvimento, e que não pode mais haver, em uma sociedade de comércio e dinheiro, empréstimo sem juros – o empréstimo de dinheiro sem juros não tendo literalmente "nenhum interesse" – a Igreja, ao mesmo tempo espiritual e prática, ou seja, social, autoriza esse empréstimo, mas à margem.

Portanto, confia essa prática ao mesmo tempo ignóbil e necessária – tanto socialmente material quanto espiritualmente antissocial – a uma casta amaldiçoada, mantida fora da sociedade de Deus, por quem circulará o dinheiro, mas a quem se guardará bem, para que não venha ameaçar, com sua acumulação de lucro, a ordem social baseada no prestígio e na despesa, de lhe conceder qualquer direito político.

Assim, existirá, durante alguns séculos, uma sociedade dupla, uma oficial, prestigiosa e suntuosa, tendo o poder pela nobreza e pela terra, mas apoiando-se suavemente em uma casta oculta, officiosa e maldita, acumulando progressivamente na humilhação a riqueza da usura; enorme meio, por outro lado, de corrupção e de dominação.

E é por meio deste ácido material da tentação, corroendo cada vez mais a sociedade espiritual, que chegará fatalmente o momento da destruição do Príncipe, pela abolição dos privilégios hereditários da nobreza e a igualdade cidadã. Igualdade cidadã ratificando nos fatos o poder exclusivo do dinheiro, e pela qual o Banco, pouco a pouco, tomará os plenos poderes.

Esse momento é precisamente aquele da Revolução Francesa onde Robespierre mata o rei, e depois o Banco mata Robespierre. Seja uma revolução, além da vestimenta formal igualitária, com motivações ocultas perfeitamente antissociais e antipopulares...

O EMPRÉSTIMO AUTORIZADO ENTRE OS CRISTÃOS

Mas as coisas não são, evidentemente, tão lineares.

Paralelamente a este sistema de proibição autorizado à margem pelas sociedades muito cristãs, se desenvolvem outras metástases e outras lógicas do Banco.

Isso será, por exemplo, a Renascença italiana com seus papas banqueiros, oxímoro teologicamente herético que, notavelmente com os Borgia, prejudicará duradouramente a respeitabilidade da catolicidade e levará, em parte, à Reforma.

Seja o protestantismo sob sua forma espiritualista e popular de retorno à pureza original cristã. Jesus sendo por excelência a encarnação ocidental do dom e da ordem social pelo intercâmbio desinteressado.

Isso será, outra resposta mas inversa, a modificação teológica da Reforma, compreendida desta vez como adaptação dos valores cristãos à sociedade do comércio e do interesse.

Seja o protestantismo, não como recusa do papismo decadente e ostentatório – o que também foi – mas o protestantismo tal como o define Max Weber, como ética do capitalismo nascente onde o burguês, ainda religioso, acumula riqueza e não se enriquece ainda para si mesmo, mas para a maior glória de Deus.

A LÓGICA VITÓRIA DA REFORMA PROTESTANTE SOBRE A TRANSGRESSÃO CATÓLICA, OU DE VENEZA À CITY

A solução protestante, adaptando a teologia à prática em vez de bafuar de forma ultrajante como os papas banqueiros católicos, triunfará logicamente com o tempo.

Assim, o banco cristão, inicialmente católico e italiano, sucumbirá ao crime familiar e à tragédia épica, enquanto a prática protestante e burguesa industriosa triunfará para se tornar

mundo, primeiro no mundo reformado alemão, depois no mundo ocidental como um todo, através do puritanismo anglo-saxão.

Estamos, aliás, sempre lá hoje, onde dois princípios bancários coexistem no Ocidente, um protestante e de forma mais ascética e empreendedora; o outro mais difícil de nomear e mais especulativo. Princípios ora aliados, ora concorrentes...

JUNÇÃO DO BANCO E DA COROA DA INGLATERRA: NASCIMENTO DO IMPÉRIO

Dois princípios contrários que, aliados, produzem evidentemente um enorme salto qualitativo.

Será a aliança da nobreza e do banco historicamente realizada, desta vez, pela coroa da Inglaterra. Aliança e salto qualitativo que podemos considerar, no sentido em que a entendemos, como ato de nascimento do Império.

Aliança da Coroa e do Banco que produzirá um poder de dominação sobre o mundo sem comparação com as experiências anteriores, italianas ou germânicas. A força de modificação sobre a marcha do mundo da Companhia das Índias Orientais indo muito além da teologia reformada e da epopeia familiar dos Borgia...

Um poder imperial que se amplificará ainda mais, veremos, ao passar da Coroa e da City, para Wall Street e os Estados Unidos d'América como frequentemente menciona, de forma obscura e contraditória, o populista americano Lyndon LaRouche...

BANCO E PODER POLÍTICO, A PROGRESSIVA INVERSÃO DO RELACIONAMENTO DE FORÇA

No sistema monárquico católico, o banco se encontra, portanto, ao lado do poder, mantido em respeito. Brutalmente colocado em seu lugar às vezes,

como sob o reinado de São Luís, mas também desestabilizando às vezes, como no final do reinado de Luís XVI.

Com o sistema monárquico puritano inglês, ao contrário, o banco compartilha o poder, dando a essa aliança a priori contra a natureza, uma estabilidade e um poder inigualáveis.

Um poder multiplicado para o Príncipe, mas também um risco de ver inverter-se a relação de forças. Uma relação de forças estabelecida pelo poder regal – primeiro nas mãos do Príncipe – de emitir moeda. O controle da moeda sendo, em um mundo cada vez menos terrestre e mais capitalista, a chave da dominação econômica e política através da política das bancos centrais.

Assim, o trabalho do Banco, dentro desse poder compartilhado e não visível ao comum dos mortais, será inverter a relação de forças, notadamente esforçando-se para tomar o controle da moeda. Uma tomada de poder historicamente ratificada pela privatização dos bancos centrais. Uma tomada de poder nomeada pelos meios de comunicação cúmplices "independência", para significar que conseguiram escapar, no final da corrida, ao poder regal do Príncipe; ou seja, a todo poder e a todo controle político...

ABSTRAÇÃO E LÓGICA ASSOCIAL DO BANCO

O Banco se emancipa progressivamente de todo poder político para se tornar, na realidade, o poder político oculto exercido através da política dos bancos centrais (massa monetária, taxa de juros...), o Banco se liberta também logicamente de todo freio social.

A responsabilidade de levar em conta os efeitos sociais e humanos das políticas bancárias (especulação, desindustrialização, deslocalização, desemprego...) recai sempre, oficialmente e midiaticamente, sobre o Príncipe e os representantes políticos.

Um processo de dominação dos bancos, de sua visão abstrata e associal do mundo da troca que explica, por si só, a violência social e a desigualdade social agravada que paradoxalmente acompanha

o aumento das riquezas, assim como a crescente impotência dos políticos, na realidade sem poder, para resolver a Crise.

Os políticos, nessa lógica, tornando-se cada vez mais o pessoal comunicante pago pelo poder oculto bancário (ou seja, Ben Bernanke por trás e acima de Barack Obama) para levar os golpes em seu lugar e mentir ao povo ao nunca falar das causas reais e bancárias da Crise.

Uma observação válida na França tanto para a UMP quanto para o NPA.

O Banco, intrinsecamente fundado na abstração do número em detrimento do humano (especulação), liberado de qualquer freio político e social (independência dos bancos centrais) e protegido, além disso, por sua invisibilidade política e midiática (domínio do dinheiro sobre o político e os meios de comunicação) tornando-se progressivamente – considerando sua lógica própria – pura predação e pura violência.

Uma violência assumida e ainda mais acentuada pela ideologia de seus dirigentes e quadros, majoritariamente formados no igualitarismo desprezível do Antigo Testamento...

PEQUENA GENEALOGIA DO BANCO, CONTINUAÇÃO: DO EMPRÉSTIMO PRODUTIVO AO ROUBO PURO E SIMPLES

O Banco como força e princípio imperial não tem, portanto, nada a ver, no final, com o banco de depósito e empréstimo da esquina, seu ancestral e sua origem desvirtuada.

Um desvio cujas etapas sucessivas podem ser marcadas como tantos saltos...

PRIMEIRO EMPRESTAR DINHEIRO QUE SE TEM

O dinheiro emprestado a uns pelo banco de investimento e de depósito corresponde ao dinheiro depositado por outros, e a taxa de juros

reembolsada além do capital – ou seja, da massa monetária criada a mais em relação àquela já em circulação – corresponde também à criação de riqueza real de uma empresa auxiliada por esse investimento produtivo...

DEPOIS EMPRESTAR DINHEIRO QUE SE TEM... EM PARTE

O dinheiro realmente presente no banco, que não corre o risco de ser retirado ao mesmo tempo por todos os depositantes, rapidamente se torna uma grande tentação emprestar mais do que as quantias efetivamente depositadas.

Nasce então o "multiplicador", ou seja, uma fabricação de dinheiro scriptural, mas sempre destinado ao investimento produtivo. Dinheiro temporariamente fictício, mas tornando-se real no final pela criação de riquezas (valor agregado) devido ao investimento produtivo.

Um mecanismo de fuga para frente pouco perigoso sob duas condiçõe

Uma. Que a economia se encontre em uma fase de desenvolvimento e de crescimento ilimitados, como era o caso no momento da invenção de essa prática na Renascença.

Duas. Que uma autoridade política acima do Banco regule e limite essa prática em relação ao crescimento e ao desenvolvimento econômico real, e não apenas scriptural e especulativo...

EMPRÉSTIMO DE DINHEIRO QUE TEMOS CADA VEZ MENOS

Um controle e uma moderação da fuga para frente de empréstimos bancários, sem qualquer relação com os depósitos, chamados de "reserva fracionária".

Uma reserva fracionária imposta aos bancos pela política, mas que, pela força das coisas e considerando a evolução da relação de força entre a política e o dinheiro, tenderá ao longo do tempo a tender progressivamente para zero...

EMPRÉSTIMO DE DINHEIRO QUE NÃO EXISTE, MAS SEMPRE COM JUROS

Em decorrência desse lento processo de degeneração e de tomada de poder – um sendo permitido pelo outro – o Banco torna-se, portanto, progressivamente uma pura empresa de extorsão e desapossamento.

De fato, a massa monetária colocada em circulação pelos bancos sendo sempre superior ao crescimento possível (criação de valor agregado) e a taxa de juros, esta, mecanicamente impossível de ser paga. Este empréstimo de dinheiro, fictício, mas que apenas os bancos têm o poder de emprestar, equivale, portanto, através da garantia hipotecária sobre a ferramenta de trabalho e os bens, a uma lenta captação de todas as riquezas privadas pelo Banco.

O Banco se tornando assim progressivamente proprietário de tudo, sem nunca produzir nada, e com dinheiro falso como única aplicação de fundos!

Chegamos aqui ao que podemos chamar tanto de gênio quanto do verdadeiro segredo bancário...

EMPRÉSTIMO DE DINHEIRO QUE NÃO EXISTE, MAS SEMPRE COM JUROS E QUE SOMOS OS ÚNICOS A PODER
EMPRÉSTIMO, INCLUINDO AOS ESTADOS

Esse processo de endividamento desejado, fatal e generalizado, primeiramente aplicado ao mundo da empresa privada, conhecerá ainda um salto qualitativo com a privatização dos bancos centrais em todo o Ocidente.

Privatização dos bancos centrais correspondendo à última despossessão do Príncipe e do político de um poder régio fundamental. Um poder que era o de fazer emitir pelo banco nacional, sob controle do Estado, uma massa de dinheiro para os grandes investimentos públicos (Plano, desenvolvimento de infraestruturas, políticas sociais...) emprestada ao Estado a taxa zero.

Essa massa de dinheiro criada do nada, mas garantida pelo Estado em títulos do Tesouro tornando-se, como no período virtuoso do banco de deposito e de investimento, riqueza real a longo prazo, absorvendo essa massa monetária adicional, pela produção de riquezas efetivamente permitidas e produzidas por esses investimentos públicos; ou seja, do desenvolvimento, e não da inflação.

Inflação pura, de fato, se o poder político, por demagogia eletoral, começa a abusar da máquina de imprimir dinheiro. Razão invocada para privatizar o sistema sem mudar nada, exceto reservar esse direito de abusar apenas para os bancos privados...

DO BANCO ACELERADOR DE DESENVOLVIMENTO AO BANCO PARASITA: FIM DAS POLÍTICAS SOCIAIS, JUROS DA DÍVIDA, EXTORSÃO DOS BANCOS E TRAIÇÃO DOS POLÍTICOS

Ou, com a privatização dos bancos centrais, imposta à revelia dos povos mantidos na completa ignorância dos processos bancários, os Estados se veem agora obrigados a tomar emprestado o dinheiro necessário ao seu desenvolvimento no mercado privado, com juros.

Para a sua França será:

O fim do direito de empréstimo ao Estado a taxa zero pelo Banco da Fr
Decisão tomada em 3 de janeiro de 1973 sob a presidência de Georges Pompidou (antigo diretor do banco Rothschild). Uma decisão e uma depossessão do poder régio do Estado que necessitaram, previamente, da eliminação do General de Gaulle.

Para a Europa:

A criação do Banco Central Europeu (ramo bancário da UE), impondo suavemente – pelo artigo 104 dos acordos de Maastricht, renomeado artigo 123 no Tratado de Lisboa – essa mesma proibição para todos os antigos bancos nacionais dos membros da União européia. E isso em nome, claro, da rigidez econômica e da fraternidade dos povos.

Uma taxa de juros, paga agora pelos investimentos públicos necessários ao desenvolvimento, que é o verdadeiro nome da dívida e da política da dívida.

Um roubo privado imposto aos Estados às custas dos povos com a complicidade silenciosa dos políticos; incluindo o efervescente Besancenot que sabe muito bem que nunca deve abordar esse assunto se quiser continuar a aparecer no programa do Drucker.

Um roubo bancário em escala dos Estados, e às custas dos povos, que é a primeira razão para o fim do Estado de bem-estar social na virada dos anos 1970. A razão maior para o fim de todas as políticas sociais de desenvolvimento que chamamos de Crise. O pagamento dos juros da dívida – na realidade é um puro roubo do Banco que agora absorve todo o dinheiro normalmente destinado ao desenvolvimento e ao social – sendo exatamente igual, na França, à totalidade do imposto de renda do trabalho.

Uma equivalência que devemos entender, além do símbolo, como uma pura equação...

A DÍVIDA, OU SEJA, A CAPTAÇÃO PROGRESSIVA DE TODA A RICHEZA DO ESTADO PELA BANCA

Essa obrigação para os Estados de tomar dinheiro emprestado no mercado privado, com taxa de juros em garantia de títulos do Tesouro, produz no nível das Nações ocidentais a mesma consequência que a garantia hipotecária para o mundo privado dos negócios. Ou seja, através de uma dívida sempre crescente e estruturalmente impagável, e por esse mesmo processo de extorsão e desapossamento, a transferência progressiva (notadamente por meio das privatizações) de toda a riqueza do Estado para as mãos da Banca, que, no entanto, é um puro parasita...

O SEGUNDO SALTO DO IMPÉRIO: DA CITY A WALL STREET E DO IMPÉRIO INGLÊS AO IMPERIALISMO DOS EUA, OU SEJA, A FRAUDE DO DÓLAR

Assim, da Itália dos Borgia a uma certa América de Wall Street, passando pela City de Londres, o Banco, entendido como processo de concentração e visão de mundo, tomou progressivamente os plenos poderes sobre as nações do Ocidente.

Poder oculto, mas bem real, pilotado dos Estados Unidos por Wall Street, e que só pode explicar a resposta dos Estados ocidentais ao último colapso financeiro. Ou seja, em vez da liquidação desses predadores e parasitas bancários em falência, a transferência de sua dívida aos povos e seu socorro por massas ainda maiores de moeda falsa sempre devolvida à especulação, quando essa massa de moeda falsa de uso especulativo, destrutiva da economia, é a própria razão da Crise...

O DESACOPLAMENTO PROGRESSIVO DO DÓLAR DE TODO CONTROLE POLÍTICO E DE TODA REALIDADE ECONÔMICA, E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Uma tomada de poder total do Banco sobre o político e os povos do Ocidente, baseada em um desacoplamento total das finanças e do dólar de toda realidade econômica, realizada em várias etapas, e com múltiplas consequências...

1913, CRIAÇÃO DO BANCO CENTRAL AMERICANO

Em 1910, o Congresso dos Estados Unidos, para acabar com o poder financeiro que, já, desestabiliza a economia do país (pânico bancário de 1907), organiza uma reunião secreta dos grandes banqueiros americanos e ocidentais (Rockefeller, J. P. Morgan, Vanderlip... mas também o europeu Rothschild através de Paul Warburg...) para colocar os bancos sob controle. Uma abordagem que, segundo a famosa fórmula inicialmente atribuída a Karl Marx, é como confiar ao raposo a guarda do galinheiro! O resultado não se faz esperar, é no dia 22 de dezembro de 1913, ou seja, um ano apenas antes da Primeira Guerra Mundial e sob a presidência de Woodrow Wilson –

falote criatura financiada pelo Banco – a criação da Reserva Federal americana.

Um Banco de bancos que, ao contrário do que seu nome indica de forma perfeitamente enganosa, não é nem uma reserva, nem federal, nem mesmo especialmente americano (a Europa: a City, a Alemanha e a França estão representadas), mas um cartel mundial dos doze maiores bancos privados (Barings, Hambros, Lazard, Erlanger, Schroder, Seligman, Speyer, Mallet, Rothschild, Morgan, Rockefeller...) trabalhando em conjunto e tendo agora o controle absoluto sobre o dólar, que se tornou moeda mundial...

1913, CRIAÇÃO DO BANCO CENTRAL AMERICANO... E DO IMPOSTO SOBRE A RENDA DO TRABALHO

Um golpe de força e uma fraude magistral acompanhados, e isso não é um acaso, da criação ao mesmo tempo do imposto sobre a renda do trabalho. O pagamento dos juros da dívida pelos Estados, agora proibidos de emprestar a taxa zero para seus investimentos produtivos, sendo a causa mecânica, ao mesmo tempo, da implementação por parte do Estado desse imposto sobre o trabalho.

Um imposto sobre a renda do trabalho – disfarçado de imposto social por sua progressividade – que serve pura e simplesmente para pagar os juros da Banco. Ou seja, por meio da mediação do Tesouro público e do Estado, o sequestro da Banco predatória sobre o produto do trabalho cidadão...

1914-1918, CRÉDITO ILIMITADO... PARA A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

Uma tomada de poder pelo Banco que agora reina livremente sobre o dólar, responsável entre outras coisas pelos cinco anos que vai durar a Primeira Guerra Mundial, uma vez que sem essa oferta massiva de falsa moeda – reembolsável com juros – os beligerantes (França, Alemanha, Inglaterra...) na impossibilidade de emprestar dinheiro de verdade

segundo o sistema anterior, teriam se encontrado, na opinião de todos os especialistas, em default e obrigados a depor as armas pelo menos duas anos mais cedo...

1920-1929, DA FALSA PROSPERIDADE AO CRÉDIT À GRANDE DEPRESSÃO

Uma tomada de poder pelo Banco que agora reina livremente sobre o dólar, também responsável pela falsa prosperidade dos anos 1920 e da crise que dela resultou logicamente em 1929. Ou seja, a implementação, por meio do crédito e do endividamento em massa, da estratégia bancária da "bolha".

Uma estratégia de enriquecimento e de captação das riquezas pela Crise provocada que levará à Grande Depressão. Ou seja, a falência de milhões de pequenos proprietários e de pequenos empreendedores levados à especulação, resultando no desemprego de dezenas de milhões de trabalhadores jogados nas ruas, e isso em único benefício do Banco que organizou a crise e coletou a aposta...

1933-1938, DA FALSA SOLUÇÃO DO NEW DEAL À VERDADEIRA SOLUÇÃO PELA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Uma lógica perversa de um custo social terrível do qual o Presidente Roosevelt – ele mesmo sob controle do Banco como seu antecessor, notavelmente através de seu financiador e conselheiro, o especulador Bernard Baruch – se esforçará, dentro dos limites de seu fraco poder, para limitar os efeitos nefastos pelo "New Deal".

Uma grande depressão que será, na realidade, solucionada pela nova guerra a crédito – de um montante ainda mais exorbitante do que a anterior – que será a Segunda Guerra Mundial, se se sabe que o número de desempregados na América, apesar de um "New Deal" que terá sobretudo agravado consideravelmente os déficits públicos – sempre em benefício do Banco – ainda era de onze milhões em 1938...

1945, A MONTAGEM DE BRETTON WOODS

Em 1945, a ficção do padrão-ouro, que teoricamente garante o valor do dólar papel, é tão insustentável, considerando a falsa moeda legalmente colocada em circulação pela FED, que John Maynard Keynes – também homem da oligarquia, mas brilhante economista – é solicitado para colocar um pouco de ordem no sistema e lhe devolver um semblante de credibilidade.

Serão os acordos de Bretton Woods, pelos quais Keynes tentará limitar a fuga em frente da impressão de dinheiro pelo « Bankor », ou seja, a ideia de um padrão móvel. Tentativa a meio caminho do estrito padrão-ouro e da falsa moeda papel, inscrita na lógica da FED, que será um fracasso, mas que permitirá aos acordos de Breton Woods, sob a aparência de reorganização do sistema monetário internacional dependente do dólar, de fato expandir o domínio das finanças americanas sobre o resto do mundo, através da criação do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional...

1971-1973, FIM DE TODA REFERÊNCIA AO OURO E IMPLEMENTAÇÃO DO PETRODÓLAR

Em 1971, a desconexão entre as reservas de ouro americanas e a massa monetária tornou-se tal que os EUA, agora fortes apenas de sua credibilidade militar (que também pode ser chamada de ameaça), anunciam ao resto do mundo, desta vez pela voz de seu presidente Nixon, que o dólar, até então conversível em ouro para as nações estrangeiras, será doravante não conversível e lastreado em... nada!

Em 1973, para obrigar as outras nações a utilizarem mesmo assim essa moeda falsa como moeda de reserva, um sistema de câmbio flutuante foi implementado, calibrado desta vez com base no petróleo.

Na verdade, será – por meio de um acordo de proteção militar com a Arábia Saudita (acordo que agora vincula o Banco ao wahabismo do futuro

Ben Laden…) – A instauração do "pétrodólar". Ou seja, um sistema impondo agora às nações do mundo, via a OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), que paguem seu pedido de petróleo em dólares.

Um método eficaz para obrigar as nações a manter e até aumentar seu estoque de dólares, que, no entanto, não são lastreados em nada e não são conversíveis em nada, exceto em petróleo...

2010, O FED, DE MUITO LONGE A MAIOR FORTUNA PRIVADA E OCULTA DO MUNDO, LÍQUIDA DE IMPOSTO E SEM NADA PRODUZIR!

Para dar ao leitor uma ordem de grandeza: de acordo com a revista *Forbes*, o homem mais rico do mundo seria Bill Gates, creditado – graças à sua empresa Microsoft, gigante mundial da informática – com uma fortuna de 50 bilhões de dólares. Mas é preciso saber que os únicos juros recebidos pela FED somam, anualmente, 2.500 bilhões de dólares. Ou seja, 50 vezes a fortuna de Bill Gates a cada ano, e isso líquido de impostos e sem criar nem produzir nada, exceto dinheiro falso!

Uma super fortuna que é compartilhada pelo cartel dos doze banqueiros internacionais escondidos atrás da FED, e que deixa muito atrás todos os outros competidores, Sultão do Bahrein, Rainha da Inglaterra... o que a revista *Forbes se cuida bem de revelar!*

A FED, OU A BOA FORTUNA DA OLIGARQUIA BANCÁRIA MUNDIAL. MAS A PERDA DO PODER DE COMPRA PARA TODOS OS OUTROS, INCLUINDO O POVO AMERICANO

Para quem entendeu bem a mecânica; quanto mais o Federal Reserve empresta dinheiro, mais lucros ele faz e mais ele aprofunda os déficits públicos, começando pelo seu primeiro tomador, o Estado americano. Assim, a dívida americana, já de 1.000 bilhões de dólares em 1971, passou

por essa fuga para frente desejada e incentivada, a mais de 50.000 bilhões de dólares em 2010.

E as duas causas principais de empréstimos públicos sendo as crises e as guerras, adivinhamos o papel que a FED também desempenhou, desde 1913, na ocorrência desses eventos.

Enquanto isso, essa criação de dinheiro falso levando a umadesvalorizaç ão constante do valor do dinheiro, os detentores de dólares, acomeçar pelo pov americano, viram desde o ano de 1913 seu dinheiro perder 90% de seu valor seu poder de compra cair na mesmaproporção.

Uma queda constante compensada pela alta vertiginosa de seu consumo a crédito junto aos bancos...

AS RESISTÊNCIAS AO BANCO DENTRO DO IMPÉRIO

Mas em todos os lugares, essa lenta e discreta tomada de poder do Banco não se fez sem resistência. Inclusive na América, onde desde o início se confrontam duas concepções opostas da democracia americana.

De um lado, o Império do livre comércio em conquista do mundo, do outro, uma nação livre de pequenos produtores...

O COMBATE PERDIDO DOS POPULISTAS AMERICANOS CONTRA O BANCO

Assim, pode-se operar, de acordo com os períodos e os presidentes no poder, uma dupla leitura da América dos pais fundadores.

De um lado, sua concepção populista reabilitada à esquerda por Christopher Lasch, nos anos 1960, e saudada recentemente por Jean-Claude Michéa na França – que faz da democracia americana uma associação de pequenos proprietários e pequenos produtores libertados do jugo das monarquias desiguais da Europa, e particularmente da Coroa d'Inglaterra e de sua City.

Uma Nação de cidadãos empreendedores financiados pela mutualização de seus próprios fundos, e apoiados em uma sólida ética protestante oriunda do reformismo pequeno-burguês alemão.

É a democracia americana à qual se refere, notavelmente, oh publicista dissidente Alex Jones. Esta América ideal dos cowboys e dos westerns de John Ford, financiados cinicamente por Hollywood e o Banco para esconder a outra América.

Aquela da continuação do processo imperial inglês em uma escala superior. Ou seja, a América do messianismo conquistador anglo-saxão puritano, apoiado desta vez na mensagem sanguinária e desprezível do Antigo Testamento do Deuteronômio, a fim de expandir essa dominação a uma totalidade do mundo pela potência do Banco e a ideologia do livre comércio.

Duas Américas, na verdade.

A América populista e isolacionista do Meio-Oeste e dos nativos, lutando contra a América imperial globalista das elites das costas Leste e Oeste, do Nova Iorque de Wall Street e do Los Angeles de Hollywood.

Duas Américas reivindicando, em aparência, o mesmo liberalismo e a mesma Bíblia, mas sem ver de forma alguma a mesma coisa. O liberalismo populista de um lado é, nas ideias e nos fatos, o exato contrário do liberalismo imperial do outro...

1832-1835, A LUTA ENTRE A DEMOCRACIA E O BANCO OU O EMBLEMÁTICO PRESIDENTE JACKSON

Essa luta interna, muitas vezes secreta e, evidentemente, oculta entre o Banco e a América cidadã, permeia toda a história política dos Estados Unidos desde sua luta pela independência.

Ela também explica a maioria das tentativas de desestabilização e de assassinato dos presidentes em exercício — começando pelo do presidente Lincoln – dependendo se se submeteram ou tentaram resistir à poder do Banco.

Por exemplo, um presidente típico da corrente populista americana (para reforçar sua base política contra as potências do dinheiro, ele multiplicará por sete o número de eleitores cidadãos americanos), o presidente Andrew Jackson opôs por duas vezes seu veto, em 1832 e depois em 1835, à renovação do Banco central, antecessor da FED, criada desde 1781 por seu predecessor pró-Banco, Alexander Hamilton.

Uma oposição ferrenha ao controle da democracia americana pelo Banco que certamente custou a Jackson a tentativa de assassinato da qual ele escapou por pouco em 30 de janeiro de 1835, mas uma luta que era para ele tão crucial que ele fará gravar como epitáfio: *"Eu venci o Banco"* em sua lápide!

Uma resistência às potências do dinheiro, por parte de presidentes frequentemente oriundos de meios modestos, tornou-se quase impossível – para não dizer impensável – desde a criação da FED, em 1913, com a complicidade do Congresso.

Os presidentes americanos desde essa data devem ser considerados, de Woodrow Wilson a Barack Obama, passando pelos supervalorizados Roosevelt e Eisenhower, como puros "obrigados" da Banco.

O poder do presidente dos Estados Unidos, em relação a esta instituição, se limita ao direito de escolher o presidente do FED entre seis nomes submetidos pelo cartel! Um poder que o último presidente Obama nem se atreverá a usar, uma vez que, apesar de seu histórico catastrófico em relação à economia americana, ele simplesmente reconduzirá o presidente em exercício, previamente nomeado por Georges Bush, Ben Bernanke, que por sua vez foi sucessor de Alan Greenspan.

1920-1922, O GRITO DE ALARME DE HENRY FORD

Uma vez vencida essa luta contra a América dos pequenos proprietários, a Banco, impulsionada por sua lógica, terá que travar outra batalha, desta vez em um nível superior.

Essa será a luta do capitalismo bancário, puramente especulativo, encarnado agora pela FED e Wall Street, contra o capitalismo empreendedor e industrial anglo-saxão, encarnado especialmente por Henri Ford.

Uma luta pela dominação capitalista que atingirá seu auge no imediato pós Primeira Guerra Mundial, opõe, segundo Henri Ford, o maior empreendedor industrial americano da época, a ética protestante do capitalismo empresarial anglo-saxão, descrita por Max Weber, ao capitalismo de pura especulação, abstrato e cosmopolita, descrito por Karl Marx.

Esse combate frontal, típico do clima do entre-guerras, se expressará especialmente através da publicação de um livro constituído de artigos publicados entre 1920 e 1922 no jornal de Henri Ford, *The Dearborn Independent* , com o título evocativo: *O Judeu Internacional.*

Uma luta entre duas concepções da América e do capitalismo – segundo Henri Ford – que resultará na derrota deste último, sua retração e suas desculpas públicas. O grande empreendedor anglo-saxão abstendo-se, a partir de 1927, de qualquer comentário político e se afiliando ainda, para fazer uma reparação, a uma loja maçônica com o doce nome de “Palestinia”...

1924. O ARREPENDIMENTO TARDIO DE WOODROW WILSON

Aquele que, mais do que qualquer outro, deve sua eleição à sua submissão à Banco, o Presidente Woodrow Wilson, fará, à beira de sua vida, este comentário inequívoco sobre a criação da qual sabia carregar uma responsabilidade esmagadora diante da História e do povo americano.

Sou um homem dos mais infelizes. Eu inconscientemente arruinei meu país. Nossa grande nação industrial, declara ele sobre a FED,*está agora controlada pelo seu sistema de crédito. Nosso sistema de crédito é privatizado, é por isso que o crescimento do país, assim como todas as nossas atividades, estão nas mãos de um punhado de homens que, se necessário, por razões que lhes dizem respeito, podem congelar e destruir*

A autenticidade da liberdade econômica. Assim, nos tornamos um dos mais mal governados, dos mais controlados e dos mais submissos governos do mundo civilizado. Não se trata mais de um governo de opinião livre nem de um governo de convicção eleito pela maioria, mas de um governo submetido à vontade e à firmeza de um pequeno grupo de homens dominantes.

Difícil ser mais explícito sobre o julgamento que este homem fazia, à beira de sua vida, sobre sua obra...

1963-1969, O ASSASSINATO DO PRESIDENTE KENNEDY E A LIQUIDAÇÃO DO GENERAL DE GAULLE

Até hoje, único presidente americano de religião católica, John-Fitzgerald Kennedy, ciente também do poder antidemocrático e antisocial do Banco (e que, ao contrário de seus predecessores, nasceu suficientemente rico para não dever sua eleição a ele), tentará, como Lincoln e Jackson, pôr fim a seus privilégios indevidos.

Assim, em junho de 1963, ele assina a*Executive Order 11110,* decreto presidencial que, para se livrar da FED, impõe umnovo sistema lastreando o dólar em prata. Imediatamente, são colocadosem circulação mais de 4 bilhões de dólares em notas de 2 e 5 dólares,e o mesmo número de notas de 10 e 2 dólares é impresso. No 22de novembro do mesmo ano, Kennedy é assassinado, o decreto*EO 11110* em imediatamente anulado por seu sucessor e as notas de 2 e 5 dólares retiradas de circulação.

Um vínculo óbvio entre a morte do presidente Kennedy e sua tentativa de retomar o poder sobre o Banco, que assusta tanto as elites americanas que até mesmo Oliver Stone, em seu filme*JFK,* se abstém de apenas mencionar isso!

É essa mesma oposição ao Banco que, sem dúvida, custará ao general de Gaulle sua saída do poder em 1969. Ele que, ao ver o golpe de 1971 se aproximar, havia assumido a liderança dos não-alinhados para exigir da América que ela reembolsasse em ouro, como os acordos internacionais ainda previam, seus estoques de dólares...

AS RESISTÊNCIAS AO BANCO FORA DO IMPÉRIO

Após este rápido panorama do combate mortal travado pela Banco contra a democracia no coração do Império, precisamos agora evocar as tentativas de opor a ele um modelo alternativo de gestão e de sociedade, fora deste...

A TENTATIVA SOVIÉTICA DE RETORNO AO PRINCÍPIO CRISTÃO DO DOM E DA TROCA

A crítica ao Capital proposta por Karl Marx, no topo da qual se encontra a dominação bancária, servirá de base teórica e política principal para as tentativas de escapar, na virada do século XX, ao que podemos chamar de reinado do Banco.

O comunismo soviético sendo, em teoria, a tentativa de colocar fora de estado de prejudicar a dominação oligárquica e privada do dinheiro, pela socialização integral dos meios de produção sob controle público do Estado.

Assim, o comunismo, que prioriza o coletivo e a troca não mercantil sobre o interesse egoísta no cerne da lógica liberal, é um retorno, apesar de sua anti-religiosidade afirmada, à mentalidade cristã. Uma parentesco evidente entre o comunismo e a mensagem de Cristo – frequentemente mal identificada pelos espiritualistas devido à sua má compreensão do que Marx entendia por materialismo e que não tem nada a ver com o materialismo burguês. – que é a explicação principal da grande sedução que o comunismo exerceu sobre os povos da Europa, incluindo o povo russo ortodoxo, especialmente Tolstói.

Povos da Europa submetidos em menos de um século – se XIX – à l'individualisme matérialiste e mercantilista pela revolução industrial, mas permaneceram ligados a mais de quinze séculos de domínio dos valores cristãos, sob as monarquias teocráticas.

Finalidade cristã do comunismo, pela sociedade da troca desinteressada e da partilha; mentalidade eminentemente cristã das massas comunistas militantes, para as quais o ideal comunista se tornou a nova religião frente ao egoísmo burguês. Uma dupla aspiração que deve ser nuançada nos fatos por dois outros fatores, contraditórios e concomitantes, evocados especialmente por Soljenitsyne em Dois Séculos juntos.

O financiamento pouco cristão da revolução bolchevique russa, motor de todo o processo do socialismo real, por banqueiros nova-iorquinos frequentemente oriundos da comunidade ashkenaze emigrada da Europa do Leste.

Dois. O enquadramento, através do aparelho dos Partidos de todas as revoluções comunistas em ação na Europa cristã, de elites judias na sua grande maioria, e frequentemente animadas por um messianismo vingativo – perfeitamente expresso por Léon Trotski em Sua moral e a nossa – típico dos valores da Torá e do Talmud, mas em antípodas dos valores cristãos...

O COMUNISMO, AUTÊNTICA IDEOLOGIA JUDÉO-CRISTÃ

Agora que a missa do socialismo real foi dita, com a passagem do tempo e o acesso aos arquivos autorizado pelo colapso da URSS, pode-se objetivamente qualificar a epopeia comunista europeia no século XX de « judéo-cristã »: judaica em cima pela vontade de dominação, cristã embaixo pelo desejo de partilha...

ÚLTIMO BASTIÃO DE RESISTÊNCIA NO MUNDO MONOTEÍSTA PÓS-MEDITERRÂNEO: A FINANÇA ISLÂMICA

Após o colapso da URSS e a falência do comunismo, o Ocidente se viu novamente, na virada dos anos 1990,

sob a dominação total do Banco e do Mercado. O único senão nesse mundo monoteísta pós-mediterrâneo sendo agora a finança islâmica.

De acordo com a lei muçulmana, a finança islâmica, que se estima em 700 bilhões de dólares no mercado global, é baseada em dois princípios:

– – proibição da usura (empréstimo a juros fora do investimento produtivo);

– e a responsabilidade social do investimento (desenvolvimento).

Uma finança ética que submete, portanto, a rentabilidade de um investimento ao valor moral e social do projeto concreto que lhe é associado.

Assim, o islã proíbe transações baseadas na pura especulação(gharar), ou seja, o princípio inverso da finança atualmente praticada em Wall Street.

Uma finança islâmica cujas limitações impostas ao crédito como ao lucro não são sem lembrar os interditos morais que tinham curso, há alguns séculos, na Europa monárquica e cristã guiada pelos princípios de Santo Tomás de Aquino e os ensinamentos de Aristóteles.

Uma finança islâmica que representa, portanto, uma resistência espiritual à toda a potência do dinheiro, e que justifica por si só a luta silenciosa que o Banco atualmente trava contra o mundo muçulmano para submetê-lo – como antes dele os mundos católicos e soviéticos – à toda poder de sua dominação...

CONCLUSÃO UN: A REVOLTA CONTRA O BANCO É A MORTE

Que ce soit à l'intérieur de l'Empire : Lincoln, Jackson, Kennedy... ou à l'extérieur : de Gaule, Saddam Hussein et demain, qui sait, Ahmadinejad ou Chavez ?... l'Histoire nous apprend que quiconque veut

Desafiar o Banco deve esperar pagar caro por isso, Pagar com sua própria vida, se for americano e, se não fizer parte da coalizão, verá ainda seu país ligado ao eixo do mal!

Em 1942, quando os estados-maiores dos EUA, britânicos e soviéticos decidiram se reunir em segredo para coordenar sua guerra contra Hitler, eles o fizeram nas instalações do *Federal Reserve Bank* de Nova York, e não é exagero resumir a política mundial do século XX a uma perpetual diabolização dos opositores à Banco, ela mesma garantida em última instância pela potência militar americana.

Assim, quando Saddam Hussein considerou, em 2003, redigir suas vendas de petróleo em euro – o que equivalia a questionar o status do dólar através do petrodólar – A armada americana, sob o falso pretexto das famosas "armas de destruição em massa", esmagou seu país sob as bombas, e a OPEP, compreendendo imediatamente a mensagem, retirou o "europetróleo" de sua pauta. Quanto a Saddam Hussein, ele acabará pendurado como os dignitários nazistas.

Proteger o status do dólar e, por trás dele, o privilégio do FED, esta é, em última instância, a missão final do exército imperial americano...

CONCLUSÃO DOIS: O BANCO PURA PRIVILÉGIO E PODER ABSOLUTO

O Banco assim analisado e definido deve, portanto, ser entendido como uma nova aristocracia que detém seu poder do direito de empréstimo a juros, que é por sua vez garantido pela mentira e pela violência.

Uma oligarquia que não tem mais em seu ativo o desenvolvimento da economia, como durante a Renascença, mas que se tornou um obstáculo a toda criação de riqueza sob o reinado do FED e da Goldman Sachs.

Um puro parasitismo e um puro privilégio auto-outorgado, não mais em nome de Deus, mas da pseudo-racionalidade econômica e da magia dos números que fazem desta oligarquia financeira e mundial da renda sobre o trabalho humano generalizado, o exato equivalente, pelo dinheiro e pela

posse exclusiva do crédito, do que foram os nobres vivendo do trabalho agrícola dos servos pela posse da terra, em nome do privilégio do direito divino.

Controlados de Nova York, habitados por uma ideologia feita de vontade de poder, de violência destrutiva e de desprezo social extraído do Antigo testamento, é essa visão de mundo e esse processo que chamamos de: Império.

CONCLUSÃO TRÊS: O IMPÉRIO NÃO TEM LUGAR

Ontem Itália, Inglaterra... hoje EUA, amanhã Jerusalém ou Pequim? A oligarquia globalista, assim como o princípio bancário do qual ela extrai sua dinâmica e seu poder, não tem território ou lugar.

Como o caranguejo-eremita, o cuco ou a larva no seu queijo, essa aristocracia nômade e sem nobreza se aninha em todo lugar onde há riqueza a ser capturada e lucro a ser feito...

CONCLUSÃO QUATRO: O BANCO PRIMEIRO DESTRUIDOR DO DEUS CATÓLICO E DEPOIS DA RAZÃO HUMANISTA

Primeiro anti-católico e apoiando-se na Razão para triunfar das monarquias teocráticas europeias, o Banco, continuando sua fuga predatória, está destinado a se mostrar cada vez mais anti-humanista à medida que seu desenvolvimento avança: a igualdade cidadã sendo, no fundo, também contrária aos seus princípios, assim como a caridade cristã.

Voltando-se progressivamente para longe da Razão e das Luzes que na verdade foram apenas os pretextos transitórios para sua dominação, o Banco está hoje explicitamente no estágio de liquidação das democracias burguesas liberais, que lhe permitiram triunfar sobre sociedade anterior do rei e do Deus cristão...

CONCLUSÃO CINCO: O BANCO COMO FUGA FATAL EM FRENTE

Condenado, por sua própria lógica de desequilíbrio, a buscar novos espaços de predação, o Banco está agora destinado à conquista do mundo não monoteísta e não cristão, como a Índia ou a China.

Uma fuga em frente obrigando este sistema de dominação, amadurecido no Ocidente, a se confrontar agora com o espaço eurasiático, seja para dominá-lo, como a América fez com o Japão após 1945, seja para se submeter a ele, como isso poderia se tornar o caso com a China.

A alternativa em um mundo fechado e saturado sendo ou a falência, ou o rejeição inevitável de um sistema cada vez mais identificado pelos povos ocidentais, como parasitário e absurdo.

Em um caso, portanto, a desaparecimento da oligarquia com o colapso do seu sistema de dominação.

No outro, sua salvação, mas ao custo de uma modificação notável de sua composição étnico-cultural.

Duas saídas possíveis que não deixam de lembrar o fim da nobreza do Antigo Regime.

Ou então por que não? Em um ímpeto espiritualista, a saída final do capitalismo pela conscientização da Idade das Trevas e do *Kali Yuga*...

3. AS IDEIAS, OS GRANDES HOMENS, AS REDES

O mundo é dirigido por personagens muito diferentes do que podem imaginar aqueles que não estão nos bastidores.

Benjamin Disraeli

As promessas só comprometem aqueles que as ouvem.

Henri Queuille

AS IDEIAS

Ao contrário do animal que se entrega à natureza, o homem tem ideias. Dotado de imaginação pela função simbólica, ele precisa se representar o mundo.

Além disso, salvo uma excepcional robinsonada, o homem é obrigado a coabitar com seus semelhantes, o que também implica uma ordem social...

PRIMEIRO A TRANSCENDÊNCIA

Para isso: visão de mundo, ordem social, o homem se entrega primeiro a Deus. Primeiro a uma natureza deificada, depois a um Deus que comanda a natureza; seja a uma ordem cósmica que lhe é primeiramente transmitida pelo xamã. Ordem cósmica, incluindo a ordem social ditada pela palavra de Deus, através da transe desse mediador que diz a ordem do mundo e a Lei.

Assim, nas origens do homem, Deus, a revelação e a Lei são um só.

Pela voz do xamã, a lei divina diz a ordem e o bem.

A ordem e o bem, pois na lei o poder e o bem estão sempre associados, na terra como no céu, com o paraíso para os justos, os submissos à lei, e o inferno para os outros, insubmissos, malditos, decaídos, hereges.

Assim, a ordem é sempre a ordem justa, pois nada nem ninguém reina nunca em nome do mal, pelo menos oficialmente...

O SACERDOTE, O IMPOSTO E O TEMPLO

Mas o homem sendo imperfeito, ele produz o mal. Erros contra Deus que ele deve resgatar por meio de sacrifícios e oblações.

Primeiro, sem dúvida, por meio de castigos diretos, depois castigos derivados sobre animais, e então o resgate de suas faltas por meio de ofertas...

Assim, à medida que o progresso técnico permite a superprodução – ou seja, o que o homem pode produzir além da reprodução de sua força de trabalho – se estabelece uma economia do dom que se sobrepõe, na ordem simbólica, à economia prática.

Uma economia do dom gerando a casta dos sacerdotes sustentados por esses dons, que se tornam, de fato, na História, os primeiros coletores de impostos.

Dons a Deus, mas também impostos cobrados pela casta dos sacerdotes, que devem ser armazenados no primeiro monumento público construído para esse efeito, que é o Templo, ao mesmo tempo lugar de culto e Tesouro público.

Um Templo, ao mesmo tempo monumento religioso e prático, que se torna o centro da organização social da primeira revolução urbana ao sair do neolítico, como nos ensina o arqueólogo Vere Gordon Childe...

OS SACERDOTES, OS GUERREIROS, OS TRABALHADORES

Esse tesouro, extorquido pelos sacerdotes em nome de Deus e do bem aos trabalhadores e armazenado no templo, levanta evidentemente o problema de sua segurança.

Uma segurança inicialmente assegurada por sacerdotes armados, guardiões do tesouro, e depois, por uma fatal especialização das tarefas, pela casta dos guerreiros em geral.

Assim, o simbólico e o funcional se entrelaçando, estabelece-se um sistema onde o trabalhador produz, o sacerdote coleta e gerencia, e o guerreiro assegura.

Um sistema, ao mesmo tempo sagrado e prático, feito de hierarquia e de reciprocidade onde o guerreiro assegura o sacerdote e o trabalhador; o trabalhador nutre os dois em troca de sua segurança; enquanto o sacerdote, pouco a pouco obrigado a compartilhar o tesouro com a casta dos guerreiros (rivalidade permanente

da Coroa e da Igreja) é especificamente responsável pelo tesouro espiritual. O que implica, além dos rituais e da teologia que codificam a revelação, a conservação do saber, os cuidados aos doentes, a responsabilidade dos fracos e dos indigentes, ou seja – e é aqui que se situa o retorno do dom – a educação, a medicina e a caridade.

Uma organização tripartite, descrita por Georges Dumézil, presente desde a noite dos tempos históricos em todas as nossas sociedades indo-européias, até que a revolução de 1789 pusesse fim a esse Antigo regime constituído justamente pelo Clero, pela Nobreza e pelo Terceiro Estado...

A ORDEM É FUNCIONAL OU NÃO É

Assim, todo sistema de dominação possui sua justificativa transcendente na ordem simbólica – revelação dizendo a ordem e o bem, levando à extorsão e punições – mais também sua justificativa funcional na ordem da produção – que constitui a moral prática – feita de coerência e reciprocidade (coesão).

Assim, qualquer que seja o inexplicável originário que o sustenta (revelação), nenhuma ordem duradoura pode ser absurda do ponto de vista prático e, reciprocamente, nenhuma ordem absurda pode ser duradoura.

Absurdo, em relação à ordem social, significando nos fatos: puramente parasitária, sem reciprocidade.

Assim, quando a ex-nobreza de espada, tornada nobreza de corte, não assumiu mais nenhuma das três funções: nem produção, nem saber, nem segurança, seu fim estava selado como uma classe puramente parasitária, em breve liquidada por uma nobreza de toga que, entrementes, se tornara burguesia empreendedora e gestora pela venalidade dos cargos.

Da mesma forma, essa funcionalidade inevitável de toda mudança de ordem duradoura pode também explicar, a contrario, a conversão do Império Romano à religião cristã sob Constantino. O universalismo pacificador cristão tornando-se a resposta funcional ao declínio das legiões, por demais mestiçadas, para assegurar doravante, pela Igreja em vez da armada, a coesão e a paz do Império.

Assim, toda organização simbólica e social absurda, seja a heresia mórbida dos Cátaros, a burocracia stalinista ou o capitalismo financeiro puramente parasitário de Wall Street, está condenada, por um castigo do sentido à desaparecimento. É apenas uma questão de tempo...

DA TRANSCENDÊNCIA PARA A IMANÊNCIA: O REINO DE DEUS E A NECESSIDADE DO LOGOS

Os homens têm ideias e são obrigados a viver juntos. Dotados de imaginação pela função simbólica, mas também de expressão pelo linguagem, eles são levados por sua natureza a discutir a Lei.

E se as grandes ideias que movem o mundo são as religiões que dizem o céu e a terra, a revelação do xamã, a luz do profeta, têm rapidamente a necessidade, para gerenciar os conflitos, de produzir uma teologia. Seja um discurso sobre o que, no entanto, deveria estar além do discurso.

Assim, seja qual for o poder da revelação, toda religião, ao mesmo tempo transcendental e política, é forçada, diante da controvérsia, a justificar a Lei por esse outro poder da palavra, mas de essência oposta, que é a lógica.

Introduzindo, de fato, como o verme na fruta, a razão na fé. ..

A DEMOCRACIA GREGA OU A DÚVIDA MAIS FORTE QUE A FÉ

É esse momento de transição, nesse relacionamento de força entre esses dois poderes da palavra, que se traduz historicamente pelo nascimento em Atenas, no século V a.C., da democracia grega.

Uma democracia que não é o poder ao povo – a Cidade-Estado ateniense era uma oligarquia de 40.000 proprietários soldados servidos por $200\ 000$ escravos sem direitos, cujo equivalente moderno seria mais os

Estados Confederados da América ou o regime Afrikaner, e que hoje valeria a Atenas ser chamada de fascista! – mas o poder do logos sobre a fé.

O passagem historicamente comprovada de um Deus com logos (teologia, scolástica) para a possibilidade de um Logos sem deus (reino da Razão, rhetórica)...

OS FILÓSOFOS EUROPEUS OU O PENSAMENTO HELÊNO-CRISTÃO

É essa mesma derrota da escolástica frente à filosofia – ou seja, a fragilidade de uma fé sustentada pela razão, quando a razão pretende ser sustentada por ela mesma – que se reproduzirá na Europa ao sair da Idade Média, e isso apesar da tentativa de Santo Tomás de Aquino de fazer servir a fé cristã pela releitura de Aristóteles. Uma lenta derrota da fé, corroída pela razão que, de La Boétie (1546), minará progressivamente os fundamentos da monarquia.

Uma contestação do poder do rei, baseado no divino, que não será um retorno aos gregos, mas, devido aos clérigos católicos que a produziram, uma nova síntese, heleno-cristã, chamada "humanismo", feita de dúvida e caridade.

Um pensamento especificamente europeu, profundamente preocupado com a igualdade, caminhando de Montaigne a Pascal e de Pascal a Rousseau, para parir a ideia de uma nova ordem social que levará logicamente à Revolução francesa; o espírito francês tendo produzido a maior parte...

A MODERNIDADE OU A VITÓRIA DA IMANÊNCIA: O REINO DAS IDEIAS

Assim, a razão imanente, levada pela Revolução francesa, põe fim à era da transcendência para inaugurar a era política da ideia;

abrindo, após as guerras de religião, a era da concorrência das ideologias. Uma vitória da Razão, que é também a derrubada do antigo ordenamento divino tripartido pelo grupo social que o encarna: o Terceiro-Estado; ou seja, a classe sem privilégios liquidando os privilégios divinos do Clero e da Nobreza em prol da Igualdade, ou seja, de si mesma...

RUMO AO NOVO PARAÍSO DA IGUALDADE

Lembrete: ninguém reina jamais em nome do mal, e a ordem justa pretende sempre levar, apesar das pesadas cargas terrenas, ao soberano bem.

Assim, doravante, o soberano bem não sendo mais, no mundo da imanência, o céu da religião católica, este novo paraíso terrestre a ser alcançado é agora a igualdade.

Igualdade que ocupa o lugar da Salvação como objetivo supremo e emblema de toda política humanista: laica (imanente) e moderna. Uma primeira igualdade realizada, em princípio, pela abolição dos privilégios da Nobreza hereditária e do Clero, e pela tomada de poder do Terceiro Estado.

Um Terceiro Estado encarregado, diante da História, de produzir o sistema político que leva do projeto da igualdade formal à igualdade real; como mais tarde o proletariado dos marxistas em nome da mesma ideia traída...

DA LIVRE CONCORRÊNCIA DAS IDEIAS, PARA LEVAR À IGUALDADE PRÁTICA SOB O NEUTRO ARBITRAGEM DO LOGOS, OU SEJA, A MENTIRA E O PODER SUTIS DO LIBERALISMO BURGUÊS

Tomando o lugar da controvérsia teológica, o jogo político será doravante a livre discussão política, segundo o único critério da coerência lógica (retórica) conduzida por e no Terceiro Estado pelos clérigos; filósofos, intelectuais, mestres do pensamento e tribunos oriundos do Terceiro Estado.

A antiga hierarquia social, fundada na linhagem (privilégios hereditários, primogenitura), substituída pela liberdade de empreender levando, por sua vez, ao poder do dinheiro.

Ou seja, uma vez estabelecido o esquema abstrato do projeto humanista: chegar à fraternidade universal através da liberdade e da igualdade guiadas pela Razão, a dupla dominação da burguesia nos fatos; o liberalismo de ideias políticas (Voltaire) acompanhando o liberalismo econômico (a lei Le Chapelier)...

A DESTRUIÇÃO DO MUNDO ANTIGO OU O NOVO PODER DOS MERCADORES

Uma destruição do antigo mundo tripartido constituído, como nos ensinou Georges Dumézil, por aqueles que oram (oratores), por aqueles que combatem (bellatores) e por aqueles que trabalham (laboratores) – ou seja, o clero, a nobreza e o Terceiro Estado – que não resultará, na prática, sobre a igualdade de todo o Terceiro Estado (ou seja, o poder ao povo do trabalho), mas sobre o novo poder de uma quarta função, oriunda do Terceiro Estado, aquela dos intermediários.

Um poder dos mercadores que não vem nem da religião, nem da guerra, nem da produção, mas que comanda a todos, doravante, pelo poder do dinheiro...

PODER DO CAPITAL, MISÉRIA OPERÁRIA E CONCORRÊNCIA MARXISTA

Uma desigualdade de fato, dentro do Terceiro Estado, entre o povo do trabalho e um novo mundo do dinheiro que, após os primeiros momentos eufóricos da igualdade formal resultante da Revolução, verá a antiga ordem tripartite substituída por um novo mundo binário.

Aquele de uma burguesia do Capital, senhora do Mercado, explorando os novos escravos do trabalho assalariado: o proletariado.

Uma luta de classes nova, dentro do campo progressista proveniente do Terceiro Estado, cuja consequência, no plano do logos (retórica), será a futura concorrência marxista, prosperando sobre as contradições e os mentiras do humanismo burguês...

AS IDEIAS EM PRESENÇA: LIBERALISMO, SOCIALISMO, RESTAURAÇÃO, FASCISMO

O que se apresenta como ideias em presença neste mundo moderno da imanência:

À direita, o liberalismo.

Fato de igualdade formal e de liberdade de empreender. Ideologia de esquerda sob o Antigo regime (Voltaire inspirado pela escola inglesa: Locke, Hume...) mas nova ideologia dominante desde 1830.

À esquerda, o socialismo.

No mesmo campo progressista da imanência, mas propondo a transição da igualdade formal (chamada a partir de então de "equidade") para a igualdade real (ou seja, aquela de Jean-Jacques Rousseau contra a de Voltaire) ao continuar o processo revolucionário iniciado pela Revolução Francesa, pela tomada do poder do novo Terceiro Estado dentro do Terceiro Estado: o proletariado!

À margem deste combate interno às ideias modernas, e abusivamente classificadas à direita da direita, ou seja, na extrema-direita, isto é, fora do arco republicano para desacreditá-las, encontra-se:

A reação.

Seja a restauração da ordem antiga como resposta à mentira burguesa da igualdade formal que resulta em uma maior violência social. Pensamento iniciado desde a Revolução Francesa por Louis de Bonald e Joseph de Maisire, e mais tarde modernizado por Charles Maurras.

E dentro da burguesia liberal:

O fascismo.

Quando mais tarde (à beira do século XX) a burguesia empreendedora nacional, um pé no trabalho, o outro na exploração, tentará resistir à dominação da burguesia financeira internacional, puramente parasitária, por alianças inéditas...

O COMBATE DIREITA / ESQUERDA À EXCLUSÃO DE TODOS OS OUTROS

Mas todo retrocesso sendo considerado utopista, e a pensamento fascista tendo sido desacreditado pelo nacional-socialismo alemão (ou seja, o racialismo justificado pela questão do espaço vital), o combate de ideias permitido na era moderna, e mais particularmente desde 1945, se resume na verdade à concorrência entre as duas ideologias do progresso: liberalismo ou socialismo; ou seja, o combate direita / esquerda...

OS GRANDES HOMENS

No mundo antigo, e até a Revolução Francesa, os grandes homens são portanto os profetas e os reis (Lutero, Luís XIV, para escolher duas grandes figuras posteriores à Renascença). Um teólogo, o outro guerreiro, mas ambos mensageiros de Deus e supostamente escolhidos por Deus; o que limitava vocações e concorrência...

DA RARIDADE À PROLIFERAÇÃO: A ACELERAÇÃO DA HISTÓRIA

Com o advento do reinado da imanência, ocorre uma fatal democratização do grande homem (cuja mais bela figura histórica é Napoleão 1er), agora submetido ao único regime da livre concorrência.

Uma democratização da corrida ao poder cuja primeira consequência é a multiplicação das vocações; a segunda, por essa aceleração do *turn over,* uma notável aceleração da História...

AS NOVAS QUALIDADES REQUERIDAS

Uma multiplicação dos pretendentes que gera também novos perfis tipos.

Do lado do poder simbólico (oratores): a transformação do mensageiro de Deus neste novo clérigo que é o homem de ideias não apoiando-se mais na escolástica, mas na retórica: filósofo, intelectual, mestre de pensamento... duplamente oriundo, como vimos, sob o plano epistemológico e social, da burguesia.

Do lado do poder efetivo (bellatores): com o fim do poder político herdado e transmitido (nobreza hereditária), a vinda do profissional da política: tribuno de forte carisma, militar... também oriundos da burguesia e cuja questão dos meios de subsistência se coloca inevitavelmente...

O NOVO TANDEM CLÉRIGO-POLÍTICO

Um novo mundo político onde o binômio do Antigo regime: Clero / Nobreza – ou seja, a constância da linhagem sustentada pela permanência da Igreja –, é substituído pela briga e pelo verbiagem.

Seja o novo poder, em regime democrático, do tandem do intelectual e do político (Zola / Clemenceau, Keynes / Roosevelt, Malraux / de Gaulle... ou, para completar a queda: Max Gallo / Nicolas Sarkozy) em um combate direita / esquerda firmemente circunscrito.

Um combate imposto, dentro do quadro humanista (imanência, dominação em nome da igualdade) que produz, tendo em vista a realidade econômica (poder do dinheiro, desigualdades sociais):

– À esquerda: mestres da promessa; amanhã a igualdade.

– À direita: mestres da mentira. A equidade (igualdade em direito) sendo cinicamente usada como máscara para a desigualdade de fato; ou seja, para citar Anatole France, essa *lei que, em um grande cuidado com a igualdade, proíbe os ricos como os pobres de dormir debaixo das pontes, de mendigar nas ruas e de roubar pão!*

A IDEIA E O DINHEIRO

Quantos debatedores, profissionais da política que disputam officialmente em um puro e livre debate de ideias, mas também apoiados por seu respectivo campo:

– o Capital para o liberal conservador, ou seja, a burguesia de dinheiro;

– o Trabalho para o progressista, via o Partido ou o sindicato.

Uma desproporção, no plano do poder do dinheiro entre os dois camps que, necessariamente, especialmente sobre a questão da tentação e da corrupção, não pode ser sem consequências...

O GRANDE HOMEM: DO COMBATENTE AO EMPREGADO DE BANCO

No nosso mundo moderno democrático, o líder político é portanto um lutador da ideia (Robespierre), um lutador militar (Napoleão I^{er}), ou uma emanação do mundo do dinheiro (Thiers).

Et se é certo que o prestígio histórico sempre vai para os dois primeiros, sejam eles considerados bons (Jaurès, Clemenceau) ou maus (Staline, Hitler), a lei tendencial em nossa sociedade mercantil é, fatalmente, a lenta submissão, entre os profissionais da política, do mundo dos combatentes – herdeiros dos *oratores* e dos *bellatores* – ao mundo do dinheiro – o novo poder dos intermediários.

Ou seja, formulado de outra forma, a lenta desaparecimento do grande homem, grande pensador ou grande combatente, em favor do empregado de banco.

O exemplo mais próximo de nós é, em 1969, a transição para a função de presidente da República Francesa, do general Gaulle, herói da Resistência, para Georges Pompidou, ex-diretor do banco Rothschild...

O GRANDE HOMEM: LIMITE E MENTIRA DO INDIVÍDUO

Mas mesmo admitindo que o grande homem combatente tenha conseguido conter o poder do dinheiro para impor sua visão política, ainda se coloca para ele a questão da duração: por quanto de tempo? O mundo da imanência fundado, ao menos em aparência, na igualdade e no individualismo, proíbe essa transmissão hereditária do poder que assegurava sob o Antigo regime sua permanência e sua perenidade.

Essa evidente solidão e brevidade da carreira política, quaisquer que sejam o gênio do grande homem e sua força vital, impõem necessariamente que ele se apoie, seja para acessar o poder, seja para mantê-lo e perpetuar sua obra, em uma força coletiva que vai além de si mesmo, e que não podendo mais ser a linhagem ou a Igreja no mundo moderno, não pode ser senão a “rede”.

E se a história do grande público não retém, por razões de charme romanesco, senão os nomes dos grandes homens, forças da natureza, monstros de arrivismo, é evidente que sozinhos eles não podem nada. Seu triunfo, qualquer que seja seu gênio individual, passa sempre e necessariamente pelo apoio, pela constituição de redes.

Redes de apoio mas também de lealdade, de obrigações, de reciprocidade que são, no mundo democrático do indivíduo e da igualdade de oportunidades, o lado oculto do político, a matéria deixada de lado pelos intelectuais e ideólogos, tanto quanto a condição sine qua non de toda tomada de poder...

AS REDES

Ao contrário da democracia, onde o individualismo igualitário é a regra oficial, as redes devem ser negadas ou ocultadas, sob o Antigo regime, e mais geralmente no mundo antigo, as redes são a norma...

PRIMEIRO A FAMÍLIA

Primeira rede que é, sem dúvida, a família, a solidariedade e a ajuda mútua baseadas no laço de sangue. Poder derivado, em particular, do vínculo e da solidariedade pai-filho (ainda visível em alguns frontispícios de empresas: "Empresa X & filhos" e que, em particular, fez a potência da empresa Michelin). Poder e força também derivadas da fraternidade (como nos irmãos Dalton, Zemmour ou Hornec) que conferem, em face dos indivíduos, a superioridade do ser coletivo...

A FAMÍLIA, O CLÃ, A TRIBO

Uma primeira rede de solidariedade e ajuda mútua que, ampliada, dará origem ao clã, à tribo. Ou seja, uma família de famílias ainda baseada na ascendência de um ancestral comum. Ancestral comum que pode, a partir de uma certa escala, tornar-se fictício e puramente simbólico (mítico) para assumir então a forma de um totem (originalmente, em particular, do brasão na nobreza) comum a todo o clã, à tribo.

Uma pertença ao clã, à tribo que, além da solidariedade e a ajuda mútua, implica também a responsabilidade coletiva e transmissível; ou seja, o dever de vingança que leva a vendetta e razzia, próprios das sociedades clânicas...

SOLIDÃO DO INDIVÍDUO CIDADÃO

Família, clã, tribo, ou seja, a submissão do indivíduo a um todo orgânico, uma comunidade carnal que protege e obriga; enquanto que, além, a uma escala coletiva superior: povo, nação, o indivíduo não está mais ligado aos outros senão pelas frias abstrações do contrato.

Liberado dos laços preponderantes da família, mas também sozinho e entregue a si mesmo...

DÉCLIN DU CLAN, MENSONGE CITOYEN ET PROLIFÉRATION DES NOUVEAUX RÉSEAUX OCCULTES (MAÇONNERIE)

E é para compensar essa solidão que leva à impotência que proliferam, neste novo mundo do povo e da nação, dos indivíduos cidadãos abstratos, essas novas redes de ajuda e de obrigações que são as maçonarias.

Redes de poder, intercaladas entre o cidadão e o Estado, necessariamente ocultas nestes tempos oficiais de transparência democrática, d'individualismo e de igualdade cidadã...

AS REDES DOS ANTIGOS REGIMES: NOBREZA, IGREJA, CORPORAÇÕES

Quantas novas redes de ajuda e dominação que, para assumir seu lugar e seu poder após a Revolução Francesa, tiveram que derrubar as redes que as precediam sob o Antigo Regime, a saber:

– a rede da nobreza – originada do clã – baseada no laço de sangue e tirando originalmente seu poder do domínio das armas *(bellatores) ;*

– a rede da Igreja – baseada na fé – submissão a uma ordem, uma iniciação e ritos *(oratores)* e cujo mais belo emblema foi a Companhia de Jesus (os jesuítas);

– rede também no Terceiro Estado com as corporações, baseadas na comunidade de saberes *(laborat ores)* com à frente de suas solidariedades

de ofícios, uma autêntica aristocracia operária.

Quantas redes formando um sutil jogo de equilíbrio e de relações de forças entre esses antigos ordens, que, no final, são bastante equivalentes a essa "separação de poderes" apresentada pelos modernos (Locke, Montesquieu...) como o paradigma da democracia. Uma multiplicidade de contrapoderes impedindo, em todo caso, esse "absolutismo real" tão criticada pelos historiadores republicanos para desacreditar o Antigo Regime...

A PROGRESSIVA IMPLANTAÇÃO DOS REDES DO ANTIGO REGIME PELOS NOVOS REDES A SERVIÇO DOS COMERCIANTES

Mas a vitória dessas novas redes, oriundas da democracia burguesa, sobre as antigas, não será imediata e total. Após o primeiro ato decisivo que será a noite de 4 de agosto de 1789 (abolição do sistema feudal e do poder dos antigos ordens), essa redução do inimigo, redes contra redes, se dará por uma série de golpes, sempre apresentados pela história oficial – na linha de um Jules Michelet – sob o prisma do puro combate de ideias defendidas por grandes homens (Danton, Zola, Ferry...) para mascarar os interesses e a real importância para os indivíduos cidadãos.

Uma liquidação progressiva dessas antigas redes de poder, que se tornaram redes de resistência, pelos novos redes dominantes, cujos os dois grandes momentos determinantes serão, após a noite de 4 de agosto, a questão Dreyfus e a lei de 1905...

A QUESTÃO DREYFUS (1894-1906) OU A VITÓRIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E DO DINHEIRO SOBRE O EXÉRCITO, REFÚGIO DA NOBREZA

Além do drama individual em si: um caso banal de espionagem que a História não teria retido se o acusado não tivesse sido judeu (como já observava na época Jean Jaurès com

irritação, apesar de seu dreyfusismo), este "caso" é o primeiro do tipo.

Levantado com grande apoio de publicidade por sua potência simbólica (o *J'accuse !* de Zola no *Aurore* de Clémenceau), marca a tomada de poder da poderosa rede de meios de comunicação sob controle do dinheiro e apoiada pelos clérigos – ou seja, as novas figuras do "intelectual" e do "político", novos *oratores* – sobre o corpo dos oficiais e do exército.

Um exército francês, último refúgio e último lugar de poder da nobreza e do espírito aristocrático (*bellatores),*desacreditado por esta questão aos olhos do "grande público"; outra nova figura consubstancial àquela dos meios de comunicação, do intelectual e do político profissional.

Uma presença da aristocracia em um exército domado, ainda residual hoje na Marinha, chamada com nostalgia de "Real"...

A LEI DE SEPARAÇÃO DAS IGREJAS E DO ESTADO (1905) OU A DESPOSSESSÃO DOS PADRES CATÓLICOS DE SUA FUNÇÃO DE EDUCADOR EM PROL DOS INSTRUTORES LAICOS

Desde a ordem de 13 de dezembro de 1688, promulgada por Luís XIV e que se inscreve no lento processo de alfabetização do povo, todos os pais da França tinham a obrigação de enviar seus filhos à "pequena escola" paroquial. Uma educação assumida gratuitamente pela Igreja católica (função clássica da classe dos *oratores*), cujos os padres inculcavam às crianças um saber prático e a moral cristã.

Um papel dominante da Igreja sobre os espíritos atacado desde a revolução 1789, mas que não será fundamentalmente contestado pelo compromisso napoleônico que é o Concordato de 1801, nem pelas leis Guizot (1833) e Falloux (1850), o Estado Francês, por razões de custos e de

meios (locais, formação de mestres) deixando ainda a uma Igreja de França fiel à Nação (tradição galicana), a maior parte na organização e na difusão do ensino.

Só a partir de 1879, com Jules Ferry, que o anticlericalismo começará a se desenvolver abertamente. Uma perseguição tardia contra uma Igreja católica, parceira de longa data do Estado francês, que se explica principalmente pelos eventos de 1848 e de 1871. O anticlericalismo tornando-se, após a definitiva traição do Terceiro Estado proletário pelo Terceiro-Estado burguês (o versaillais Thiers reprimindo no sangue a Comuna de Paris), a nova luta de uma burguesia de esquerda que, tendo traído o povo do trabalho, precisa de uma luta progressista de substituição, mas não atingindo o poder do dinheiro.

Para o radical socialista mestre da Terceira República, "de esquerda" significando doravante não mais; para os trabalhadores, mas: contra os católicos, fossem eles católicos sociais.

É essa falsa luta de esquerda – ou essa luta da falsa esquerda, antecessora da esquerda societal chamada hoje de esquerda bobo – que servirá de pretexto ao maçom Jules Ferry – eminente membro do Grande Oriente de França – para captar o papel educativo da Igreja em benefício da "laicidade".

A lei de 1905, dita "lei de separação das Igrejas e do Estado" marcando, na realidade, a desapossessão da Igreja católica de sua função tradicional e popular de educadora, em favor da Igreja dos direitos de homem. A escola "gratuita, laica e obrigatória" tão vangloriada por Ferry es sendo, na realidade, a escola "obrigatoriamente laica" – ou seja, franc-maçônica – uma vez que gratuita, a pequena escola paroquial já o era em França desde Luís XIV...

LAICIDADE E ATHEÍSMO

Assim, a bela ideia de "liberdade de consciência e de culto" esconde-ela, por trás da lei escrita, a luta pelo poder político de uma Igreja contra outra Igreja. E o que nos é apresentado como um puro debate filosófico: o triunfo do direito ao ateísmo frente à religião em

geral e ao seu poder de opressão, não sendo, na verdade, uma luta tornada exclusivamente contra a antiga potência católica; nunca contra a igreja protestante, muito menos judaica.

Razão pela qual, segundo os códigos e as palavras da liturgia republicana, sempre se fala da luta da "laicidade" e nunca d'ateísmo; o ateísmo remetendo a tudo, menos à franc- maçonaria. Basta, aliás, ouvir Jean-Luc Mélenchon, senador socialista ou pior, Caroline Fourest, a esquerdista histérica, nos falar do Antigo regime ou do islamismo, para sentir quão profunda é a laicidade como uma religião, e que é mesmo, nesta época de turbulências e questionamentos espirituais, a mais fanática de todas!

PROLETARIADO CONTRA ARISTOCRACIA OPERÁRIA

Quanto às corporações, proibidas pela República como "corpos intermediários" – nada deve se interpor, em teoria, entre o cidadão e a Nação – essas antigas solidariedades verticais abolidas serão officialmente substituídas, no novo mundo burguês do século XIX, \pelas solidariedades de classes.

Uma luta política assumida, à esquerda, por profissionais do socialismo, frequentemente cosmopolitas, raramente provenientes do proletariado, que lutarão também contra toda tentativa, vinda dos próprios trabalhadores, de recorrer a outras solidariedades, antigas ou inéditas; luta dos luditas, revolta dos canuts, insurgentes de Kronstadt... imediatamente taxadas de desvio pequeno-burguês e de populismo.

Uma luta classe contra classe, em parte imposta, cujo resultado prático será manter o mundo operário dentro do quadro burguês do salariado, e fazer desses trabalhadores, pela condição social, mas também pela praxis (a mentalidade induzida pela prática), o que Marx chama de proletários. Não apenas trabalhadores explorados pela extorsão da mais-valia, mas também seres alienados pelo seu próprio trabalho: trabalho na linha de montagem, taylorismo, fordismo...

A MODERNIDADE OU AS CLASSES SOCIAIS COMO ÚNICOS REDES OFICIALMENTE RECONHECIDAS ALÉM DOS INDIVÍDUOS

Do fato da mentira burguesa, mas também do dogmatismo dos líderes operários, a única luta reconhecida em regime democrático, além dos conflitos de indivíduos, é portanto a luta de classe contra classe; ou seja, a luta esquerda / direita.

A única solidariedade admitida é:

– de um lado: a solidariedade de classe de uma burguesia liberal defendendo a liberdade de empreender por meio de intelectuais desertando cada vez mais a filosofia em favor da economia, erigida em ciência;

– do outro: um proletariado operário lutando pela igualdade através de seus líderes socialistas – intelectuais e sindicalistas – passa pouco a pouco, ao longo da segunda metade do século XIX, sob a dominação exclusiva da esquerda revolucionária marxista internacionalista (antecessor do PC) e da esquerda reformista maçônica (antecessor do PS).

Uma apresentação esquerda/direita, validada pela ingenuidade, covardia ou submissão dos clérigos que oculta seus novos "corpos intermediários" que, no entanto, são proibidos pela República – nada deve se interpor em teoria entre o cidadão e a Nação – que são as redes transversais: maçonaria do Grande Oriente, Clube das Cordelières, Le Siècle... e outras solidariedades ocultas onde se confraternizam em silêncio patrões, representantes da esquerda e sindicalistas, mesmo que depois se enfrentem para a galeria nos programas de televisão...

OS LOBBIES E AS COMUNIDADES

Devido à dominação anglo-saxônica vinda da América, e embora a Constituição francesa não reconheça os grupos de pressão – sempre proibidos na Câmara – os meios de comunicação, encarregados desde o caso Dreyfus de dar o tom, admitem hoje timidamente a existência de

lobbies, desde que sejam econômicos: lobby farmacêutico, lobby agroalimentar, lobby dos caçadores...

Da mesma forma, com o relaxamento dos costumes, consequência do processo de destruição liberal, a legítima reivindicação de não perseguição das minorias sexuais se transformou em agressividade anti-héterosexual e anti-família, sob a forma de um "lobby gay" que se reclama do progressismo, segundo o mesmo deslizamento social inicialmente operado à esquerda pelo anticlericalismo. Um primeiro lobby sexual criado na França por Jack Lang, sob a influência de François Mitterrand no momento do abandono da esquerda operária pelo partido Socialista, e desde então ampliado ao lesbianismo por Caroline Fourest, ao MEDEF e depois à UMP por Philippe Val.

Uma existência admitida de lobbies econômicos e de lobbies sexuais, consideravelmente mais constrangedora quando se trata de lobbies etno-confessionais, a República ainda não reconhecendo as comunidades que se interpõem entre o indivíduo cidadão e o interesse geral; exceto recentemente quando se trata de muçulmanos...

MAIORIA DOMINADA, MINORIAS ATUANTES, INEXISTÊNCIA DA COMUNIDADE NACIONAL E IMPOTÊNCIA DO CIDADÃO INDIVIDUAL

Redes, lobbies, grupos de pressão... Para sair da mentira dominante, servida pela ingenuidade universitária e pela servilidade dos clérigos, na República, não existem apenas comunidades, mas a única officialmente admitida: a comunidade nacional, que, para ser uma pura abstração, é a única que não existe.

Quanto mais se ganha em extensão, de fato, mais se perde em compreensão, ou, expressando de outra forma, pelo ditado popular: quem muito abraça *mal aperta. Assim, e ao contrário das ideias recebidas, na política o maior* número é um handicap, e se todos os poderes se reclamam do povo, jamais, na memória de um homem, nenhum poder lhe coube.

Constatação implacável, da qual decorre que as organizações autoproclamadas que pretendem defender minorias contra a opressão da maioria abstrata – na realidade impotente e inexistente – não são mais que departamentos emanando de minorias atuantes, que trabalham, elas, para a dominação.

Uma imposição da maioria silenciosa pela perseguição midiática, judicial, pecuniária e penal dos raros indivíduos que não se submetem à sua vontade de dominação.

Os dois mais belos exemplos que demonstram essa realidade são hoje a LICRA e o CRIF.

O CRIF, onde o governo francês inteiro, com o presidente da República à frente, vai receber suas ordens, durante um jantar anual, de uma comunidade que representa menos de 1% da população francesa e defende abertamente, além disso, os interesses de um Estado estrangeiro que viola todos os direitos humanos.

A LICRA, que afirma lutar contra o racismo, exceto quando se trata de racismo anti-francês, e que foi criada, como nos ensina o excelente ensaio de Anne Kling, La France licratisée, para cobrir, a princípio, o assassinato político de um líder nacionalista em nosso território; o que, no fundo, pouco mudou desde então...

O PODER OU A MINORIA DOMINANTE

Da família muito pequena à comunidade nacional abstrata, ambas também sem poder, surge a questão – à qual só se pode responder de forma prática – do tamanho que deve e pode alcançar uma rede para ser efetivamente uma comunidade poderosa.

E em resposta, é interessante notar que em todos os tempos, sob todos os regimes: Egito faraônico, democracia grega, bramanismo hindu, monarquia católica... uma oligarquia de apenas 1% da população sempre comandou a massa dos 99% restante; como uma matilha de lobos dominando um rebanho de ovelhas.

Assim, a nobreza francesa, última oligarquia reconhecida sob nossos céus, ditou as destinações da França com essa mesma porcentagem por mais de mil anos.

E seria interessante investigar – a menos que o mundo tenha mudado completamente – qual nova aristocracia, oligarquia ou minoria dominante ordena hoje, com essa mesma porcentagem, ao restante do país?

Uma questão que, em um regime oficialmente democrático, é certamente a questão que mata...

AS MAFIAS DO CINEMA

As redes mafiosas que fazem o público tremer são conhecidas do grande público essencialmente pelo cinema; notavelmente a máfia italo-americana através da excelente epopeia do *Padrinho* (clã nova-iorquino Corleone).

No entanto, essa rede de poder e solidariedade – a máfia – combinando o vínculo de sangue (clã siciliano) e iniciação (maçonaria) não é nada mais que a imitação, por membros da comunidade na base da escala social, de outras redes de poder e solidariedade – notadamente WASP – que constituem o meio mais seguro e mais rápido de se elevar coletivamente em um regime democrático.

Pouca ou nenhuma máfia, de fato, na URSS de Stálin, na Alemanha de Hitler, na Itália fascista, na China popular ou no Iraque de Saddam Hussein; os regimes autoritários sendo pouco propícios ao seu desenvolvimento.

Comparados às outras redes de poder mais abastadas (Skull & Bones, Bohemian Club, CFR...) a especificidade das redes mafiosas reside principalmente em seus meios mais violentos e primários de dominação. Meios necessários devido ao seu pouco capital financeiro e social de partida: o roubo (assalto, sequestros), o comércio de seres humanos e do vício (prostituição, álcool, drogas) sendo os meios de enriquecimento rápidos e clássicos que não necessitam de nada mais, como investimento inicial, além do coragem e da brutalidade física.

Métodos e meios expeditivos que tornam essas máfias espetaculares – portanto cinematográficas – mas que não são, no entanto, mais do que a decolagem para o estágio superior da legalidade: imóveis, finanças, política... Onde reinam as máfias mais poderosas da violência e do extorsão legalizados.

Máfias com nomes mais polidos: Grande Patronato, Complexo militaro-industrial, Banco... onde advogados e agentes oficiais substituíram os cobradores e os cortadores de orelhas, mas que não deixam de ser redes de poder que não hesitam em eliminar qualquer um que se oponha ao seu comércio – mesmo que seja presidente dos Estados Unidos – como John-Fitzgerald Kennedy descobriu por experiência própria em Dallas, em um certo 22 de novembro de 1963.

Assim, as máfias de cinema são, na verdade, aquelas, primárias e folclóricas, que podem ser denunciadas sem perigo, porque na base da escala hierárquica das redes de poder e dominação, como a máfia calabresa em relação à loja P2.

Ou ainda porque inoperantes aqui, como os famosos Yakuzas japoneses.

Ou ainda em declínio, como uma certa maçonaria provincial originária da Terceira República (GLF).

O verdadeiro poder sendo, por definição, aquilo a que é realmente dangeroso atacar, e a máfia das máfias, consequentemente, aquela que não se pode nomear sem tremer...

AS REDES EM TERMOS DE ESCALA: ORDEM DOS JESUÍTAS, TRIADES CHINESAS, B'NAI BRITH...

Finalmente, para comparar diversas organizações de solidariedade e de dominação, que se chamem máfia, maçonaria ou rede:

– os jesuítas, dos quais se diz que reinaram por vários séculos sobre o mundo católico formando suas elites, reivindicam hoje 19.200 membros;

– a mais importante tríade de Hong Kong, a Sun Yee On, conta com cerca de 40.000 membros, atuando principalmente no território dos Estados Unidos;

– o B'nai B'rith, a mais antiga organização maçônica judaica, reivindica, por sua vez, mais de 500.000 membros em todo o mundo. E entre\les, não há pizzaiolos corruptos, judocas tatuados ou clérigos que extraem sua força apenas de seu conhecimento, mas personalidades eminentes oriundas das mais altas esferas da política, das artes, das ciências do mundo ocidental, entre as quais Sigmund Freud, Martin Sheen e Henri Kissinger.

Um poder de rede ao lado do qual a máfia calabresa, da qual nos fazem um espantalho, é um jogador muito pequeno...

MAÇONARIA, IDEAL EXIBIDO, OBJETIVO OCULTO E NÍVEIS DE INICIAÇÃO

Oficialmente, ninguém nunca faz nada por más ideias, o mal avança sempre mascarado. E o fim real sendo muitas vezes muito longe do objetivo anunciado, a iniciação progressiva, por graus – trinta e três a maçonaria – além do patrocínio, é a regra de funcionamento de toda rede maçônica.

Uma iniciação pelo hermetismo no sentido mais trivial do termo: os graus da revelação sendo tantos quantos os compartimentos hermeticamente fechados que respondem, depois das simulações esotéricas, a uma regra simples para o irmão iniciado que passou de aprendiz a companheiro e depois a mestre: "quanto mais você sobe, mais você sabe mas mais você toca!"

A renúncia ao ideal: direitos humanos, paz universal, antirracismo... sendo compensada – além da desilusão transformada em cinismo – por um maior acesso ao poder e às prerrogativas mundanas que vão junto; sempre as mesmas: o dinheiro e as honras que trazem as mulheres ou os meninos, conforme o caso.

Essa solidariedade do interesse bem compreendido – onde não atua mais a fé e onde não existem as solidariedades de sangue dos dois antigos ordens de dominação:

oratores e bellatores – sendo então reforçada pela complicidade entendida no sentido delituoso do termo: “se a rede cair, molhado como você está, você cai com ela”...

A REDE MAÇÔNICA, MENTIRA DEMOCRÁTICA

Nem sangue, nem fé, nem classe, a maçonaria constitui, portanto, a rede de poder típica da modernidade oriunda das Luzes.

Uma solidariedade horizontal baseada na cumplicidade, acompanhada de uma submissão vertical baseada na mentira que reconstitui, de fato, esse “corpo intermediário” entre o cidadão e o Estado que levou as corporações a serem dissolvidas por aqueles que tomaram seu lugar na República!

Seja falando do Grande Oriente (cerca de 50.000 irmãos), onipresente dentro da política, ou da GLNF (43.000 irmãos anunciados) onipresente dentro dos negócios – seja a realidade da partilha do poder esquerda/direita: a gestão do social para uns, a do capital para outros – ou se falamos do mais moderno “Le Siècle” que, com 630 membros, dos quais 150 convidados, tem a alta mão sobre a marcha do país, todas essas redes encarnam a mentira democrática por excelência.

Mentira de uma República que pretende trabalhar pela democracia por meios contrários: à igualdade pela dominação, à transparência pelo hermetismo; o antigo Grande mestre do GO, Alain Bauer, conselheiro polivalente de Nicolas Sarkozy – papel que tenta contestar seu rival François Stifani, o outro Grande mestre da GLNF – reconhecendo ele mesmo que em nosso sistema político, dito democrático, não são quarenta milhões de cidadãos que fazem as leis, mas 15 0000 irmãos. Nome que corresponde sem dúvida na mente deste iniciado à quantidade de maçons especulativos, todas obediências confundidas, presentes em nosso território.

Uma onipresença comprovada das redes maçônicas em quase todas as grandes questões de corrupção política e financeira: influências sobre a instituição judicial e vínculos maçônico-mafiosos.

Uma vasta organização de dominação reinando sobre toda a era democrática ocidental, mas também sobre seus domínios como a África, de onde todos os potentados são maçons (Bongo, Sassou-Nguesso, Biya...) a exceção notável dos marxistas (Lumumba, Sankara...) que acabam por ser assassinados...

ONIPRESENÇA DA MAÇONARIA, EXCETO NAS ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS

Um poder político que também impõe um terror epistemológico (como a Igreja sobre a Universidade do Antigo Regime antes da Enciclopédia). Toda pesquisa sociológica sobre as redes maçônicas e seu poder sobre a República sendo imediatamente taxada, apesar da evidência, de conspiracionista e de extrema direita.

Um desdém dissuasivo que vale imediatamente desgraça e desonra para o pesquisador. O que explica que nenhum desses funcionários nomeados pelo Estado se arrisque, especialmente desde 1945. Nem mesmo o falecido Pierre Bourdieu – que, apesar de ser medalha de ouro do CNRS (sic) – e que apesar de milhares de páginas de portas abertas sobre a "dominação", nunca escreveu uma linha sobre o assunto; razão pela qual, sem dúvida, apesar da indigência de sua obra, ele acaba sendo professor titular da cátedra de Sociologia no Collège de France...

SANGUE E DEUS: PERSISTÊNCIA E SOLIDEZ DAS SOLIDARIEDADES ÉTNICAS E RELIGIOSAS NA MODERNIDADE (AS COMUNIDADES)

Uma vez admitida a mentira da comunidade nacional e do reinado do maior número. Uma vez admitida, além do indivíduo e das classes, a realidade das minorias atuantes e das redes de dominação, transversais, verticais. É preciso admitir, nestes tempos de degração das solidariedades sociais e de apologia midiática do eu...

para os outros, a resurgência das comunidades clássicas fundadas no sangue e na fé.

Uma situação admitida, paradoxalmente, em decorrência da encenação midiática, e da colocação em evidência política do "comunitarismo árabe-muçulmano". A *Oumma* sem clérigos e dilacerada entre mil influências estatais, sendo, no entanto, entre as comunidades efetivamente atuantes, a mais desprovida de poder político na França. Razão pela qual, evidentemente, ela sofre tantos ataques. As comunidades poderosas sendo, por definição, aquelas às quais se ousa pouco atacar.

Uma denúncia da ascensão de um certo comunitarismo etno-confessional que revelou, sobretudo, por efeito reverso, o incrível poder sobre o debate de ideias, as leis que dizem o direito e a República, dessa outra comunidade etno-confessional responsável pela diabolização da anterior. Ou seja, diante de uma *Oumma* dividida, manipulada, humilhada e finalmente fictícia, a onipotência do CRIF. Um poder lógico, se se pensar no poder que a adição proporciona, dentro de uma mesma comunidade organizada:

– dos laços de sangue (a qualidade de judeu sendo transmitida hereditariamente pela mãe);

– de uma fé plurimilenar baseada no projeto claramente estabelecido de dominação (destino histórico prometido por Deus ao povo eleito);

– do cosmopolitismo (essa comunidade organizada estando presente na maioria das nações, e particularmente nas nações desenvolvidas, para fazer dela a "comunidade internacional" por excelência);

– e do pleno domínio da modernidade: finanças, mídias e ciências.

Uma combinação de solidariedades étnicas, religiosas e de classes que a torna logicamente a rede das redes.

Uma rede de tal poder que nenhum cineasta se arriscaria a produzir sobre ela uma ficção comparável àquelas que proliferam, no entanto, sobre a máfia siciliana.

Uma rede de tal poder que, apesar de sua onipresença e sua onipotência comprovadas em todos os setores-chave das finanças, da

política, das mídias e das ciências, apenas a ideia de evocar publicamente seu nome provoca, no indivíduo consciente da ficção que é, na realidade, nossa democracia da liberdade e da igualdade, “estupefação e tremor”, como o pobre burakumin subitamente colocado em presença do imperador do Japão antigo...

CINEMA E APOLOGIA MENTIROSA DO HERÓI SOLITÁRIO

Perante essa realidade que é a superioridade das redes sobre o indivíduo, o cinema de massa produzido por Hollywood nos vende, incansavelmente, a ficção contrária do herói solitário triunfante das redes do mal.

E enquanto Edmond Rostand teve a honestidade de terminar sua peça pela defeat de Cyrano, vencido pelas camarilhas, o herói de cinema, ele, sempre vence no final.

Uma mentira do herói solitário triunfante sempre do mal comunitário, do qual se pode suspeitar o papel de educação à ingenuidade sobre o gentil espectador ocidental...

SER COLETIVO E RIVALIDADE MIMÉTICA

Mas entender a força da rede é também entender, no plano psicológico, a construção por esse laborioso trabalho de iniciação e de rituais, de um verdadeiro "ser coletivo".

Um ser coletivo onde o sucesso do outro, considerado como sucesso de si, permite superar a "rivalidade mimética".

Essa rivalidade interindividual da qual René Girard nos ensina por toda sua obra que é um dos motores da relação com o outro, e que ela constitui – além das rivalidades de classes – o obstáculo psicológico maior à solidariedade coletiva...

AÇÃO INDIVIDUAL, UTILIDADE COLETIVA: OS DOIS NÍVEIS DE EXISTÊNCIA DO SER COMUNITÁRIO

Entender a lógica da rede é finalmente entender a dupla realidade, no indivíduo comunitário, de sua convicção individual e de sua utilidade coletiva.

Como sua ação, além da expressão de uma convicção pessoal, ganha pleno sentido, não em relação ao seu valor em si, mas ao interesse que representa para a rede que a promove.

Uma existência em dois níveis, gerando também uma dupla ética. O indivíduo pode ser seu amigo, enquanto sua pertença comunitária ordena que você o traia. Uma duplicidade, típica da mentalidade comunitária, tão chocante e tão difícil de admitir para o simples indivíduo...

LAICIDADE, SATANISMO

No plano moral, as redes de dominação pelo engano e pela dissimulação já são o mal.

Mas esse mal pode ir muito mais longe quando aqueles que se chamam eles mesmos “os filhos da luz” – sem dúvida em referência à ideologia das Luzes que os sustentou – veem um outro sentido, mais negro, mais turvo e mais esotérico.

Lúcifer significando também “portador de luz”, seja no livro de Isaías, este rei babilônico ridicularizado por querer se elevar acima de sua condição de homem e superar Deus.

Uma figura prometéica associada ao orgulho e progressivamente se tornou, na tradição cristã, o símbolo do mal e um dos nomes do Diabo. Personagem que a*Apocalipse segundo São João*identifica como Satanás o tentador, Satanás o mentiroso, Satanás o divisor, e designado também por Jesus, dentro do*Evangelho de João,* como “assassino” e “Senhor da Terra”...

Desde então, a existência, no mais alto nível de iniciação, de maçonarias satânicas do tipo: Illuminati, Skull and Bones e outras seitas

que prestam culto aos deuses anti-cristãos, babilônicos ou egípcios, como Moloque, com cerimônias simulando assassinatos de crianças como em *The Crémation of care* do Bohemian Club, não é tão delirante.

Não tão delirante, uma vez que para assumir a crueldade que implicam as decisões tomadas no mais alto nível por essas redes de dominação ocultas sobre a humanidade sofredora — decisões gerando: desemprego, famines e guerras – é preciso ter renunciado aos mandamentos cristãos de humildade e caridade e ter, literalmente, dedicado sua alma ao diabo!

É, aliás, essa constatação aterrorizante que fazia o produtor hollywoodiano Aaron Russo, após os comentários que lhe teria feito o grande iniciado Nick Rockefeller. Comentários revelando os desígnios maléficos da oligarquia globalista e que Aaron Russo ousou denunciar em uma confissão em vídeo famosa, alguns meses antes de sua morte, porque ele se sabia condenado...

MAÇONARIAS E NOVO ORDEM MUNDIAL

Articulados em torno do núcleo da ONU – a ONU que retomou, após a Segunda Guerra Mundial, o princípio globalista da Sociedade das Nações iniciada em 1918 por nosso compatriota, a serviço do poder bancário anglo-saxão, Jean Monnet – o CFR, a comissão Trilateral e o grupo Bilderberg, mas também o FMI (do nosso futuro presidente Strauss-Kahn), a OMC (de Pascal Lamy, outro agente francês a serviço dos interesses anglo-saxões), a OCDE, os lobbies militaro-industriais, énergéticos, agroalimentares e farmacêuticos (servidos pela OMS), assim como clubes mais esotéricos como Skull and Bones e Bohemian Club, aos quais ainda se deve acrescentar outros intermediários franceses como o Século e o Clube das Cordelières...

Todos esses redes de poder, trabalhando de mãos dadas por razões de interesses financeiros e de solidariedade de casta, constituem esse rede das redes que é, de fato, a estrutura combatente do Império.

Um Império trabalhando para a Nova Ordem Mundial, ou seja, para a abolição da democracia e para o poder bancário integral – forma acabada do Capital –

nas costas do trabalho, das nações e dos povos...

4. DAS CLASSES E DAS LUTAS

O Estado não é a pátria. É a abstração, a ficção metafísica, mística, política, jurídica da pátria. As massas populares de todos os países amam profundamente sua pátria; mas é um amor real, natural. É uma ideia; um fato... E é por isso que me sinto francamente e sempre o patriota de todas as pátrias oprimidas.

Mikhaïl Bakounine

Eu trabalho como um cão a semana toda

Eu juro que o chefe está contente.

Minhas amigas ficaram bravas:

Não é muito inteligente o que você está fazendo aí,

É necessário o que é necessário, mas você está exagerando,

Você verá que um dia vai se arrepender...

Eu não me importo muito.

Y *pode me acontecer qualquer coisa*,

J'm'*en fous pas mal*.

Eu tenho meu domingo que é meu.

Pode ser banal,

Mas o que as pessoas pensam de você,

Não me importa!

Estou nem aí!

Edith Piaf

AS CLASSES SOCIAIS SEMPRE EXISTIRAM

Determinadas pela evolução das forças produtivas – ou seja, a história do progresso técnico – e as relações de produção que decorrem dessa evolução (não há relações burguesia/proletariado sem invenção, assim como a máquina a vapor necessária à revolução industrial) as classes sociais sempre existiram.

Sempre existiram ou, mais exatamente, existiram desde que o homo faber, saiu de um mítico "comunismo primitivo", e se comprometeu com o caminho necessário e fatal da especialização das tarefas, para gerar, pela divisão do trabalho, as primeiras divisões sociais.

Uma divisão social em classes que remonta à noite dos tempos históricos...

CLASSE PELA PRÁTICA E MENTALIDADE DE CLASSE

Classes sociais definidas pela sua praxis: os *laboratores* pela agricultura, o artesanato e depois o comércio; os *bellatores* pelo ofício das armas; os *oratores* pelo aprendizado e a transmissão do saber no antigo mundo tripartite.

Uma praxis que gera também uma cultura e uma mentalidade de class mentalidade comerciante hoje dominante, mentalidade popular majoritária mas sempre desprezada e mentalidade aristocrática logicamente em via de extinção.

Uma cultura e uma mentalidade de classe que não esgotam, por outro lado, a questão do grupo etno-cultural que gera uma outra ordem de consciência e de solidariedade; nem a persistência do animal no homem e os comportamentos reflexos que a acompanham: instinto de sobrevivência individual, preocupação com sua prole...

ANTAGONISMOS DE CLASSES, COLABORAÇÃO DE CLASSES E “LUTTISMO DE CLASSE”

Mas no tempo do poder real, notadamente sob a monarquia teocrática que precedeu nossa democracia maçônica e mercantil, os antagonismos de classes eram contidos ou transcendidos – conforme se veja um mal ou um bem – pela submissão geral à ordem divina.

A solidariedade etno-cultural, aquela por exemplo de todos os súditos de sua majestade no reino da França, prevalecendo, em última instância e apesar das tensões, sobre os antagonismos de classes assim como sobre a solidariedade de classe.

Uma aceitação da lei de Deus – e do *fatum* –que impedia esse “lutismo de classe”, denunciado por Charles Péguy como o mal moderno, e que caracteriza fatalmente o mundo da imanência que lhe sucedeu.

Um “lutismo de classe” que não pode ser contrabalançado, em nossa sociedade burguesa da imanência e do lucro, senão pela solidariedade nacional em substituição à ordem divina: ou, no sentido oposto, pela promoção de um individualismo exacerbado que destrói então toda solidariedade...

A CLASSE OPERÁRIA, INCARNAÇÃO DA MENTIRA E DA TRAÍÇÃO BURGUESA

No mundo da imanência que sucedeu à Revolução francesa, a luta de classes torna-se, portanto, efetivamente o novo motor da História.

Uma luta resultante primeiro do fim da solidariedade trans-classes existente anteriormente na monarquia de direito divino; mas uma luta resultante depois, e sobretudo, da promessa não cumprida das Luzes.

A tomada do poder pelo Terceiro Estado, uma vez afastada a Nobreza e o Clero, não resultou na igualdade social de todos os cidadãos e na fraternidade nacional, mas na exploração, dentro do Terceiro Estado, de um proletariado industrial por uma nova burguesia capitalista

empreendedora, ainda mais dura com seus empregados do que era a nobreza com seus camponeses.

O proletariado e sua miséria sendo, literalmente, a encarnação da mentira da burguesia e de suas chamadas Luzes.

Uma nova situação de violência e de mentira dentro do campo progressista que fará a cama, a partir de 1830, do pensamento e da épica socialista...

O SONHO DE UM MESSIANISMO PROLETÁRIO

Uma vez apagadas, pelos fracassos da História, as pretensões do marxismo à cientificidade, a grande ideia do socialismo pode se resumir assim:

O proletariado criado, como o golem, pela própria burguesia – e que é o fruto de suas contradições – será, por sua consciência extraída de seu sofrimento, e as qualidades morais que se supõe que resultem disso: respeito e solidariedade em relação aos trabalhadores, a classe encarregada, pela História, de punir a burguesia capitalista exploradora e mentirosa, por uma tomada de poder despojando essa mesma classe burguesa de seu poder sobre essa falsa democracia que é a democracia liberal.

Uma tomada de poder pelo proletariado que completará, ao mesmo tempo, o trabalho político progressista empreendido pela Revolução Francesa – e traído pela burguesia – para produzir finalmente, e mais somente formalmente, essa sociedade fraternal e sem classes prometida pela igualdade cidadã dos Iluministas.

Uma esperança e uma visão de mundo que fazem do marxismo, o que quer que se diga, um moralismo e um idealismo.

Um projeto esforçando-se para reatar com a escatologia cristã do compartilhamento e do amor, no mundo materialista gerado pelo immanentismo mercantil, apoiando-se em um messianismo profético extraído ele mesmo do judaísmo.

Projeto socialista que pretende se apoiar no logos grego para realizar o projeto judaico messiânico e missionário cristão reconciliados, e resultando sem dúvida da tripla cultura judaica, cristã e grega do filósofo Karl Marx, principal teórico do socialismo dito científico...

O MESSIANISMO PROLETÁRIO, PROJETO DOS INTELIGENTES

Um projeto de revolução socialista, por e para os proletários, pensado e desejado não por proletários – os proletários, por razões de práxis, raramente têm o bagagem conceitual necessária – mas por intelectuais oriundos de duas franjas da burguesia:

– a pequena burguesia nacional, para os socialistas libertários e outros sindicalistas revolucionários, tais como Pierre-Joseph Proudhon e Georges Sorel. Pensadores frequentemente autodidatas e profundamente ligados ao mundo do trabalho;

– a média e grande burguesia ashkenaze, para os socialistas internacionalistas como Karl Marx e Ferdinand Lasalle. Teóricos totalmente estranhos às classes trabalhadoras, e opositores ao empirismo pequeno-burguês dos primeiros, a arrogância de uma abstração conceitual extraída da filosofia heleno-européia; uma filosofia fervorosamente abraçada desde sua recente emancipação do pensamento talmúdico e do gueto.

O mais belo exemplo desse desvio absoluto entre o sujeito pensante e o objeto pensado é sem dúvida *História e consciência de classe*, de Georg Lukacs. Enorme tijolo historico-filosófico onde este filho de banqueiro da grande burguesia judaica húngara tenta demonstrar, por uma elucubração conceitual virtuosa, o destino messiânico e anti-burguês de um proletariado idealizado que ele nunca conheceu. Um compromisso teórico que o levará, ele o fino letrado, a participar do governo sanguinário do aventureiro Béla Kun, e depois a apoiar até seu último suspiro a obra de Joseph Staline.

Um proletariado ideal saído da cabeça do intelectual, usado como arma contra sua própria classe no cadete da burguesia cheio de culpa pela traição das Luzes perpetrada por seus pares.

Proletariado supostamente revolucionário, usado também como arma da vingança e da conquista, pelo desclassificado e o cosmopolita, contra as elites possuidoras: essa burguesia nacional e cristã da qual se quer ocupar o lugar em nome do proletariado...

NENHUMA AUTONOMIA DE CLASSE SEM CULTURA DE CLASSE

Teatro antigo, gesto cavalheiresco, romance burguês... a consciência e a autonomia de um grupo social se demonstram primeiro por sua produção cultural. Uma cultura específica onde esse coletivo expressa diante da História o que sabe ser e o que quer.

No entanto, como Édith Piaf, intérprete magnífica, mas interpretando textos escritos por outros, o proletariado revolucionário nunca fez mais do que seguir líderes não oriundos de suas fileiras, e tocar diante da História uma partitura que não é de sua mão...

Lucido sobre esse ponto, Louis-Ferdinand Céline, pequeno burguês letrado que melhor expressou o sofrimento e a alma popular, tirava uma fierté irônica desse elogio de Joseph Staline – outro desclassificado cínico – que considerava *A Viagem ao Fim da Noite* (traduzido para o russo por uma Eisa Triolet também perfeitamente estranha ao mundo operário) como o único romance proletário já escrito.

Ironia, compartilhada por esses dois espíritos de um realismo amargo, de constatar que o indivíduo proletário, cujo século XIX intelectual havia feito o herói da História, era na verdade um herói mudo; a famosa classe messiânica, uma classe que nunca produziu a menor cultura específica onde expressar sua consciência e seu projeto – o "realismo socialista" imposto pelo Partido sendo a demonstração mesma – exceto por confundir um pouco rápido cultura proletária e cultura popular...

POVO OU PROLETARIADO?

De François Villon a Dieudonné passando por Louis-Ferdinand Céline, Michel Audiard e Coluche, a cultura popular perpetua, através dos séculos, um gênio bonachão aos antipódas de um “realismo socialista” expressando por decreto a arte proletária.

Uma cultura do povo e para o povo que nos obriga, para definir o grupo humano do qual é a expressão, a precisar primeiro o que o povo não é.

Povo que não é antes nem a nobreza nem o clero, mas este “terceiro excluído” constituído pelos não privilegiados sob o Antigo regime, e que acessa en teoria, como Terceiro Estado, ao pleno poder pela Revolução Francesa.

Povo que ainda devemos definir, frente à exploração e ao parasitismo das classes superiores – nobreza e depois burguesia de ntro do Terceiro Estado – como o mundo do trabalho e da produção;ou seja esta classe dos *labor at or es*assumindo e assegurando – segundo a terminologia freudiana – o “princípio da realidade”: camponeses, artesãos, comerciantes, operários, pequenos empreendedores... aos quais devemos agregar também os pequenos funcionários úteis e os artistas expressando essa sensibilidade.

Povo que podemos definir em termos de classes, como a adição do proletariado e da classe média.

Um povo constituído pela pequena burguesia e pelo proletariado que se coabitam, aliás, na vida real, como o proprietário de um bar, proprietário de seu meio de produção, e seu cliente, o operário assalariado.

Dois grupos sociais contíguos e misturados que o socialismo científico, em nome de abstrações intelectuais desmentidas pela realidade – começando pela realidade social e urbana do bairro e do bar – sempre se esforçou para separar e opor...

MENSONGE DE L’INTERNATIONALISME PROLÉTARIEN : LE POUPLE EST TOUJOURS PATRIOTE

Proletariado fantasiado e manipulado pelas abstrações de agitadores cosmopolitas, apresentado como internacionalista, enquanto, outra constatação prática historicamente demonstrada, o povo é sempre patriota.

Patriota como o povo da Comuna que recusou, em nome da orgulho francês, a derrota de Sedan e uma submissão de Paris ao ocupante prussiano, aceita pela burguesia versaillesca...

Povo aclamando sempre suas equipes esportivas nacionais, diante do desdém ou da manipulação – quando o esporte se torna um mercado – das elites de dinheiro desdenhosas desses entusiasmos simples e coletivos *(cf.* Bernard-Henri Levy).

Povo fiel à sua nação diante da traição de suas elites cosmopolitas; seja a de Luís XV sacrificando os interesses da França aos de seu primo, o rei da Prússia, ou a de Sarkozy, o liquidante americano atual da independência francesa...

IL N'Y A D'INTERNATIONAL QUE LE CAPITAL

Famílias reinantes, colocando o parentesco europeu acima do interesse nacional (daí a fuga a Varennes de Luís XVI), à burguesia submissa ao interesse de um capital também sem fronteiras, a mentalidade internacionalista – na realidade cosmopolita – é perfeitamente estranha ao povo.

Um internacionalismo que é, por outro lado, próprio das elites viajantes, e dos manipuladores nômades, fazendo seus negócios acima da cabeça de povos, por sua praxis, pouco móveis e enraizados.

Assim, o anti-nacionalismo proferido por um Georges Sorel à véspera de 1914, não deve ser entendido como um desprezo elitista pela solidariedade nacional, mas como a recusa de uma manipulação burguesa empurrando os povos, francês e alemão, ao banho de sangue para o maior interesse do Capital...

O INTERNACIONALISMO OPERÁRIO BEM COMPREENDIDO, CONTRÁRIO AO ANTINACIONALISMO TROTSQUISTA

Recusa de um nacionalismo belicoso instrumentalizado – desde Napol
– pelas forças do dinheiro e levando sempre ao sofrimento dos povos, que deve nos fazer compreender o internacionalismo operário, não como a expressão de um antipatriotismo instintivo, mas como a solidariedade dos povos do trabalho, em uma preocupação de eficácia política, frente às manipulações do Capital apátrida.

Um internacionalismo que parte do nacional para voltar a ele, como o do PCF anti-imigração de Georges Marchais, expresso por seu famoso discurso de Montigny-lès-Cormeilles.

Discurso popular e patriota, aos antipódios do internacionalismo trotskista que expressa um ódio quase religioso à Nação. Um desprezo pela fronteira e pelos povos enraizados professado por agitadores profissionais, raramente oriundos do povo do trabalho, e compartilhado pela grande burguesia do dinheiro.

Daí o interesse, para o grande Capital, em favorecer discretamente esses agitadores anti-nacionais em detrimento dos representantes legítimos do povo operário solidário e patriota.

Uma colisão entre globalistas de direita e internacionalistas de greve – na realidade todos cosmopolitas – tornada ainda mais fácil pois eles são frequentemente oriundos, como demonstra a História, da mesma comunidade...

FILOSOFIA DA MISÉRIA CONTRA MISÉRIA PELA FILOSOFIA

Mas para voltar à luta teórica anti-capitalista travada durante toda a segunda metade do século XIX dentro da própria família socialista, dois campos vão se confrontar, ambos afirmando trazer a resposta correta a esta mesma questão central: “No mundo da

immanência onde tudo provém da praxis, quais são as condições materiais, sociais e políticas próprias para libertar o homem?”

Uma questão, mas duas respostas e dois grupos principais para conduzir a luta anti-burguesa:

– de um lado, o socialismo libertário de Bakounine e Proudhon desdenhoso;

– do outro, o socialismo chamado “científico” do tandem Marx – Engels.

Os primeiros se esforçando para responder a essa imensa questão pelo bom senso e o empirismo. Os segundos, opõem aos palpites e às aproximações dos primeiros, um sistema filosófico totalizante que reclama um “sentido da História”, retomado de Hegel, e que tratará, do alto de sua suposta cientificidade, a tentativa de pensar os remédios práticos para a miséria dos primeiros, como “miséria da filosofia”.

Uma virtuosidade conceitual chamada “materialista histórica e dialética” que, infelizmente para eles e para o proletariado, se revelará com o passar do tempo, que diz o verdadeiro sentido da História, as elucubrações supostamente científicas de burgueses arrogantes como novos ricos, usando, como aprendizes de feiticeiro, uma filosofia muito distante de sua cultura herdada profético-messiânica, para zombar de pensadores autodidatas, mas oriundos do mundo do trabalho, cujas intuições anti-marxistas-leninistas se revelaram corretas...

DESCONFIAR DO PROGRESSO

O Progresso, promovido em nome do “sentido da História” por Marx, contra as intuições e as observações de bom senso de Proudhon e depois Sorel – que eles humildemente tomavam nota da recusa do maquinismo expressa pelos luditas na Inglaterra, os canuts na França, e de uma forma geral pelas corporações que representavam a aristocracia operária – resultando na estupidificação do trabalho parcelado, a alienação suprema do taylorismo e do fordismo...

RUMO AO SALARIADO GENERALIZADO

Esse progresso maquinista alienante – além de exigir capital – passa necessariamente pela concentração e pela grande unidade de produção. Seja pela generalização de um salariado gerador de submissão, de passividade e de infantilismo, como Proudhon e depois Sorel também haviam pensado contra Marx e Engels...

A DITADURA DO PROLETARIADO É A DITADURA DO PARTIDO

A ditadura do proletariado, teorizada por Marx e depois realizada pelos bolcheviques — Lenin, constatando a amorfidade das massas proletárias abandonadas a si mesmas e à sua consciência, preferiu contar, para tomar o poder, com uma "vanguarda revolucionária", ou seja, com profissionais não proletários, mas formados para a ação revolucionária, em vez de um "espontaneísmo" das massas que realizaria um "sentido da História" que conduziria a acadêmica virtuosa, mas a política ingênua, Rosa Luxemburgo, ao fracasso e à morte.

Em resumo, a chamada "ditadura do proletariado" que não pediu nem projetou, levando na prática à ditadura inevitável do Partido-Estado. Ou seja, desde Lenin, à burocracia e à Nomenklatura stalinista...

SOCIALISMO OU POPULISMO: AS CONDIÇÕES DA CONSCIÊNCIA E DA LIBERDADE

Frente a este regime baseado na divisão do trabalho e no salário generalizado sob a autoridade exclusiva do Partido-Estado — ou seja, a ditadura maquinista e policial de um "socialismo real" justificado e disfarçado pela arrogância de uma ciência filosófica repetida e crida como uma religião – os pensadores populistas: Bakunin, Proudhon e depois Sorel, mais

realistas do que materialistas, mais intuitivos do que conceituais, opuseram-se desde o início a outra pista de salvação para o povo do trabalho.

Defendendo, para dar à luz um mundo de consciência e liberdade, uma sociedade de pequenos patrões, pequenos proprietários, oriundos da aristocracia operária trabalhando lado a lado no respeito à escala humana.

Ou seja, a consciência facilitada, não pelo catecismo do Partido sobre trabalhadores infantilizados, mas pela responsabilidade econômica e social – deste modo política – resultante da propriedade de seus meios de produção.

Que seja ainda a liberdade, não distribuída por um Estado-gendarme centralizador, mas concretamente permitida pela independência econômica e social – portanto também política – conferida também pela propriedade, para o maior número, de seus meios de vida e de produção.

Uma sociedade mutualista de pequenos produtores cidadãos, expressando não o desejo de poder e de dominação de um pequeno grupo manipulando um proletariado explorado e sem objetivo através do aparelho de Estado, mas uma sociedade de liberdade, igualdade e fraternidade concretas, remetendo mais à democracia grega do que ao socialismo soviético, mas desta vez sem escravos!

Uma sociedade aos antipódios tanto do socialismo marxista-leninista quanto do capitalismo burguês, ambos fundados na fuga em frente tecnicista, na extrema divisão do trabalho e no salariado generalizado a serviço de um Estado-patrão (para o socialismo) ou de um Patrão-Estado (para o capitalismo), o que dá no mesmo...

Proximidade de dois sistemas, fundados ambos no único progresso material, que explica perfeitamente a transição sem atritos, e sem contestações, da URSS de Mikhail Gorbatchev para a Federação da Rússia de Boris Eltsin; a velocidade com que o chamado “homem novo”, forjado por setenta anos de socialismo, se converte ao aborrecimento consumista ocidental, uma vez que bastou para isso substituir, à frente de um edifício perfeitamente vertical, a Estrela vermelha por Coca-Cola.

Um “socialismo científico” arrogante, ultra conceitual, na realidade psalmodiante e, finalmente, grosseiro (cuja obra obscura de Louis Althusser será a última caricatura) mascarando a irresponsabilidade salarial e

fordista, guiada pelo parasitismo da Nomenklatura, atrás de uma ditadura burocrática.

Socialismo real que se revelará não, ao final, a vontade de emancipação do mundo operário, mas a vontade de dominação de cosmopolitas e de desclassificados manipulando a legítima sofrimento operário contra a culpada burguesia cristã...

NEM CAPITAL NEM DITADURA DO PROLETARIADO: A SOLIDÃO DE GEORGE ORWELL

Uma vasta mentira política que se une à outra em um mesmo totalitarismo que o inglês George Orwell pôde constatar já na década de 1940, após suas peregrinações na França e depois na Espanha.

Mascarada do "socialismo real" denunciada pelo russo Alexandre Soljenitsyne nos anos 1950, mas desta vez do ponto de vista da reação.

Reabilitação de um populismo que coloca frente a frente capitalismo e socialismo, relaxado hoje na França pelo sutil Jean-Claude Mïchéa, em decorrência dos trabalhos do americano Christopher Lasch...

A LUTA PELA BOA LUTA DAS CLASSES

Busca da salvação para Orwell e Michéa, não pelo proletariado e a oposição abstrata proletariado / burguesia, mas na união do proletariado e da classe média em direção à classe média generalizada. Nesta união do povo: operários, artesãos, levantando-se durante a Comuna de Paris contra um Capital "versalhista" cujos interesses lhe permanecem estranhos.

Um populismo taxado por seus inimigos burgueses como revolucionários cosmopolitas – de "pequeno burguês" e bastante distante, é verdade, da verbosa e enfática democracia parlamentar francesa oriunda da Revolução.

Um populismo frondoso e libertário igualmente distante do socialismo soviético, continuador em muitos aspectos – que não desagrade a Soljenitsyne – do despotismo czarista.

Um populismo que remete, afinal, muito mais ao ideal pioneiro americano lutando ao mesmo tempo contra o Banco e o Estado – encarnado então pela City e a monarquia inglesa por uma democracia mutualista de pequenos proprietários produtores, ainda encarnada na América profunda por um certo espírito republicano...

A DISCRETA ESTRATÉGIA DO IMPÉRIO, OU O BANCO IMPEDINDO, EM NOME DO SOCIALISMO, A JUNÇÃO POPULISTA DO PROLETARIADO E DA CLASSE MÉDIA (MARX CONTRA PROUDHON)

Desde então, a luta socialista– a começar pela oposição Bakunin-Proudhon contra Marx-Engels – pode e deve ser compreendida, não como a oposição binária do socialismo do trabalho contra a burguesia do capital, mas sim, de forma mais perversa e triangular, como a luta do grande capital mundialista, manipulando e financiando revolucionários profissionais, na maioria das vezes oriundos da burguesia cosmopolita: agitadores estipendiados, dialéticos fumos colocando em cena um suposto combate unitário do trabalhador contra o burguês, ou grande burguês especulador apátrida e pequeno burguês empreendedor enraizado são sistematicamente confundidos – como no catecismo de Arlette Laguiller – para impedir a junção popular, ela autenticamente revolucionária em relação ao poder do Capital, da pequena burguesia e do proletariado nacional.

A história dessa manipulação e dessa collusão, onde um socialismo cosmopolita manipula um proletariado fantasmagórico contra uma classe média enraizada sistematicamente difamada, sendo a história oculta do movimento operário.

Uma mentira e uma manipulação historicamente reveladas, a partir dos anos 1970, pelo alinhamento final desses chamados revolucionários cosmopolitas ao liberalismo globalizado.

Alinhamento realizado sob a tutela dos trotskistas, na Europa sob o nome de “liberalismo libertário” e nos Estados Unidos sob a denominação “neoconservadores”.

Uma infinidade de traidores sociais cujos nomes evocariam imediatamente a lista de Schindler...

A DISCRETA ESTRATÉGIA DO IMPÉRIO, OU O BANCO FAVORECENDO A ESQUERDA PARLAMENTAR CONTRA O SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO (JAURÈS CONTRA SOREL)

Uma vez assegurada a vitória dos socialistas “científicos” sobre os socialistas libertários, após uma luta desigual (em relação aos patrocinadores) que durará toda a segunda metade do século XIX, um segundo combate de liquidação do povo revolucionário se realizará dentro do proletariado assalariado.

Será, na virada do século até a Primeira Guerra Mundial, o combate do sindicalismo revolucionário, adepto da greve geral e da ação direta, contra o socialismo parlamentar sob influência maçonica; ou seja, a segunda derrota populista de Georges Sorel frente a Jean Jaurès...

A LUTA REDUZIDA À LUTA PELO PODER DE COMPRA OU A LUTA PERDIDA DOS REPRESENTANTES DO POVO UNIDO CONTRA OS MANIPULADORES DO PROLETARIADO

Assim, de 1830 a 1970, toda a luta travada dentro da esquerda deve ser compreendida como a lenta derrota das forças populares frente aos profissionais do socialismo.

A transformação progressiva e sutil, pelas forças de esquerda subvencionadas pelo Capital e sob a influência das Lojas, de um combate anti-burguês para mudar a vida em combate pelo poder de compra.

Assim, no final, a democracia, seja ela liberal ou socialista, limitada ao Mercado...

COMPLEXIFICAÇÃO ULTERIOR DAS RELAÇÕES DE CLASSES

Com a derrota da aliança do trabalho; proletariado-classe média, temos, portanto, do final da Primeira Guerra Mundial até o início dos anos 1960, uma história oficial esquerda/direita compartilhada pelos dois lados – comunista e liberal – e ocultando por trás de seus "patrões" e "trabalhadores", tão caros a Arlette Laguiller, a oposição da pequena e grande burguesia à direita, assim como à esquerda a proximidade da pequena burguesia e proletariado...

OS ANOS 1960 OU A ASCENSÃO DO SETOR TERCIÁRIO

Mentira e cultura impostas de uma sociedade classe contra classe: proletariado / burguesia que, apesar da derrota teórica do adversário populista – definitivamente demonizado como "fascista" após 1945 – se tornará uma ficção insustentável a partir dos anos 1960.

Sociologicamente insustentável devido à extensão, dentro do trabalho assalariado, de um setor terciário de colarinhos brancos oriundos das profissões de serviço, supplantando em breve os colarinhos azuis.

Nova casta de empregados de escritório, tornando-se majoritária a partir dos anos 1960, e cuja mentalidade e cultura, sempre extraídas da práxis, inclinam-se muito mais para a sociedade de consumo e de compromissos do que para a luta de classes...

CLASSE MÉDIA E CAMADAS MÉDIAS ASSALARIADAS

Emergência de uma nova classe de pequenos burgueses assalariados, ao mesmo tempo distantes da cultura comunista dos operários, mas também da

cultura populista da classe média, e que constitui essas novas "camadas médias assalariadas", indo do pequeno colarinho branco ao executivo.

Camas médias assalariadas cuja mentalidade agora faz o carimbo político entre o mundo do trabalho e o Capital, a não se confundir – como faz sistematicamente a sociologia jornalística – com a "classe média" constituída, esta sim, por artesãos, comerciantes e pequenos patrões, proprietários de seus meios de produção, e que fazem, ao contrário, a junção entre Trabalho e Capital, uma vez que são ao mesmo tempo pequenos capitalistas e trabalhadores em risco...

MENTALIDADE DE QUADRO CONTRA MENTALIDADE DE PEQUENO PATRÃO: NOVA BURGUESIA DE ESQUERDA CONTRA DIREITA POPULAR

Uma nova mentalidade de quadro, leitura sociológica da "esquerda societal", perfeitamente descrita no romance *as Coisas* de Georges Perec, e depois ilustrada sem seu conhecimento pelos filmes de François Truffaut.

Mentalidade feminizada – ao mesmo tempo pequena burguesa e antipopular – nos antípodas da mentalidade "pequeno patrão", em retrocesso a partir dos anos 1960, expressa, ela, pelas crônicas de Antoine Blondin e pelos dialogos de Michel Audiard...

LIQUIDAÇÃO À ESQUERDA DA SOLIDARIEDADE SALARIAL

Assim, à oposição forçada do proletariado assalariado e da pequena burguesia empreendedora – que constituíam o Trabalho – pelo denegrimento "socialista" desta última, sucederá, a partir dos anos 1960, a nova oposição dentro do assalariamento, dos operários e dos empregados de escritório. Esta nova burguesia de esquerda do consumo sem tê-lo, seduzida pela nova estratégia de prestígio implementada pelo Capital através da "Sociedade de consumo" (vidraria com alto valor agregado cultural como moda e decoração, flatteries do *Nouvel Obs*, de *l'Express* e depois de *Libération*), desprezando

doravante esses outros assalariados que são os operários, agora considerados e tratados como beócios com tendência fascista...

ILUSÃO À DIREITA DA SOLIDARIEDADE PATRONAL

Nova divisão do campo do Trabalho, dentro do salário, pela sedução do status cultural, que será complementada, do lado do Capital, por essa outra bajulação midiática – veiculada ela pelo CNPF – e consistindo em fazer de conta que o pequeno patrão faz parte da classe patronal, enquanto seu destino é ser liquidado por ela...

AS DÉCADAS DE 1970 OU A "NOVA SOCIEDADE"

Assim, graças aos meios de comunicação e à propaganda, o pequeno quadro se considera um burguês, enquanto o pequeno patrão se sente solidário com o MEDEF.

Uma contribuição do cretino da esquerda e do idiota da direita para essa social-democracia à francesa que chamaremos, a partir de Chaban-Delmas, e depois sob o septenato de Giscard d'Estaing: a "nova sociedade francesa"...

RUMO À GLOBALIZAÇÃO: AS DÉCADAS DE 1990

Esse fim mítico e social do confronto entre o trabalho assalariado unificado, burguesia patronal indiferenciada, em favor de uma social-democracia centrada nas camadas médias assalariadas (período muito honestamente descrito nos filmes de Claude Sautet sobre a França dos quadros dos anos 1970) será seguido por um segundo salto, imposto este pela globalização ultraliberal das décadas de 1990...

HYPER-CLASSE, NOVA CLASSE E SUB-CLASSE

Essas décadas 1990 que verão se concluir o rebaixamento da burguesia nacional engajada nos anos 1960 – essa França dos CEOs encarnada, notavelmente, pela figura autoritária e local de Louis de Funès – em favor, para o pequeno número que souber tomar a curva da globalização, do muito grande empregado de multinacional, estilo Jean-Marie Messier...

A IDEOLOGIA DA HIPERCLASSE

Uma nova casta emblemática de tecnogestores do Capital desagregados de qualquer vínculo geográfico e moral, cujos salários vertiginosos, acompanhados de "stock options", correspondem, na verdade, a uma transferência de Capital aceita pelos acionistas, desde que os ganhos imediatos de rentabilidade – independentemente do custo social – estejam presentes.

Uma relação direta e mercenária do salário e do lucro, também estabelecida ao mesmo tempo entre os outros atores-chave da globalização: atletas de alto nível (notadamente os jogadores de futebol), atores-cantores-produtores (Madonna, Tom Cruise, Bono...) que garantem a promoção midiática.

Um pequeno mundo de novos ricos que vai constituir, diante do consumidor-espectador, agora estatuariamente empregado precário, essa hiperclasse mundial com rendimentos exponenciais, mas desprovida do mínimo de cultura "humanista"; cultura humanista que caracterizava e moderava,\ ao seguir o catolicismo, a burguesia clássica.

Uma nova casta de ploc predadores assumindo orgulhosamente a nova ideologia nômade querida por Jacques Attali. Ideologia feita de desigualdades sociais mascaradas por um antirracismo mestiço; ou seja, em realidade, a apologia de um mundo agora baseado no capitalismo puramente especulativo, portanto, a recusa de tudo que faz sentido na duração: culturas enraizadas e perspectivas históricas...

NOMADISMO DO ALTO, NOMADISMO DO BAIXO

Um nomadismo do alto, constituído por um punhado de predadores cosmopolitas agora em casa em qualquer lugar pela sagrada lei do dinheiro, e escondendo pela fascinação do "bling-bling" – estabelecida pelos novos meios de comunicação de celebridades, estilo *Voici*, *Closer*, *50 minutes Inside* – o novo nomadismo do baixo:

Esse emprego precário generalizado submetido ao trabalho temporário e ao contrato de trabalho por prazo determinado, agora não apenas submisso no tempo pela flexibilidade e anualização, mas também no espaço pelas deslocalizações de direita e o "sem papelismo" de esquerda...

FIM DE JOGO PARA OS COLARES BRANCOS

Assim, depois de ter servido para dividir os trabalhadores: os colarinhos brancos lisonjeados nos anos 1970 pelo status de pequenos executivos, enquanto se liquidavam as conquistas dos colarinhos azuis (fim da política social dos Trinta Gloriosos, desindustrialização...) se encontram, por sua vez, proletarizados e rebaixados perante os novos padrões inatingíveis da hiperclasse e seus cantos VIP.

Novos precários do terciário que não têm mais escolha agora senão trabalhar mais para ganhar menos: jogar o jogo do sistema mundialista por migalhas ou sofrer a relegação e se juntar a todos esses rurais sedentários em sobrevivência que não têm os meios, eles, de olhar para a humanidade sofredora como um espetáculo visto de avião...

DA NOVA CLASSE À SUB-CLASSE

Aqueles que se saem menos mal são os animadores-jornalistas (estilo Frédéric Beigbeder), os criadores de novos serviços (ambientador DJ estilo Ariel Wizman) e outros comunicadores.

Essa "nova classe" de pequenos chefes encarregados, por rendimentos decentes, de vender a todos o sonho da hiperclasse nômade e mestiça, e de esconder a pauperização geral por meio de uma gíria descolada, estilo "cultura Canal".

Uma nova classe de bobos colabores, bem na tradição "vanguarda, cão de guarda", (citação lúcida do Maio de 68 situacionista) dos quais os defensores da hiperclasse manipulam a juventude, a estupidez e o sonho de cooptar, para espremê-los como limões; antes que sua obsolescência inevitável os faça passar de jovens descolados a velhos ultrapassados (estilo Thierry Ardisson), por sua vez bons para a sub-classe e a relegação...

ÚNICA SOLIDARIEDADE DE CLASSE: A CONIVÊNCIA DOS PARASITAS

Uma atmosfera de selva, desprovida de toda solidariedade, exceto por essa solidariedade implícita dos parasitas.

Os rentistas do alto (a hiperclasse no poder) financiando os rentistas do baixo (a sub-classe dos desempregados e dos precários vivendo de auxílios sociais), às custas da classe média produtiva, a mais onerada pelo Estado.

Uma nova solidariedade de classe transversal inédita – não conhecida e não dita – iniciada pela "segunda esquerda" de Michel Rocard desde 1988, donde a raiva do explorado, sem que custe nada ao explorador, é transformada em alcoolismo, graças ao RMI e depois ao RSA pagos pelo mundo do trabalho...

CONCLUSÃO: LIQUIDAR A CLASSE MÉDIA

Um mundo regido pela deriva do Capital nômade, cuja constante, quaisquer que sejam as manipulações do mundo salarial e suas colaborações, terá sido, ao longo de tudo – além da maximização do lucro –

liquidar a classe média, por definição independente e refratária ao poder.

Isolar a classe média primeiro, pela propaganda dos agitadores socialistas cosmopolitas, amalgamando-a ideologicamente à grande burguesia, a fim de lançá-la à vindita da classe trabalhadora com a qual, contudo, desde a Comuna, ela constitui o povo; e, notadamente, o povo do trabalho.

Substituir a classe média depois, a golpe de absorções-aquisições impostas pela economia de escala, pelas camadas médias salariais; ou seja, os pequenos patrões independentes pelos quadros dóceis.

Liquidar a classe média finalmente pura e simplesmente, utilizando-se notadamente da crise financeira orquestrada pelo Banco, para cortá-la, diante de uma superfiscalização imposta pelo Estado cúmplice, o crédito-ponte necessário ao seu funcionamento.

Essa destruição final da classe média – produtiva, lúcida e enraizada – correspondendo ao projeto imperial de liquidação de toda insubordinação ao Capital, por essência apátrida, para que nada subsista finalmente de liberdade, de consciência e de independência entre o poder imperial do Banco e a massa salariada...

5. DEMOCRACIA DE MERCADO E DE OPINIÃO

O trabalho do jornalista consiste em destruir a verdade, em mentir sem reserva, em perverter os fatos, em aviltar, em rastejar aos pés de Mammon e em vender seu país e sua raça para ganhar seu pão diário ou o que volta ao mesmo, seu salário. Você sabe disso como eu sei; então quem pode falar de imprensa independente? Nós somos os fantoches e os vassalos dos homens ricos que se escondem atrás do palco. Eles puxam as cordas e nós dançamos. Nosso tempo, nossos talentos, nossas possibilidades e nossas vidas são propriedade desses homens. Nós somos prostitutas intelectuais.

John Swinton, jornalista, sobre a liberdade de imprensa, durante seu discurso de despedida ao *New York Times*

Estamos agradecidos ao Washington Post*, ao* New York Times*, à revista* Time*, e às outras grandes publicações cujos diretores assistiram às nossas reuniões e respeitaram suas promessas de discrição por quase quarenta anos. Teríamos sido incapazes de desenvolver nosso projeto para o mundo se tivéssemos sido expostos às luzes da publicidade durante esses anos. Mas o mundo hoje é mais sofisticado e está preparado para entrar em um governo global.* A *soberania supranacional de uma elite intelectual e de banqueiros mundiais é certamente preferível à autodeterminação nacional dos séculos passados.*

David Rockefeller, Comissão Trilateral, 1991

LEMBRETE: A DEMOCRACIA MODERNA NÃO TEM MUITO A VER COM A GRÉCIA ANTIGA

Se é de bom tom, entre nossos democratas e republicanos barrigudos, referir-se à Grécia para descrever o regime, lembremos já que nossa sociedade de burgueses maçons não tem muito a ver com Atenas antiga.

De uma população total de 300.000 almas para apenas 40.000 cidadãos pelo direito de sangue patrilinear, o Estado-cidade grego tão exaltado (aquele do século a.C.) era uma oligarquia de proprietários de terras formados no manejo das armas; ou seja, 40.000 hoplitas masculinos cercados por 40.000 metecos (imigrantes sem direitos) servidos por 110.000 escravos.

Um sistema militar, agrícola e sempre religioso (já que a Cidadela, de origem divina, revestia um caráter sagrado) mais próximo do princípio aristocrático tradicional: nobreza do Antigo regime, clã escocês ou bramanismo hindu, do que da democracia moderna.

Democracia moderna onde o Banco, a técnica e os “direitos do homem” gerenciam massas de milhões de trabalhadores consumidores, sujeitos à convocação em massa em troca do direito de voto, em um sistema bipartidário de auto-alternância perfeitamente ilusória...

A DEMOCRACIA MODERNA, FILHA DA BURGUESIA

Historicamente, o advento da democracia moderna coincide com a ascensão do poder da burguesia sobre a aristocracia do Antigo regime; ou seja, com a ascensão do poder do dinheiro, do materialismo e do indivíduo sobre a linhagem e a terra em um mundo regido por Deus.

Uma ascensão do poder do dinheiro realizada diante do povo com seu relativo consentimento, em nome da bela ideia de igualdade, e isso graças o idealismo – para não dizer a ingenuidade – das grandes figuras políticas,

telles Robespierre e Saint Just, elas autenticamente igualitárias, mas cada vez sacrificadas no altar do dinheiro que as manipula...

A CORRIDA ÍNTIMA À IGUALDADE REAL INENCONTRÁVEL

Uma igualdade formal, aquela do direito positivo, oferecida como um progresso ao povo, frente à sociedade teocrática e aristocrática inegalitária que a precedia, que nunca conduz à igualdade real, bem pelo contrário.

Mas que faz da democracia, ao olhar mais de perto, o regime político mais apto a permitir a dominação do dinheiro (pelo comércio e depois o empréstimo a juros) especialmente sobre os outros poderes: nobreza de espada e ordens sacerdotais que detinham esse poder do dinheiro anteriormente em respeito...

DEMOCRACIA MODERNA = DEMOCRACIA PARLAMENTAR E DE MERCADO

A democracia, reinado da igualdade formal do direito, é portanto há mais de dois séculos que se impôs ao Ocidente, seja pela Revolução francesa ou pelas monarquias constitucionais, no modelo alternativo inglês, que dá no mesmo, sempre ao mesmo tempo: democracia parlamentar e democracia de mercado.

– Democracia parlamentar onde uma assembleia de profissionais da política, formados e orientados pela maçonaria, pagos ou respeitados pelo Dinheiro, encena diante do povo o espetáculo do debate democrático.

– Democracia de mercado, ou seja, o regime que deixa o máximo de liberdade, via direito positivo, ao Capital; o que resulta, de fato e rapidamente, em dar-lhe plenos poderes...

A QUESTÃO DECISIVA DA OPINIÃO PÚBLICA EM REGIME DEMOCRÁTICO

A partir de agora, a única questão a ser resolvida para esta democracia do dinheiro é manter o povo – visto como álibi e árbitro, através do direito de voto, consequência da igualdade cidadã – na ilusão, apesar de uma igualdade que nunca chega e uma liberdade reduzida à de consumir, que este regime de desigualdade pelo dinheiro e da imposição pela ideologia mercantil é, comparado aos outros, antigos (monarquia teocrática), ou alternativos (comunismo, fascismo), o menos pior porque o menos desigualitário e o mais "liberal" de todos...

D'OÙ L'OBLIGATION DE CERTAINS INVESTISSEMENTS MOINS RENTABLES : NEW DEAL, FRONT POPULAIRE, TRENTE GLORIEUSES

Que o povo continue a acreditar na democracia e a se submeter assim à íntima minoria ilegítima (em relação aos princípios) e espoliadora (em relação aos métodos) dos mestres do dinheiro é, portanto, a chave do poder, vital para o poder; que o povo cesse de acreditar de fato e é a revolução.

E visto a amplitude da mentira democrática anteriormente descrita, uma revolução que não significa apenas, para as elites do dinheiro, a perda do poder – ou seja, a perda dos meios de fazer ainda mais dinheiro com o dinheiro já acumulado – mas pela sua morte física, a perda da vida em si!

Desse ponto de vista fundamental, o poder é mais importante que o dinheiro; o dinheiro não sendo mais, a um certo nível de riqueza e d'acumulação perfeitamente abstratos, do que o meio do poder.

Assim, consciente desse perigo, o poder do Dinheiro sabe, em certos momentos e em certos lugares, sacrificar em parte o dinheiro para manter e perpetuar sua dominação.

Citemos, a título de exemplos, entre esses investimentos menos rentáveis, mas necessários:

Os momentos de relativa redistribuição da riqueza captada, como o New Deal, o Front Popular onde a social-democracia dos Trinta Gloriosas, oriunda do CNR (Conselho Nacional da Resistência, sobre o qual voltaremos no próximo capítulo) e do plano Marshall.

Quantos momentos em que o poder do dinheiro, sentindo o vento do boulet da legítima raiva popular, em decorrência do desemprego em massa provocado pela especulação (Grande Depressão nos EUA, fevereiro de 1934 na França, nacional-socialismo alemão) sabe momentaneamente soltar um pouco e redistribuir para não perder tudo...

L'OBLIGATION AUSSI D'INVESTISSEMENTS À PERTE : LA PRESSE ÉCRITE

Uma raiva popular contida em tempos normais pelo envolvimento e os mentiras da imprensa escrita.

A aparência de seriedade do comentário escrito – proveniente do prestígio dos clérigos que remonta à função do escriba nos primórdios dos tempos históricos – dando a ilusão, apesar dos percalços e das vicissitudes: complexidade do mundo, conflitos psicológicos... de uma gestão científica por elites racionais e legítimas.

O melhor exemplo recente desse necessário investimento a fundo perdido é a compra, por Edouard de Rothschild, do jornal de pseudo-esquerda Libération (com bancos renunciando a suas dívidas, mesmo assim, por conta de conluios) para continuar, em tempos de crise agravada, a enganar os idiotas da esquerda.

Os idiotas da direita sendo, ao mesmo tempo, cuidados por Serge Dassault, através do controle do *Figaro*...

A DEMOCRACIA, OU A DOMINAÇÃO PELA SEDUÇÃO

Um trabalho de manipulação (imprensa) e de plasticidade (mudanças momentâneas de política, acomodações a mínimos) que permite diferenciar o regime democrático dos regimes autoritários; monarquia teocrática, sociedade de castas, comunismo, fascismo... que lhe são opostos; e qualificar a democracia como um regime de dominação pela sedução.

Regime de "tentação, corrupção, convite ao pecado, ao ato de fraqueza e outro desvio do caminho certo", ou seja, a sedução no sentido diabólico do termo...

SUPERIORIDADE DA DEMOCRACIA SOBRE OS REGIMES AUTORITÁRIOS

Diferentemente dos regimes baseados na autoridade citados anteriormente (monarquia teocrática, sociedade de castas, comunismo, fascismo) que exigem submeter, pela fé antiga ou moderna (religião, revolução) a totalidade do corpo social (fiéis súditos, camaradas), a mentira democrática pode se contentar, através do sufrágio majoritário, em seduzir molemente apenas mais de um eleitor em cada dois.

Um modo de dominação que se revela, portanto, de um relacionamento muito melhor que o poder pela autoridade pura – aristocracia e casta sacerdotal na tradição, partido único na modernidade – e que explica em parte, em um mundo regido pela economia, a dominação atual deste regime sobre todos os seus outros concorrentes menos rentáveis...

A DEMOCRACIA DE OPINIÃO: DA BUSCA POR VERDADE E DE SENSO À FABRICAÇÃO DO CONSENTIMENTO MAJORITÁRIO

Um constat de eficácia prática, no plano da dominação, que exige para continuar a fazer crer ao povo que a democracia – que é o poder do Mercado, seja em último recurso aquele do Banco – é o poder do povo, a fabricação industrial de um consentimento chamado: « democracia de opinião ».

E a democracia, tendo derrubado o Antigo regime, no início, pela aliança discreta do dinheiro e da Razão, todo o trabalho consiste desde então em trazer a Razão à razão do poder do Dinheiro...

A SUBMISSÃO DOS CLÉRIGOS

Um trabalho de manipulação, de sujeição e de submissão dirigido em primeiro lugar a esses homens de razão – sacerdotes da democracia – que se chamam os clérigos: moralistas, homens de letras, intelectuais, artistas...

PRIMEIRO JOGAR O CLÉRIGO CONTRA O SACERDOTE (HISTÓRICO)

Como vimos, a Razão, necessária ao processo revolucionário, foi primeiro a vitória dos clérigos sobre os sacerdotes; ou seja, a vitória da « ideologia das Luzes », pilar da democracia, sobre a revelação cristã, fundamento do Antigo regime.

Uma tomada de poder que, muito antes da sedução do povo finalmente pouco envolvido, se deu, como nos descreve Georges Sorel em *As Ilusões do Progresso,* pela sedução da aristocracia de salão. O fogo da retórica humanista, recorrendo ao logos grego, sendo muito mais atraente, divertido para o homem de espírito ocioso que se tornara o aristocrata, do que a obscura escolástica; e isso apesar da tentativa de modernização aristotélica operada por Santo Tomás de Aquino.

Uma sedução que não teria sido possível sem o lento declínio da nobreza de espada em favor da nobreza de toga (cujo fator provocador e irreversível foi o Édito de Paulette, ou seja, a venalidade das cargas) e, como identificou perfeitamente Léon Bloy, sem a destruição concomitante do catolicismo da Idade Média, em favor de um catolicismo secularizado que gradualmente cavava sua sepultura e a do mundo antigo...

DO INTERESSE DE CLASSE DO CLÉRIGO BURGUÊS

Mas uma vez que o Antigo regime, sua nobreza terrena e seus padres caíram, o poder do dinheiro (comércio, indústria, depois banco) que se escondia por trás da Revolução, deverá colocar à sua vez seus novos "padres do igualitarismo democrático" em ordem; trazê-los à razão da desigualdade.

Uma colocação em ordem que se fará na maioria das vezes naturalmente, devido à origem de classe mais frequente do clérigo: a pequena ou média burguesia. A submissão à ordem burguesa corresponde para ele, no plano pecuniário e mundano, a uma cooptacão confortável.

Cooptacão mundana, desde que sua crítica deslize pouco a pouco da reivindicação da igualdade real à apologia da igualdade formal (chamada hoje de "equidade"); o que, na prática, equivale a ratificar a ordem liberal burguesa fundada não no bem, mas no direito.

JOGAR O CLÉRIGO COSMOPOLITA CONTRA O CLÉRIGO ENRAIZADO (LEMBRANÇA)

O clérigo burguês trazido de volta ao redil, restará então ao poder para contrariar a ação do clérigo que permaneceu do lado do povo, por convicção ou origem de classe, como Pierre-Joseph Proudhon ou Georges Sorel, a jogar contra ele, como vimos no capítulo anterior, este outro clérigo que é o clérigo cosmopolita, como Karl Marx e depois Eduard Bernstein.

O clérigo cosmopolita apresentando grande interesse para o poder da Banco – por essência apátrida e antinacional – por ser ele também mundialista; ou seja, tanto antipopular quanto antipatriota, mas por internacionalismo...

O XX^{e} SELO, SELO DA PROPAGANDA

Um século de um trabalho de manipulação, sujeição e submissão que vai reduzindo pouco a pouco o clérigo, de crítico do poder e combatente da igualdade dos primórdios (Robespierre, Saint Just), a um elo da dominação oculta das redes antidemocráticas, sejam elas as do Mercado, com Adolphe Thiers, ou do comunitarismo com Alain Finkielkraut.

Um processo de degradação que produzirá, após a Primeira Guerra Mundial, esta nova atividade a serviço do poder chamada: Propaganda...

JOSEPH GŒBBELS (1897-1945) IMITADOR DE WILLY MÜNZENBERG E EDWARD BERNAYS

« Quanto maior, melhor », esta famosa citação falsamente atribuída a Joseph Gœbbels pela propaganda de massa ocidental – sem dúvida para nos fazer acreditar que todo o mal moderno provém do nazismo – é, na verdade, de Edward Bernays.

Edward Bernays que, com Willy Münzenberg, é o co-inventor de este sistema de dominação das massas pela manipulação midiática chamado « propaganda ». Uma « indústria do consentimento » colocada a serviço do capitalismo americano para um, da internacional comunista para outro desde os anos 1920, e da qual Joseph Gœbbels será apenas o imitador nos anos 1930...

WILLY MUNZENBERG (1889-1940) OU A IMPORTÂNCIA DO REDE DE MÍDIA

Militante comunista alemão que chegou a Zurique em 1910 aos 21 anos, Willy Münzenberg, judeu ashkenazi extremamente talentoso para a agitação e organização, é o primeiro a criar uma verdadeira rede midiática para formar a opinião.

Muito envolvido desde o início no projeto da revolução bolchevique (foi ele quem acompanhou o camarada Lênin, futuro mestre da URSS,

da estação central de Zurique até a estação da Finlândia em São Petersburgo em um trem blindado com a ajuda das autoridades alemãs), ele desenvolverá então uma intensa atividade política na Alemanha. Eleito deputado comunista no Reichstag, também fará fortuna construindo um vasto império midiático, chamado « Trust Münzenberg », constituído por dois jornais de massa, do maior semanário ilustrado operário: o*Arbeiter illustrierte Zeitung,*sem contar os interesses relacionados à imagem e ao cinema no mundo inteiro. Recursos consideráveis, totalmente colocados a serviço da internacional comunista, que ele complementará com uma vasta rede de formadores de opinião: intelectuais, personalidades literárias, estrelas e especialistas de todo tipo, habilmente controlados pelo dinheiro e pelas honras.

Grande moldador da opinião de esquerda mundial dos anos 1920-1930, seu maior golpe é sem dúvida ter conseguido esconder, por meio de montagens sutis e outras manipulações, o papel desempenhado, em particular, pela América capitalista na edificação do primeiro Estado comunista.

Uma URSS da qual ele finalmente tomará distância, como muitos internacionalistas judeus, no momento dos processos de Moscou; processos de Moscou orquestrados por Joseph Staline para purgar, notavelmente, a partir de 1936, os judeus onipresentes no aparelho de Estado soviético.

Conseguindo, no entanto, manter seu Império no meio das tempestades políticas e fugir da Alemanha durante a ascensão de Hitler ao poder, ele continuará sua intensa atividade a partir da França, notavelmente pela publicação do *Livro marrom* os males do nazismo, amplamente difundido no Ocidente.

Incansável combatente “antifascista” (termo que desde 1936 ambém designa os stalinistas, ou seja, a URSS), ele será encontradofinalmente pendurado a uma árvore no dia 22 de outubro de 1940 em Saint-Marcellinno Is ère. A razão exata de sua morte: suicídio ou assassinato, pela Gestapo ou peloG épéou, permanece ainda hoje um mistério...

EDWARD BERNAYS (1891 – 1995) OU DA IMPORTÂNCIA DAS CAMPANHAS MEDIÁTICAS

Complementar à estratégia da rede (mídias mais agentes de propaganda), a de Edward Bernays, outro aventureiro, mas atuando ele para a América capitalista, insiste no papel igualmente determinante das "campanhas mediáticas".

Nascido em Viena (Áustria) em 1891, sobrinho de Freud e judeu ashkenaze ele também, Edward Bernays emigra para os Estados Unidos em 1892 onde seu pai primeiro o empurra a sucedê-lo como comerciante de grãos. Tornando-se em 1928 o autor famoso da obra *Propaganda* onde define cinicamente a democracia como "*a manipulação das massas por este órgão executivo do governo invisível que é a propaganda; ou seja, este processo de modelagem das opiniões para os interesses de uma certa elite* ", ele é considerado o pai da propaganda política institucional, chamada por suas mãos e por eufemismo; "relações públicas".

Vulgarizador da obra de Sigmund Freud nos EUA, este fervoroso adepto da "psicologia das profundezas" pode reivindicar, entre a outros feitos de armas; a campanha de manipulação chamada "Comissão Creel" que, em 1917, levará o povo americano à Primeira Guerra Mundial, e aquela que, manipulando a imbecilidade feminista, sujeitará, sob o nome de "tochas da liberdade", as mulheres americanas ao mercado de cigarros e ao câncer do fumante.

Adicionemos finalmente que, ao contrário dos outros dois, Munzenberg e Gœbbels, este grande democrata morrerá em sua cama em 1995 sem ter nunca sido incomodado, aos quase cem anos, em Massachusetts...

DA IMPRENSA AOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Uma manipulação metódica da opinião pública, via os meios de comunicação de massa, da qual nossos intelectuais franceses só tomarão plena consciência no início dos anos 1960. Data em que os últimos jornais independentes e de qualidade – como Le Monde, período Beuve-Méry – deixarão de existir e serão substituídos em nosso país, sob a pressão da oligarquia financeira, pela imprensa de entretenimento: principalmente a imprensa juvenil e a imprensa feminina...

OS CLÉRIGOS DE HOJE TODOS A SERVIÇO DO OCIDENTE MERCADOR

É importante notar, finalmente, que, à semelhança dos dois mestres de Joseph Gœbbels: Willy Münzenberg e Edward Bernays, os agentes de propaganda, anteriormente distribuídos nos dois campos do progressismo: comunismo e liberalismo, se fundirão sob a mesma bandeira "antifascista" a partir da eliminação de Léon Trotski (20 de agosto de 1940).

Um antifascismo que agora associa, em um mesmo mal totalitário, nazismo e comunismo, renomeado para a ocasião como "stalinismo".

Uma adesão geral ao globalismo mercador operada, para os últimos, em favor dos eventos de 1968, sob a denominação "neoconservadora" nos Estados Unidos e na França "liberal-libertário".

Uma vasta rede reunificada de profissionais da propaganda e da manipulação de massa, agora integralmente a serviço do campo liberal, atlantista e sionista, encarnado em nosso país pelos Cohn-Bendit, Glucksmann, BHL, Kouchner, Adler, Attali e outros Alain Minc... todos inimigos declarados do povo, qualificado de "populista" e da nação considerada intrinsecamente "fascista e reacionária".

Um posicionamento em total contradição com os fundamentos do progressismo forjados, pela Revolução Francesa, sobre o povo e sobre a Nação...

COLABORADORES E IDIOTAS ÚTEIS

Uma elite de manipuladores stipendiados, seguida, via a propaganda midiática estendida à Universidade, por uma horda de auxiliares voluntários principalmente recrutados do viveiro do gauchismo adolescente (LCR depois NPA, CNT...), dos idealistas livrescos (professores de esquerda) e de

"o antifascismo" sob controle policial via os Serviços de Informação Gerais (Ras l'Front, Reflexes...).

Autant d'idiots úteis e de executores de boa fé encarregados das baixas tarefas (manifestações de rua, quebra de rostos...), principalmente dirigidas contra os verdadeiros resistentes ao sistema (Ultra-esquerda, Terceira via...) segundo o velho método do « dividir para reinar ».

Uma mão-de-obra certamente inculta e estúpida, mas gratuita e plétora, sem a qual o sistema não poderia funcionar. Daí a atenção especial dada pelos quadros da propaganda remunerada à sua formação e ao seu renovamento: embrutecimento dos estudantes pelo gauchismo nos anos 1970 através da LCR de Alain Krivine; desintegração dos jovens pelo antirracismo via « Touche pas à mon pote », pilotado por Julien Dray a partir dos anos 1980...

O PISO DE VIDRO

Assim, qualquer que seja a composição da base: adolescentes incultos, ingênuos incorrigíveis cinicamente manipulados, pode-se considerar que a um certo nível hierárquico: editor-chefe, presidente dassociação, reitor de Universidade, líder sindical ou político, mas também falso escritor de sucesso ou jornalista apresentador famoso... não há mais do que « iniciados ».

Complices por covardia, interesse ou convicção (também existem canalhas de boa fé) deste sistema de dominação pelo engano e pela manipulação.

Uma vasta rede de prostituição moral e intelectual baseada na conivência e na cooptacão – qualificada nos anos 1970 pelo sociólogo marxista Michel Clouscard de « rede culturo-mundana » – onde o abandono da ideia do verdadeiro e do bem pelo clérigo decaído é compensado pela eterna tripleta do dinheiro, das honras e do sexo...

ESCOLHER O PIOR ADVERSÁRIO

Mas o clérigo íntegro, além de sua estatura moral, sendo muitas vezes de um nível intelectual superior – os mais propensos a falhar são sempre os mais medíocres. – O rede culturo-mundana de propaganda e de submissão também tem o hábito, sempre que pode, de escolher seus contraditores entre os mais medíocres.

Seja ao buscar diretamente em seu próprio campo, como com o falso opositor Olivier Besancenot.

Seja ao procurar para contraditório o débil extremista que, caricaturando-o, desqualificará o opositor ausente; uma técnica atualmente muito utilizada com os muçulmanos...

DIABOLIZAR E MARGINALIZAR

Promoção de um lado, perseguição do outro... Uma vez proibido de falar, o insubmisso também será copiosamente difamado pela orquestração de campanhas midiáticas onde o clérigo, tornado purgador, acabará por marginalizá-lo. Um trabalho de delator e inquisidor do qual Didier Daeninckx – apelidado de "Didier Denuncia" por seu zelo incomparável – e seu site *am ni s t i a. n e t* se tornaram uma especialidade.

A sentença – equivalente à excomunhão do tempo do poder da papado – sendo sempre a mesma: "Fascista, nazista, antissemita!", ou seja, a famosa *réduc t io ad hitlerum*. O insubmisso foi cômico, mestiço africano e lutador antirracista como Dieudonné...

IMPULSIONAR À RADICALIZAÇÃO

Um assédio metódico consistindo em empurrar literalmente o clérigo que permaneceu livre e íntegro a quebrar psicologicamente; por exemplo, ao chamá-lo de antissemita, mesmo que ele seja marxista e judeu como Edgar Morin, na esperança de que ele se torne...

BATER NO BOLSO ATRAVÉS DA JUDICIALIZAÇÃO: O REESTABELECIMENTO DO CRIME DE OPINIÃO

Difamado sem poder responder, desonrado e marginalizado, o clérigo insubmisso será finalmente arruinado por diversos processos onde partes civis, decretadas "de utilidade pública" pelo poder que exercem sobre a República, cobrarão cada uma a libra de carne.

Quantas condenações pecuniárias por "incitação ao ódio" obtidas em nome da defesa das minorias pelas famosas associações "antirracistas": Liga dos Direitos Humanos, LICRA, MRAP... e outras officinas comunitárias (ver cap. 2 sobre as minorias atuantes) que, a custo da covardia republicana, conseguiram restabelecer na França o delito de opinião...

A VIOLÊNCIA FÍSICA, SEMPRE EM ÚLTIMO CASO

Assim, em nossa democracia baseada no poder do dinheiro e na propaganda midiática, as perseguições a opositores que levam à morte social passam logicamente por essas duas armas tipicamente democráticas: desgraça pública e ruína econômica.

A perseguição física, seja a surra por milícias comunitárias cobertas pelo Estado ou a eliminação pura e simples (morte suspeita de um Coluche ou de um Bérégovoy) ocorre sempre em último caso.

Uma submissão pela sedução ou precarização que diferencia, lá também, a democracia dos regimes abertamente autoritários (comunistas, fascistas) qualificados por essa razão, de "totalitários"...

RECALL DE PRINCÍPIO: O CAPITÃO DREYFUS, FORÇOSAMENTE INOCENTE

Recordemos finalmente que antes que a propaganda se tornasse uma profissão, a primeira campanha onde o poder da opinião e o poder do dinheiro se encontraram aliados para reduzir um adversário, foi o caso Dreyfus ao tornar do século XX (1894-1906).

Um caso banal transformado em operação de massa pela agitação midiática, com pela primeira vez reunidos o intelectual mundano e megalomaníaco: Zola e seu pomposo *J'accuse,* e o carreirista político apoiado pela finança: Clemenceau e o jornal *L'Aurore*

Quanto ao inútil debate sobre a inocência ou a culpabilidade do pequeno capitão-alibi, era necessário que Dreyfus fosse inocente para que houvesse "caso"; pois se Dreyfus tivesse sido judeu e culpado, o mundo não teria ouvido mais falar dele do que se ele tivesse sido inocente, mas bretão.

Um pequeno caso de espionagem transformado em símbolo, onde o forte – o tandem dinheiro-mídia – se faz passar pelo fraco – a aristocracia católica refugiada no exército francês — quem conduzirá o debate intelectual e moral sobre a inclinação fatal da peticionite sartriana, encarnada hoje em todo seu grotesco por Bernard-Henri Lévy e suas grosseiras montagens pró-israelenses, tipo caso Redeker ou caso Sakineh...

DOS MEIOS À ESPECTÁCULO OU O FIM DOS CLÉRIGOS (A DITADURA DO POLITICAMENTE CORRETO)

Um lento trabalho de sujeição, de perseguição e de desintegração mental atuando como uma centrífuga; o que faz com que hoje não reste em lugar – além dos kapos – senão os colaboradores, os submissos e os tolos, para um nível intelectual e crítico fatalmente terrivelmente baixo.

Assim, passou-se, dentro da própria rede midiática, de culturados caídos um pouco talentosos – no modelo de Dominique Jamet – a de puros tapados abobalhados e incultos, tipo cronistas do Canal +; da " traição dos clérigos", que já lamentava Julien Benda, mas formados na pensamento crítico, ao "abobalhamento dos clérigos" formatados em série, com Normale Sup substituído por Sciences Po, o discurso hábil da

“segunda esquerda” pela grosseira manobra da “ameaça terrorista” e a democracia americana como horizonte intransponível de nosso tempo.

Uma queda geral do nível, de André Gide a Ariel Wizman, obrigando em breve o sistema a compensar a desaparecimento do “mestre a pensar” que, de Voltaire a Sartre, havia guiado o Ocidente durante dois séculos, por uma transferência do fundo faltante para a forma; do sentido para o “espetáculo”. Daí a importância crescente – notadamente a partir do *Libération* segunda época (13 de maio de 1981) todo ele em sua maquete – do suporte e do visual; o estilo *Libé* (jogo de palavras sistemático) ou o espírito *Canal* (gaudriole e ironia jovial) substituindo doravante o pensador e sua “visão de mundo”.

A preocupação sendo doravante – o meio se tornando a mensagem, segundo a célebre fórmula de Marshall McLuhan – de manter suficientemente a diferença de estilo, apesar de um fundo ideológico unanimemente liberal: entre *Le Figaro* e *Libé*, le PS e a UMP, como se está na moda de saia ou calça, a fim de evitar o perigo de uma democracia muito visível a partido único, baseada na ditadura do Mercado e do politicamente correto...

DU TANDEM CLERC-CITOYEN AU TANDEM ANIMATEUR-CONSOMMATEUR

Uma desaparecimento do clérigo em favor do animador seguido fatalmente de uma diminuição do cidadão em consumidor.

O papel deste novo clérigo-animador sendo agora destruir um por um os atributos da Razão – promovidos e veiculados por seu predecessor das Luzes – a fim de aniquilar todo “espírito” de resistência; não apenas pela falsificação da informação, mas também pela destruição, dentro do próprio sujeito, de sua capacidade crítica.

Uma destruição suave, pelo Espetáculo, dessa Razão que, ao ajudar na emancipação do antigo sujeito que se tornou cidadão, havia sido útil ao triunfo da ideia democrática contra as forças da fé; mas

agora considerada pelo Mercado como prejudicial à dominação do Mercado...

O DESEJO CONTRA A VONTADE

Assim, a moral da esperança e da vontade prometéica, outrora oposta à submissão ao *fatum* cristão, será substituída pelo desejo; ou seja, o deixar-se levar por suas pulsões.

Uma "ideologia do desejo" apresentada como novo progressismo da liberdade pelo Mercado, mas também pela estupidez esquerdista via sua apologia do espontaneísmo. Tanto de pulsões desejantes que o animador, via a promoção do objeto cultural, agora tem a tarefa de converter en atos de compra, notadamente pelo mercado do livro e do cinema de autor...

A EMOÇÃO CONTRA O SENTIDO

A vontade razoável aniquilada pela submissão ao desejo, o trabalho do animador consistirá então em destruir este segundo pilar da Razão que é o logos – a lógica aristotélica colocada a serviço do sentido – por um recurso sistemático à emoção.

Uma empatia afetiva imediata – intrinsecamente favorecida pelo meio audiovisual – e sistematicamente solicitada pelo animador contra o julgamento moral resultante da reflexão...

A DESTRUIÇÃO DA TRANSMISSÃO

Uma destruição do sentido moral pelo desejo e pela emoção que é também ruptura da cadeia causal; ou seja, a destruição do raciocínio em favor do slogan ("a mulher é o futuro do homem", "a Shoá é o crime dos crimes"...) e, a longo prazo, de toda possibilidade de mediação e de transmissão.

Destruição do sentido, mas também do respeito pela ruptura da cadeia das gerações: juventude, tirania debilitante da imediaticidade e outro psicologismo feminino levando à histeria do eu, à solidão e à depressão.

Uma solidão e uma depressão convertidas ainda mais pelo Mercado em consumo compulsivo de objetos transitórios, notadamente pela moda...

A DESTRUIÇÃO DO LOGOS E DA COMPAIXÃO, OU SEJA A FIM DO MUNDO HELÊNO-CRISTÃO

Uma destruição pelos mestres e pelos servos do Mercado do logos grego e da compaixão cristã, pela imediaticidade emocional e pelo egoísmo do impulso, que é também a destruição dessa capacidade crítica e moral que está na base da nossa cultura ocidental.

Logos grego e compaixão cristã que são também os fundamentos históricos, morais e epistemológicos do humanismo europeu de onde nasceu a promessa e a epopeia democrática...

CONCLUSÃO: A DEMOCRACIA DE MERCADO E DE OPINIÃO, CONTRÁRIA À DEMOCRACIA

Uma destruição da Fé (a realeza católica) pela Razão (o humanismo democrático) e depois da Razão pelo Dinheiro (a oligarquia bancária) que faz da nossa atual democracia de Mercado e de opinião o contrário mesmo da democracia.

Um poder sem partilha pelo engano, a corrupção e o embrutecimento, de uma oligarquia de dinheiro, movida pela tibéria da dominação, levando diretamente o mundo à sua destruição pelo caos social no Ocidente, a miséria no Sul e em toda parte a guerra...

A DEMOCRACIA OU A FALSA SEPARAÇÃO DOS PODERES

Preocupados com essas possíveis derivações, os principais teóricos da democracia moderna, Locke e Montesquieu, pensavam ter encontrado a chave da solidez democrática na "separação dos poderes".

Uma separação dos poderes legislativos, executivos e judiciais (parlamento, governo e juízes) cuja história da democracia ela-mesma demonstrou que não impede em nada sua colusão por meio das redes e sua submissão ao poder do dinheiro...

ALTERNATIVA DA TRADIÇÃO

Uma dominação sem partilha que nos obriga a levar em conta essa autre preconização proveniente, ela, da Tradição no sentido em que a entendia René Guénon em *A Crise do Mundo Moderno.*

Ou seja, a subordinação desse materialismo comerciante pelo poder transcendente de uma casta hereditária, ao mesmo tempo religiosa e militar.

Um poder do dinheiro que não é mais respeitado – como nota Julius Evola em Revolta contra o Mundo Moderno – uma vez que a casta sacerdotal se dissocia do poder real para entrar em rivalidade com este. Uma duplicação do poder sagrado, anteriormente unitário, provocando um enfraquecimento recíproco dos *oratores* (clero) e dos *bellatores* (aristocracia) e a ascensão inevitável, via a ramificação comerciante dos *labor atores*, do poder dos banqueiros.

Uma derrota do poder da força sagrada frente ao poder materialista comerciante, iniciada na Europa cristã desde o duplicação do poder real e pontifical. Rivalidade do papa e do rei que marcou o fim da unidade e da permanência do poder imperial tradicional para entrar na era caótica da modernidade...

IMPÉRIO SAGRADO CONTRA IMPÉRIO PROFANO

Assim, com base nessa constatação, encontramos em todos os opositores sérios da democracia moderna: do nacionalismo integral de Charles Maurras à República Islâmica do Irã, passando pela Ordem Negra da SS, tão querida a Heinrich Himmler, essa mesma tentativa de conter o poder do dinheiro pelo retorno ao poder absoluto de uma ordem ao mesmo tempo militar e religiosa.

A única potência militar, sem o auxílio do sagrado diante das forças do dinheiro, conduzindo inevitavelmente à derrota, como testemunham as experiências comunistas e fascistas europeias, o fracasso do panarabismo de Gamal Abdel Nasser ou do baasismo de Saddam Hussein, e sem dúvida amanhã, se não tomar cuidado, o do soldado Vladimir Putin diante do empresário Dimitri Medvedev...

6. O IMPÉRIO EM AÇÃO

Devido à presença na França de quase quatro milhões e meio de trabalhadores imigrantes e de membros de suas famílias, a continuidade da imigração apresenta hoje sérios problemas. É preciso encará-los de frente e tomar rapidamente as medidas indispensáveis. O nível de alerta foi atingido. É por isso que dizemos: é preciso parar a imigração, sob pena de jogar novos trabalhadores no desemprego.

Esclareço bem: é preciso interromper a imigração oficial e clandestina.

É necessário resolver o importante problema que a imigração impõe à vida local francesa. Estão amontoados no que é preciso chamar de guetos, trabalhadores e famílias com tradições, línguas, modos de vida diferentes. Isso cria tensões, e às vezesconflitos entre imigrantes de diversos países. Isso dificulta suasrelações com os franceses. Quando a concentração se torna muitoimportante, a crise habitacional se agrava; as HLM são cruelmenteinsuficientes e muitas famílias francesas não conseguem acessá-las. Ascargas de assistência social necessárias para as famílias imigrantes mergulhadasna miséria tornam-se insuportáveis para os orçamentos das comunas.

Georges Marchais, Secretário-geral do PCF,
discurso de Montigny-Lès-Cormeilles, 20
fevereiro 1981

Este país merece nosso ódio: o que fez aos meus pais foi muito mais violento do que o que fez aos africanos. O que este país fez aos africanos? Apenas o bem.

Alain Finkielkraut, *Haaretz*, 17 novembro 2005

DAS ANOS 1930 AO PÓS-GUERRA... E RETORNO

A questão que assombra o cidadão lúcido que contempla esses sessenta cinco últimos anos do alto de nossos 1 500 anos de História é: “o que nos aconteceu?”

Como foi possível passar, em um período que não conheceu, em nosso solo, nem catástrofe natural, nem revolução, nem guerra, da presidência de um de Gaulle – patriota culto que se esforçava para encarnar a grandeza e a independência francesa – para a de um Sarkozy: um margoulin com origens e lealdades duvidosas, colado a uma semi-mundana?

Para entender essa queda, devemos nos debruçar sobre a destruição dos pilares, dos trincos que, ao destruir um consenso político, cultural, econômico e social, permitiu o retorno de um clima que, por muitos aspectos, lembra os anos 1930...

O CONSENSO LIBERAL SOCIAL DO PÓS-GUERRA DECORRENTE DO CONSELHO NACIONAL DA RESISTÊNCIA (1945-1973)

Podemos considerar, de forma geral, o período pós-guerra de 1945-19 – chamado de Trinta Gloriosos – como um período de prosperidade e de consenso social.

Prosperidade econômica devido à dinâmica insuflada pelas destruições e pelas carências da guerra, e orientada em um sentido liberal pelo plano Marshall.

Consenso social pela nacionalização da energia, da régie Renault, dos seguros e dos bancos, e a criação da Segurança social.

Um regime de economia mista, liberal e social, resultante do programa do Conselho Nacional da Resistência ou patriotas gaullistas e comunistas, prolongando a fraternidade dos combates, também se esforçaram para

não reproduzir os desequilíbrios da década de 1930 que levaram à guerra.

Período de consenso econômico e social, portanto, mas também "memorial" pela adoção de um mesmo romance nacional: este mito da traição petainista e da Resistência de esquerda, proveitosa para os dois contratantes.

Consenso e romance gaulo-comunista reduzido hoje à sua realidade em: *Um Paradoxo francês: antirracistas na Colaboração, antissemitas na Resistência,* pelo historiador israelense Simon Epstein, mas que se manteve, queira ou não, até a destituição do general de Gaulle em 1969...

A TRAIÇÃO BANCÁRIA DO CNR: DO CONSENSO GAULO-COMUNISTA À LEI DE 3 DE JANEIRO DE 1973 PASSANDO POR MAIO DE 68

Um fim dos Trinta Gloriosos (1945-1973) injustamente atribuído ao "primeiro choque petrolífero", mas que se deve, na realidade, à primeira ruptura do programa do CNR.

Uma ruptura que começa pela destituição de de Gaulle por sua insubordinação ao Império; a esta oligarquia globalista com a qual ele havia, no entanto, pactuado por duas leis: em 1940, ao se juntar ao lado dos aliados contra Pétain; e depois em 1958, ao acabar de liquidar o Império francês na questão argelina.

Mas uma insubordinação gaullista, desta vez claramente expressa em seu discurso de 4 de fevereiro de 1965, sobre sua vontade de retorno ao padrão-ouro, depois em sua coletiva de imprensa de 27 de novembro de 1967, apontando o dedo para um certo "povo de elite seguro de si e dominador".

Uma destituição de de Gaulle, por sua insubordinação ao Império do dólar e ao Estado de Israel, favorecida pelos eventos de Maio de 68 nos quais o agitador Daniel Cohn-Bendit desempenhou um papel central; razão pela qual ele ainda está em cargo hoje...

MAIO DE 68 A SERVIÇO DO IMPÉRIO

Pois, com a distância do tempo, podemos dizer que houve três Maio 68:

– o Maio de 68 libertário, bastante simpático e espontâneo;

– le Mai 68 sindical que levou aos acordos de Grenelle (aumentos salariais) e à colocação de Jacques Chirac em órbita;

– e finalmente o Maio de 68 político, cujo objetivo era desestabilizar de Gaulle e expulsá-lo do poder, por uma série de decisões em ruptura total com as escolhas estratégicas e as submissões da IV^e^República.

De 1961 a 1967, de fato:

- de Gaulle se opõe à entrada da Inglaterra na Comunidade econômica europeia;

- expulsa as bases militares americanas do território nacional;

- desengaja a defesa francesa da OTAN;

- e por seus discursos em Phnom-Penh e Montreal, faz da França o líder dos não-alinhados frente aos dois blocos da Guerra Fria; ou seja, a famosa Terceira via.

Uma série de atos de insubmissão culminando com a apoteose pro-palestina de novembro de 1967, totalmente em sintonia com o espírito de maio que viria, mas infelizmente incompreendido pela juventude francesa.

Pois se lembrarmos do clima da época, o evento decisivo para a mobilização estudantil nesse período de pleno emprego e de elevação constante do nível de vida, graças ao programa do CNR aplicado por de Gaulle, não foi a crise social, mas a guerra do Vietnã.

E a perversidade maquiavélica do Império será fazer com que jovens idiotas úteis gritem "US go home?", mas totalmente sob a influência da cultura anglo-americana encarnada por um jovem líder vindo do nada, mas estranhamente promovido pela mídia, o único opositor sério, no campo ocidental, a esse imperialismo americano.

Tal é o terceiro Maio de 68, o menos espontâneo, o mais oculto, mas aquele que contou para a História...

A LEI DE 3 DE JANEIRO DE 1973, TAMBÉM CHAMADA DE "LEI POMPIDOU GISCARD-ROTHSCHILD"

Maio de 68 sem o qual não poderia haver janeiro de 1973; ou seja, uma vez De Gaulle expulso do poder, a traição da Nação pela direita empresarial encarnada por Georges Pompidou e seu ministro das finanças, Valéry Giscard d'Estaing.

Georges Pompidou, ex-diretor geral do banco Rothschild, que fará passar discretamente a reforma do Banco da França, proibindo dessa forma o Estado de emitir sua moeda. Um artigo 25 da lei 73-7 de 3 janeiro do mesmo ano significando nossa entrada na lógica estrutural da dívida; ou seja, o fim programado de nossas políticas sociais.

Uma liquidação do consenso Capital-Trabalho oriundo do CNR que, com a ajuda da raiva social, levará, após a transição do útil mas inexistente Giscard, à chegada da esquerda ao poder...

A TRAIÇÃO COMUNITÁRIA DO CNR: MITTERRAND OU A CHEGADA DA ESQUERDA CULTURAL (10 DE MAIO DE 1981)

Maio de 1981, ou seja, a chegada da esquerda ao poder. Mas não qualquer esquerda, a "esquerda societal" do Partido Socialista da rosa ao punho significando, a partir do governo Fabius e do famoso "retorno à rigor", que a esquerda encarnada agora por Jack Lang, a cultura de massa e os gays, não tocará mais na economia.

A esquerda de François Mitterrand, ou seja, deste falso homem de esquerda com um passado vichysta oculto, presidente refém de toda uma clique comunitária em oposição aos homens da Resistência que soube federar De Gaulle, a fim de manter a França unida apesar de seus divisões.

Uma clique comunitária oriunda de nossos ex-dominions do Magreb e de uma Europa Oriental humilhada pela Colaboração que, após a destruição do consenso econômico e social do CNR, trabalhará para a destruição de seu consenso moral; ao substituição, na mente dos franceses, da França combatente de Jean Moulin pela de Papon, Touvier e outros Bousquet ou seja, quarenta anos depois, a retomada da purificação, inaugurada pelo julgamento de Barbie...

ISRAEL, QUESTÃO CENTRAL

Uma estratégia de culpabilização do povo da França que não tem, na sua imensa maioria, nada a ver com a Colaboração nem qualquer conta a prestar sobre este período, mas uma estratégia de culpabilização apresentando uma dupla vantagem:

– Aquela de impedir qualquer crítica, imediatamente qualificada de antissemita, até mesmo de nazista, diante da ascensão de um comunitarismo que, no entanto, se torna cada vez mais "seguro de si e dominante".

– Trabalho de culpabilização desavergonhado que impede, ao mesmo tempo, toda crítica ao Estado de Israel, apesar de uma política cada vez mais claramente racista e colonial.

Uma comunidade que se apresenta também – isto levando a isso – de forma cada vez mais aberta como um povo à parte, em vez de como parte do povo da França, e cuja fidelidade agora não precisa mais ir à ignóbil França – eternamente colaboradora e devedora – mas ao estado racista e colonial de Israel...

O PARTIDO COMUNISTA FRANCÊS SUBSTITUÍDO PELO ANTIRRACISMO (1981)

Uma liquidação econômica e moral do pacto selado pelos homens do Conselho Nacional da Resistência – que eles combateram os nazistas – que se concluirá logicamente pela liquidação de seu parceiro

histórico: este PCF de Georges Marchais e sua visão de classe, liquidadas também pela esquerda após o discurso de Montigny-lès-Cormeilles, em benefício do antirracismo.

Um antirracismo que agora é a única luta do PS neste período de liquidação da indústria e de desemprego em massa; ou seja, a proibição feita ao povo operário de contestar a invasão do país por um terceiro mundo hostil: imigrantes agora sem trabalho, mas criados na aversão à França pelo catecismo anticolonial. Com desta vez à frente o trotskista e sionista Julien Dray sucedendo a Daniel Cohn-Bendit...

DE MARCHAIS A LE PEN: O MOMENTO FRONT NACIONAL (1984)

O PC de Marchais e Montigny-lès-Cormeilles liquidado pelo PS, o aparelho entendeu a mensagem: chega de análise de classe e defesa dos trabalhadores (caminho aberto pela CFDT), agora sejam bem-vindos os jovens, as mulheres e os “beurs” no novo PCF, sem eleitores, de Robert Hue e depois Marie-Georges Buffet.

Assim, após essa renúncia à sua base popular, o imigracionismo – estratégia de dumping social da direita patronal – torna-se para toda a guarda esquerda o novo progressismo pela mágica do antirracismo!

O golpe de gênio de Mitterrand foi, ao mesmo tempo, fazer passar toda resistência a esse dumping social por uma ideia de extrema-\direita, com um empurrão a Jean-Marie Le Pen.

Isso será, a seu pedido expresso, a famosa passagem para a "Hora da verdade" sobre o serviço público em 13 de fevereiro de 1984 no horário nobre.

Programa onde o presidente do Front National se mostrará tão bom, que será necessário, em seguida, fazer seguir esse empurrão de um poderoso golpe de parada, pela profanação de Carpentras...

FN E SOS RACISMO, MESMO COMBATE

Um Front National que se torna, portanto, a partir do meio dos anos 1980, ao mesmo tempo o único opositor ao sistema globalista; mas também seu idiota útil ao contribuir para promover essa nova leitura racialista das relações sociais.

"SOS racismo" sendo encarregado, ao mesmo tempo, de validar essa mesma leitura étnica junto aos jovens.

Sem esquecer de salvar um racismo, que se tornou residual na França de Daniel Balavoine, empurrando os migrantes africanos e magrebinos para a ódio do francês de origem, necessariamente feio, facho, colonizador e colaborador...

A DESTRUIÇÃO DO SÉRIO MARXISTA; O MOMENTO NOVO FILÓSOFO (1977-1981)

Mas essa liquidação do PCF substituído pelo FN não poderia ter sido feita sem o trabalho prévio de liquidação, à esquerda, da seriedade da análise marxista. Um trabalho iniciado desde Maio 68 pela vanguarda trotskista e o enfurecido estudante Alain Krivine; mas que os "novos filósofos": Bernard-Henri Lévy e André Glucksmann à frente (Jean-Paul Dollé, Jean-Marie Benoist ou Gilles Susong não beneficiando do mesmo trampolim midiático) terão a tarefa de levar ao grande público, no final dos anos 1970.

Um matraquage preparando, segundo a boa metodologia gramsciana, a hegemonia ideológica dessa nova esquerda "cultural", ao mesmo tempo comunitária, globalista, mestiça e antissocial que será a base da mitterrandie...

A NUISANCE BHL EXPLICADA A QUEM AINDA O CONSIDERAVA UM FILÓSOFO

Faz trinta e cinco anos que todas as pessoas que pensam, dizem e repetem que não há pensamento em Bernard-Henri Levy, que BHL

filósofo é uma pura fraude; o último episódio “Jean-Baptiste Botul” está aí para demonstrar até o grotesco.

Uma certeza, no entanto, BHL, horripilante burguês cosmopolita que despreza a França e seu povo, é tudo menos um idiota. E, acima de tudo, apesar de um veredicto repetido inúmeras vezes por todos os pensadores que importam: de Raymond Aron a Emmanuel Le Roy Ladurie passando por Cornélius Castoriadis e Gilles Deleuze; apesar das múltiplas pegadas com a mão na massa: mentira sobre seu encontro com o comandante Massoud ou Grozny em chamas, desmentido pela própria viúva do jornalista americano Daniel Pearl por seu “romanquête”: Quem matou Daniel Pearl?; montagem das questões Redeker e Sakineh... Enfim, apesar da acumulação de desonras e ridículos, ele ainda está no cargo.

E se esse ainda é o caso – a crítica que finge se espantar recusa sem dúvida admitir por medo – é porque sua competência, seu talento e acima de tudo sua função estão em outro lugar.

Porque dizer que BHL não é filósofo, que ele não pensa, é verdade, comumente aceito e inúmeras vezes demonstrado, mas também é ingênuo, desnecessário como dizer que Bernard Kouchner seria um mau médico, de Adler, de Minc e Attali que não são nem geopolíticos nem empresários nem economistas, todas essas pessoas fazendo, evidentemente, um trabalho completamente diferente.

Não um trabalho de pensador que implica respeitar regras: lógica, honestidade, metodologia... mas um trabalho de propaganda, grosseira, sistemática, veiculada, por outro lado, por um enorme dispositivo de dinheiro, de mídias, de redes, a serviço de uma mesma causa.

Assim como Bernard Kouchner, que passou da medicina humanitária ao dever de intervenção: ou seja, da defesa dos povos do Terceiro Mundo (Biafra) à justificativa de todas as pacificações neocoloniais a golpes de bombas sobre as populações civis (Sérvia, Iraque, Afeganistão), BHL de toda sua bibliografia de golpista do conceito, mas de fim político, avança passo a passo para o Império, acompanhando com seu blá-blá talmúdico – esse é ele que se reclama – a marcha forçada da oligarquia globalista em direção à Nova Ordem Mundial.

Uma nova ordem mundial explicitamente e aceleradamente em movimento após o colapso do defunto contra-império soviético.

Para demonstrar isso, basta olhar para seus livros, cuja sucessão de títulos persegue, além de seu vazio abissal, esse mesmo e constante objetivo:

– 1977 : *A Barbárie com rosto humano.*

Mensagem: progressismo = barbárie (grande paradoxo). Comunismo = fascismo = totalitarismo = nacionalismo (outro grande paradoxo, o comunismo tendo gerado o internacionalismo). Por outro lado: Liberalismo = liberdade = cosmopolitismo.

Conceitualmente é fraco, mas no terreno político, com muito dinheiro para publicidade e cabelos longos para agradar os jovens, é mais eficaz do que a antiga dupla Raymond Aron / Jean-François Revel.

– 1979 : *O Testamento de Deus*.

Mensagem: Progressismo = niilismo (sempre um grande paradoxo). Por outro lado: Antitotalitarismo = lei = judaísmo. É verdade que com: liberdade = cosmopolitismo, já estávamos prevendo!

– 1981 : *A Ideologia Francesa.*

Mensagem: Espírito francês = fascismo = reação (paradoxo colossal, o espírito francês sendo o parturiente histórico do progressismo). Consequência: Espírito francês = Pétain = Shoah, e claro, já estávamos prevendo também: Iluminismo (já que não é francês) = judaísmo!

Ali, até mesmo Raymond Aron, que não é suspeito de simpatia pelo regime que o fez usar a estrela, está tão ofendido que declara na imprensa: *« Bernard-Henri Lévy viola todas as regras da interpretação honesta e do método histórico.»*

Este trabalho de destruição do sentido e de inversão total de toda a história do progressismo, concluído em três livros, Bernard-Henri Lévy, prosseguindo seu trabalho zeloso de mulher de mente do Império, irá então prestar a mão ao desmembramento da Jugoslávia. Isso será:

– 1993: o documentário *Bósnia!*

Mensagem: Sarajevo = cosmopolitismo, portanto Bósnia = bonzinhos e sérvios = malvados.

Ao mesmo tempo, seus dois comparsas Finkielkraut e Glucksmann tomarão partido, um pelos bonzinhos croatas de Ante Pavelic, o outro pelos bonzinhos chechenos islamistas. Três posições perfeitamente contrárias à sua suposta ética levinasiana, mas encontrando, como sempre, toda a sua coerência na geopolítica do Império.

Este trabalho de liquidação do bloco do Leste concluído, nosso rigoroso filósofo irá, logicamente, se voltar contra os seguintes da lista, ou seja, o último Contra-Imério do espírito que resiste à onda liberal após o falecido comunismo: o Islã e o mundo muçulmano. Isso dará então:

– 1994 : *A Pureza Perigosa.*

Mensagem: Islã = integrismo = niilismo = novo totalitarismo.

Prodígio conceitual que lhe permitirá, na sequência, se pronunciar por um apoio incondicional a Israel (= liberdade = Luz = judaísmo); pela agressão ao Iraque (um milhão de mortos) e, após um pequeno apoio a Dominique Strauss-Kahn, futuro chefe do FMI, pela operação “Chumbo endurecido” sobre os palestinos guetificados da faixa de Gaza. E isso, claro, sempre em nome dos “direitos humanos”!

Entenda melhor agora por que sua última obra, embora com conteúdo tão nulo quanto as anteriores, e embora integralmente desqualificada pela risível questão “Botul”, foi, apesar de tudo, celebrada e comentada por toda a crítica subserviente, e por que se intitula, em um perfeito espírito de coerência: *Da guerra em Filosofia...*

DESTRUIÇÃO TAMBÉM DO POVO DA FRANÇA EM SUA COMPOSIÇÃO ORGÂNICA PELO REAGRUPAMENTO FAMILIAR (29 DE ABRIL DE 1976)

Um panorama das nuisances que não estaria completo sem mencionar também o famoso "reagrupamento familiar".

Sendo esta imigração de povoamento imposta, sob o governo Chirac, pela direita patronal e as Lojas, mão na mão desde a Terceira República.

A direita patronal em nome do Mercado: fazer consumir o imigrante subequipado e pagá-lo mais barato.

A maçonaria em nome desse famoso "universalismo dos direitos humanos" que é, desde 1945, a máscara humanista do globalismo mercantil.

Tudo isso para destruir também essa coesão etno-cultural que sempre foi um obstáculo à divisão e à dominação dos povos...

FIM DA FRANÇA ACEITA PELO SEU POVO LOBOTOMIZADO EM MAASTRICHT (20 DE SETEMBRO DE 1992)

Uma destruição metódica dos pilares que faziam a França econômica, moral, social, cultural e étnica do pós-guerra, que se concluirá com o referendo de Maastricht e a vitória do "Sim"; a renúncia à França por seu povo trabalhado no corpo há mais de vinte anos pelo jevismo, feminismo, a "rigor econômico", a mestiçagem e o antirracismo.

O dinheiro-rei brincando com as minorias sexuais e étnicas para que nenhuma força, vinda da direita moral ou da esquerda social, se oponha mais ao rolo compressor globalista...

O MOMENTO CHEVÈNEMENT OU O ÚLTIMO SURTO DO REPUBLICANISMO DE ESQUERDA (2002)

Uma liquidação que não se fará sem alguns sobressaltos de resistência do lado da esquerda republicana.

E é preciso render homenagem à tentativa de Jean-Pierre Chevènement de se opor, por sua candidatura à eleição presidencial de 2002, a essa deriva globalista e mercantil dos princípios jacobinos autênticos.

Uma candidatura de protesto que custará sua eleição ao antigo lambertista Lionel Jospin, mas que valerá principalmente a Jean-Pierre

Chevènement sua marginalização política por seu próprio campo, como se pode constatar desde então.

Uma liquidação do nacionalismo de esquerda que acabará por fazer do Frente Nacional o último defensor de peso do campo nacional-republicano.

Uma ameaça suficientemente séria para que o sistema deixe hoje seu pequeno espaço para o turbulento antigo lambertista, ex-senador socialista e maçom Jean-Luc Mélenchon, aproximadamente tão credível nesse papel quanto Lionel Jospin...

A FIM DO ANTIRRACISMO OU O MOMENTO "NOVO-REACIONÁRIO": ASCENSÃO DE ALAIN FINKIELKRAUT E DECLÍNIO DE JULIEN DRAY (2002-2009)

A seriedade da esquerda econômica e social substituída pelo antirracismo, esse antirracismo será então circunscrito ao único antissemitismo pela onda chamada de "novos reacionários".

Uma clique (Pierre-André Taguieff, Maurice G. Dantec, Elisabeth Lévy, Shmuel Trigano...) patrocinada desta vez por Alain Finkielkraut, que passou sem vergonha do anti-vichysmo imigracionista (por razão biográfica) ao desprezo odioso pelo Árabe e pelo Negro.

Uma passagem da falsa esquerda para a verdadeira direita – antisocial e racista – motivada não pelos danos infligidos pela ideologia antirracista sobre a coesão nacional (ascensão do comunitarismo vitimário, anticolonialismo retroativo), mas por seus efeitos colaterais sobre a imagem de Israel e a ascensão do antissionismo na periferia.

Uma ideologia antirracista cada vez mais incômoda, de fato, para a dominação do PS sobre a juventude proveniente da imigração e a imagem de Israel entre os jovens de esquerda, que sinalizará o declínio do SOS racismo e um certo rebaixamento de seu padrinho Julien Dray, oportunamente alcançado pelos escândalos e, na falta de ser julgado (redes maçônicas obrigam) severamente "chamado à lei" em 2009...

A DUPLA ÉTICA CADA VEZ MAIS VISIBLE DO ANTIRRACISMO SIONISTA E A QUESTÃO SUDDEN LOUSABLE DA IDENTIDADE NACIONAL

A partir de então, os temas do "perigo do islamismo", ou mesmo de uma "certa imigração" sobre uma identidade nacional negada, para não dizer desprezada até então pelos mesmos – e que valeram a Le Pen ser condenado às gemonias durante quarenta anos – tornam-se questões pertinentes, autorizadas na mídia.

Desde que sejam tratadas por especialistas da dupla ética do calibre do rabino Bernheim ou do agora onipresente e onisciente Alain Finkielkraut, co-signatário com Bernard Kouchner da petição contra o racismo anti-Branco, enquanto é membro do comitê central da LICRA (desde 1982) e até mesmo membro de seu comitê de honra desde 2003.

A performance do contorcionista será apreciada...

DAÍ A NOVA DEFINIÇÃO DE ANTISSEMITISMO

Além da redução do antirracismo à única luta contra o antissemitismo – o racismo anti-magrébio podendo agora se disfarçar de luta contra o "fascismo verde", novo combate de Bernard-Henri Lévy – esse reposicionamento de uma boa parte dos intelectuais comunitários não será sem consequência na redefinição do antissemitismo.

Antissemitismo não querendo mais dizer: "racista em relação aos judeus", mas como redefine Alain Finkielkraut ele mesmo em um raro momento de lucidez: "antissionista por antirracismo"; do que esse adepto da dupla ética conclui logicamente que, portanto, é preciso acabar com... o antirracismo!

DAÍ A ESQUIZOFRENIA DO ANTIRRACISMO GAUCHISTA

Um reposicionamento que também não será sem consequência para seus seguidores e obrigados esquerdistas, agora atingidos por esquizofrenia política.

Antirracistas esquerdistas sempre imigracionistas, por ódio aos povos enraizados (tradição trotskista).

Mas agora anti-islamistas, em nome da defesa da laicidade (entenda-se: da religião maçônica).

O que leva, afinal, esses eternos idiotas úteis, particularmente bem representados por Olivier Besancenot e Caroline Fourest, a proteger com uma mão o imigrante muçulmano que ameaçam com a outra...

D'OÙ LE MOMENT « NI PUTE NI SOUMISE » (2003)

Uma esquizofrenia do posicionamento de esquerda: ao mesmo tempo para o imigrante contra o francês de origem, mas contra o muçulmano considerado hostil a Israel, que os antirracistas sionistas do SOS racismo vão se esforçar para resolver pela criação de « Ni putes ni soumises ».

Nova associação – sempre guiada pelo PS via Julien Dray – mas trabalhando para opor agora, não mais os árabes e os negros aos brancos, como anteriormente, mas as meninas aos meninos dentro da juventude imigrante.

Meninas oriundas do Magreb, consideradas recuperáveis pela democracia de mercado, agora patrocinadas no belo caminho do feminismo pela herdeira Publicis e filósofa bilionária Élisaheth Badinter, nascida Bleustein-Blanchet.

Meninos abandonados, por outro lado, à beira do caminho e agora condenados às gemoções por causa da insuportável re-islamização machista!

Um dualismo e uma oposição que correspondem muito pouco à realidade e à complexidade dos « bairros », mas validados a pedido pelo reforço stipendiado de « collabeurettes » do tipo Fadela Amara, substituindo agora os « collabeurs » Malek Boutih e outro Mohammed Abdi...

LE MOMENT DIEUDONNÉ (1er DÉCEMBRE 2003)

Neste contexto de manipulações, mentiras, duplo linguagem e depois de uma reviravolta de aliança, não era surpreendente que o mais honesto, o mais corajoso, o mais talentoso e o mais engajado dos antirracistas autênticos, o bem nomeado Dieudonné (lembramos sua campanha contra Marie-France Stirbois do Front nacional nas legislativas de 1997 em Dreux) finalmente ousasse denunciar essa perigosa mascarada com um golpe de destaque retumbante.

Será o famoso esboço emblemático do « colon israelense » ao vivo no programa « Não podemos agradar a todos » de Marc-Oliver Fogiel, no dia 1º de dezembro de 2003.

Esboço seguido no dia seguinte a uma diabolização midiática e uma vontade de morte social por meio de um assédio judicial e pecuniário sem precedentes.

Um linchamento orquestrado pelo lobby sionista e seus afilhados bilionário Bernard-Henri Lévy à frente – que não cessará de ridicularizá-lo por meio de provocações deliberadamente provocativas:

– mão estendida a esses outros diabolizados que são Le Pen e o professor Faurisson;

– criação de uma “lista antissionista” com insubmissos ao Império de todos os lados nas eleições europeias de 7 de junho de 2009...

A TODA PODEROSA DO LOBBY SIONISTA

Essa diabolização e esse empenho em fazer passar, aos olhos do povo, um comediante mestiço antirracista por um perigoso nazista, porque ele ousa criticar a deriva teológico-militar do estado racista e colonial de Israel, assim como seu apoio incondicional pelas principais organizações judaicas francesas (CRIF e Consistório) vão atingir um

nível de obscenidade e ridículo tal, que terão como consequência tornar cada vez mais visível, para os franceses lúcidos, a toda poderosa de um lobby sionista perfeitamente desqualificado para encarnar o antirracismo, os direitos humanos ou a democracia.

Uma obscenidade comunitária perfeitamente ilustrada pela prostração geral do pessoal midiático e das instâncias republicanas, presidente da República à frente, no jantar anual do CRIF...

A NOVA FRANÇA BLACK-BLANC-BEUR, MAS NÃO A DE SOS RACISMO

No entanto, a reconciliação de Jean-Marie Le Pen e Dieudonné, sua mão estendida ao presidente Mahmoud Ahmadinejad, novo campeão dai submissão muçulmana e dos Estados do Sul na ONU, não é essa França « Black-Blanc-Beur » que deveria alegrar o SOS racismo?

Estranho, portanto, que isso torne tão histéricos de raiva e de ódio os profissionais do antirracismo institucional, começando por seu padrinho em chefe Bernard-Henri Lévy...

O MOMENTO SARKOZY (6 DE MAIO DE 2007)

É nesse contexto de conscientização cidadã, mas também de máximo aborrecimento das massas pelos meios de comunicação, que vai se operar a assunção do poder de Nicolas Sarkozy, candidato que reúne em sua pessoa as redes mais poderosas.

Uma eleição ganha em uma campanha de recuperação nacional, parodiando a do FN, que se concluirá nos fatos (as promessas de campanha só comprometem aqueles que as ouvem) por:

– a liquidação, com a nomeação para o cargo de ministro das Relações Externas de Bernard Kouchner, ex-governador do Kosovo nomeado pela OTAN, do último bastião do gaullismo e da independência francesa

que ainda era o Quai d'Orsay e sua tradição de política equilibrada no Oriente Médio (qualificada pelo lobby sionista de pró-árabe);

– a reintegração da França na OTAN – outra traição do legado gaullista – selando o fim da independência de nossa defesa nacional, que passa agora sob comando americano;

– a ratificação silenciosa, por uma Assembleia Nacional traidora de seus eleitores, do tratado de Lisboa, ignorando a rejeição da Constituição européia pelo povo da França em referendo; ou seja, a renúncia da soberania francesa, política e econômica à burocracia mundialista dos especialistas não eleitos de Bruxelas;

– e após uma campanha de sedução em relação à direita da direita sobre questões de segurança e identidade, a famosa « abertura à esquerda »: cooptando Bernard Kouchner, Jacques Attali, Michel Rocard, Arno Klarsfeld, Eric Besson, etc. Ou seja, na realidade, a união sagrada liberal, atlanticista e sionista.

Uma perda de independência diplomática, militar, econômica e política que vê o aparelho de Estado da Nação francesa, sob o quinquennato Sarkozy, passar integralmente sob controle do Império...

O CASAMENTO SARKOZY-BRUNI OU A OFICIALIZAÇÃO DA UNIÃO BOBO-LIBERAL (2 DE FEVEREIRO DE 2008)

E assim como sob o Antigo Regime, quando uma lenta e minuciosa estratégia de aliança se concluía com um casamento, o rei da nossa direita mundialista e financeira, Nicolas Sarkozy, acabou por contrair justas núpcias com a princesa bobo Carla Bruni.

Um casamento que oficializa a famosa união liberal-libertária discretamente estabelecida desde Maio de 68 (colusão da direita de negócios mundialista Pompidou-Giscard-Rothschild e da esquerda internacionalista societal Krivine-Kouchner-BHL às custas da antiga aliança de Gaulle-PCF).

Uma ideologia liberal-libertária, aliás, abertamente reivindicada, desde os anos 1990, pelo agente imperial multicartas Cohn-Bendit.

Um casamento bobo-liberal que une o glamour da esquerda bobo à vulgaridade da direita bling-bling, mas que também significa:

– a transgressão libertária de toda regra moral a serviço de uma predação financeira sem limites;

– ou ainda a ideologia trotskista sem-papéis deste querido Besancenot, excelente álibi humanitário para a imigração escolhida do MEDEF, enquanto a direita moral, encarnada pelo maurrassismo gaullista ontem e Bruno Gollnisch hoje, se tornou, evidentemente, num capitalismo cada vez mais especulativo e cada vez menos empreendedor, um obstáculo à lógica do lucro máximo...

DO LIBERALISMO LIBERTÁRIO AO LIBERALISMO SEGURANÇAS

Um liberalismo-libertário favorável à elite (hiperclasse nômade e nova classe promocional), mas cada vez mais duro com o povo, tanto no plano econômico (desregulamentação, deslocalizações) quanto socio-cultural (delinquência sexual, tensões interétnicas) que vai pouco a pouco se transformar em liberalismo de segurança.

Liberalismo de segurança: ou seja, um regime liberal em relação à burguesia mundialista e tudo que favorece o enfraquecimento da Nação, mas um regime de segurança, não em relação aos delinquentes ou aos clandestinos que representam um problema para o povo, mas em relação aos trabalhadores e à classe média que poderiam ter vontade de se revoltar contra a elite mundialista.

Um regime liberal de segurança que finge resolver os problemas que ele mesmo criou e que continua a agravar (precarização, insegurança), por meio de duas ou três leis gadgets que penalizam o cidadão que ainda pode pagar: segurança viária transformada em um roubo organizado, proibições generalizadas (tabaco, álcool) em nome da saúde pública e crescente censura à liberdade de expressão em nome da proteção das minorias.

Um regime de segurança em relação ao povo do trabalho sem nunca tocar, na realidade, na delinquência dos predadores subproletários e dos

predadores da elite, para dar, no final, essa sociedade de consumo policial, ao mesmo tempo permissiva para o consumidor idiota (liberalização do sexo e dos jogos...) e repressiva para o cidadão produtor (hiper regulamentação, impostos e multas de todos os tipos...) sob a direção euro-mundialista...

RUMO AO NOVO ORDENAMENTO MUNDIAL EXIBIDO

Um poder sarkozista que se revela ser, após três anos de governo, a imposição pura e simples da “exceção francesa” oriunda do CNR, a fim de submeter o que restava da França ao Novo ordenamento mundial, via União Europeia.

Um Novo ordenamento mundial cada vez mais frequentemente invocado por nossas elites imperiais – de Alain Minc a Michel Rocard – como objetivo supremo a ser alcançado e remédio para a crise; enquanto essa crise não é nada mais do que a consequência do processo globalista pela destruição das culturas e do livre-comércio generalizado...

GLOBALIZAÇÃO E GLOBALISMO

Neste estágio do processo imperial, é importante esclarecer que a globalização não implica necessariamente o globalismo.

A globalização – processo de trocas materiais e imateriais devido ao progresso técnico – poderia muito bem se satisfazer com um mundo multipolar feito de nações praticando um protecionismo recíproco e razoável.

O globalismo, por outro lado, é esse projeto ideológico – uma espécie de religião laica – que trabalha na implementação de um governo mundial e na dissolução de todas as nações do globo em uma só humanidade.

Uma dissolução das nações sob pretexto de "paz universal" (projeto maçônico), a diversidade das nações e dos povos sendo

considerada contrariamente ao que nos ensina a Gênesis pela alegoria da Torre de Babel – como a causa dos conflitos e das guerras que ensanguentam a Terra desde a aurora da humanidade...

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DO HOMEM CONTRA A DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DO HOMEM E DO CIDADÃO (1789-1948)

Um processo globalista muito ativo após a Primeira Guerra Mundial através da Sociedade das Nações (SDN), que a ascensão dos nacionalismos do entre-guerras fará refluir, mas que ressurgirá após 1945 pela criação da ONU (Organização das Nações Unidas) sucedendo à SDN, e a famosa "Declaração universal dos direitos do homem".

Uma "Declaração universal dos direitos do Homem" (10 de dezembro de 1948) devida a René Samuel Cassin – também presidente da Aliança israelita universal – muito frequentemente confundida com "a Declaração dos direitos do homem e do cidadão" de 1789 que, ela, pensava esses direitos no quadro concreto de uma nação enraizada – a Nação francesa – em nome de um modelo civilizacional: "o universalismo francês", pouco a pouco dominado por um liberalismo anglo-saxão que vai de par com o messianismo judeu-protestante...

VITÓRIA DO GLOBALISMO LIBERAL SOBRE O UNIVERSALISMO FRANCÊS E O INTERNACIONALISMO COMUNISTA (1969-1991)

Temos, portanto, em luta contra as nações e os povos enraizados, considerados como nocivos e a serem destruídos, dois sistemas ideológicos dominantes ao final da Segunda Guerra Mundial:

– o internacionalismo comunista, alojado na Rússia, e falecido em 26 de dezembro de 1991;

– o globalismo liberal americano, que saiu finalmente como grande vencedor da Guerra Fria e hoje é o único modelo universal no Ocidente, diante do duplo colapso do comunismo soviético, mas também do universalismo francês defendido pelo general de Gaulle até 1969, e ainda hoje nas conferências de François Asselineau...

O GLOBALISMO MERCADOR EM NOME DOS DIREITOS DO HOMEM

Portanto, ao sair deste breve resumo, parece que o globalismo, vontade política e não fatalidade técnica, resulta na verdade da aliança de dois processos;

– um prático, pela mercantilização integral da Humanidade sob a religião do lucro mercantil;

– o outro ideológico, que é a legitimação para as boas almas, pela ideologia dos direitos do homem abstrato...

O DIREITO DO HOMEM, DEFINIÇÃO ATUAL E UTILIDADE

Uma "ideologia dos direitos do homem" que não tem mais nada a ver com os direitos reais dos homens reais, sempre ligados à sua cultura local e à sua pátria – o entusiasmo pelas competições esportivas internacionais: Jogos Olímpicos, Copa do Mundo de Futebol... continuam a testemunhar – mas que agora é o catecismo que acompanha a imposição de toda tentativa de resistência ao globalismo.

Assim, é em nome dos "direitos do homem", levando ao direito de ingerência humanitária, e depois ao dever de ingerência militar do bom doutor Kouchner, que a OTAN bombardeará, em 1999, a pequena nação sérvia porque ela resistia, em nome de sua cultura e de sua história, ao rolo compressor globalista sob a liderança americana.

É em nome da ideologia totalitária e belicosa dos "direitos do homem", que se desrespeitam hoje os direitos reais dos homens reais em todo o planeta; seja o direito dos sérvios de permanecerem sérvios na Europa, mas também o direito dos muçulmanos de permanecerem muçulmanos no Irã ou no Afeganistão.

É ainda em nome dos "direitos humanos" que se destrói, dentro das Nações e dos povos, as solidariedades sociais tradicionais, substituindo os direitos sociais, especialmente os dos trabalhadores e das classes médias, pelos direitos sociais das pseudo-minorias oprimidas, que na verdade são minorias atuantes: direitos das feministas, direitos dos gays, direitos dos jovens ou dos negros (cultura da palavra)... que são tantos segmentos de mercado a serviço do globalismo ideológico-comercial, como soube ilustrar muito bem, nos anos 1990, o publicitário Oliviero Toscani com suas campanhas "United colors of Benetton"...

A MECÂNICA DO CRIME CONTRA A HUMANIDADE

Assim, toda resistência a essa imposição;

- Recusa em considerar os sérvios como inimigos da humanidade porque tentavam preservar seu modo de vida e sua independência.

— Recusa em considerar os gays como uma categoria social, a diversidade dos homossexuais não se reduzindo a um lobby autoproclamado, e a sodomia permanecendo, de qualquer forma, uma atividade de lazer privada.

Em suma, toda recusa em se submeter à fraude desses pseudos "direitos humanos" é considerada pela inquisição do poder globalista como tantos "crimes contra a humanidade".

Uma sentença de "crime contra a humanidade" que permite expulsar aquele que é acusado fora da humanidade: povo alemão e japonês após a guerra, povo palestino hoje, iranianos amanhã, militantes e eleitores do Front Nacional na França há quarenta anos... Todos rebaixados à condição de sub-humanos e não beneficiando mais, para si mesmos, desses famosos "direitos humanos"...

A SHOAH, RELIGIÃO DO IMPÉRIO

Uma ameaça permanente de reductio ad hitleram calibrada sobre o "crime dos crimes" contra a humanidade que é, sem dúvida, a história da perseguição dos judeus da Europa pelo regime nacional-socialista alemão (1933-1945), renomeada Shoah desde os anos 1980 pelo todo-poderoso lobby judeu americano.

Um deslizamento da seriedade da História para o "dever de memória" instaurando a partir dessa mesma época - ou seja, quarenta anos após os fatos - a Shoah como nova religião imperial.

Uma religião cujo credo: "nunca mais isso!", subentendido; "amanhã o globalismo ou o retorno de Auschwitz", serve também de anátema contra toda resistência patriótica, e onde a câmara de gás agora ocupa o lugar do corpo, introuvável, do Cristo ressuscitado...

DE LUZ À OBSCURANTISMO DOS DIREITOS DO HOMEM (RESUMO)

Assim, o projeto das Luzes, fundado na sensibilidade rousseauniana e na Razão de Kant, para superar o obscurantismo da escolástica que havia ensanguentado a Europa por meio das guerras de religião, acabou degenerando, sob a pressão do liberalismo anglo-saxão e do messianismo judaico-protestante convergindo no pensamento maçônico, em "obscurantismo dos direitos do homem".

"Obscurantismo dos direitos do homem", ou seja, a proibição, sob pena de condenação por blasfêmia e heresia, de usar agora a razão para criticar as mentiras de uma História transformada em memória e seus efeitos concretos sobre a humanidade concreta: paupérização, precarização, violências e declínio espiritual dos povos; os efeitos desse processo globalista totalitário pilotado pela oligarquia financeira em seu único benefício...

Pelo direito ao blasfêmia ou o politicamente incorreto como ato de resistência ao totalitarismo imperial

Face a este catecismo que trabalha para a dissolução das nações e dos povos a fim de favorecer a ditadura do dinheiro.

Face a esta perseguição sistemática das maiorias em nome da defesa de supostas minorias levando, em nome das liberdades, ao interdito generalizado.

Apresenta-se que o politicamente incorreto - seja a afirmação da existência das raças (diferença das comunidades etno-culturais), a afirmação da desigualdade dos sexos (diferença masculino / feminino) ou ainda o revisionismo histórico generalizado (sentido da História, Shoah, 11 de setembro...) - longe de ser demência ou provocação gratuita, é apenas a reação de insubmissão das mentes ainda livres e em boa saúde diante desta ideologia totalitária da mentira e da absurdidade.

A resistência, pelo espírito, à violência do Império globalista...

AS OPERAÇÕES DE GOVERNANÇA GLOBAL: ECOLOGIA, SAÚDE, TERRORISMO E FINANÇAS

Além desse terrorismo antinacional atuando, via a religião imperial do "nunca mais isso!", à hegemonia globalista, outras operações "sem fronteiras" também estão sendo implementadas que contribuem discretamente para o mesmo objetivo: fazer com que os povos aceitem o futuro governo mundial como uma necessidade "natural" além das Nações e das divisões políticas.

A luta contra a poluição, contra os vírus, contra o terrorismo e os desajustes financeiros são causas que exigem, em nome do bem-estar e da salvação da humanidade, passar acima dos governos resultantes do sufrágio popular, para serem confiadas a nível planetário a um colégio de especialistas não eleitos...

O MOMENTO ECOLOGIA: A FRAUDE DO AQUECIMENTO GLOBAL E A TAXA DE CARBONO (2006)

Assim, com o documentário *Uma verdade inconveniente,* presentado por Al Gore, ex-candidato infeliz (para não dizer espoliado) à presidência estadunidense, a oligarquia globalista fará da ecologia – antiga ideologia conservadora dos anos 1920-1930 que passou por uma fase de recuperação esquerdista a partir dos anos 1970 – o carro-chefe climático do globalismo.

Uma ecologia apoiada nos trabalhos do IPCC – emanação climatológica da ONU, criado em 1988 e já utilizado pelo governo de Margaret Thatcher para justificar a desindustrialização da Inglaterra – a serviço do novo mercado da ecologia promovido pelos ex-internacionalistas de esquerda que passaram ao globalismo de direita como Daniel Cohn-Bendit (decididamente em todos os golpes errados!) para fazer aceitar aos povos do Ocidente a tese do "aquecimento global".

Uma montagem enganosa, estabelecendo um vínculo causal entre um suposto dangeroso aquecimento planetário, remissão de CO^2 e a produção industrial, supostamente permitindo ao futuro governo mundial impor a não menos nebulosa "taxa de carbono".

Uma taxa apresentada às massas pelos meios de comunicação como "anti-poluição", enquanto na realidade não passa de mais um golpe financeiro saído das mentes doentias de Goldman Sachs; fazer pagar – via um mercado de carbono – o direito de emitir CO2; ou seja, o imposto definitivo sobre o ar respirado!

Uma vasta montagem midiático-financeira baseada em uma fraude científica, felizmente denunciada pelos maiores climatologistas independentes, e que em breve será rejeitada pelas potências emergentes, como Índia e China, que veem claramente neste novo mercado especulativo onde se compra o direito de poluir, uma tentativa americana de frear seu desenvolvimento industrial e sua futura supremacia econômica mundial...

A LUTA CONTRA AS PANDEMIA E A FRAUDE DA VACINA H1N1 (2009)

Após a governança global em nome do meio ambiente, será, com a cumplicidade da OMS (Organização Mundial da Saúde) – outra emanacão da ONU – no papel do IPCC, a governança global em nome da saúde pública. E em lugar do imposto sobre carbono, a vacina H1N1, nova panaceia supostamente destinada a proteger a humanidade dos riscos de "pandemia" – para epidemia mundial – de gripe suína.

Outra montagem charlatanesca que permite à oligarquia mundial terrorizar as populações para submetê-las a diretrizes autoritárias: vacinação obrigatória cercada pela força pública, proibição de se reunir... tudo isso útil em tempos de crise e de risco de levante popular. Tudo isso sem deixar de realizar também enormes lucros indevidos. O lobby farmacêutico-químico, com a cumplicidade dos governos, tendo despejado nesta operação seus gigantescos estoques de Tamiflu inúteis; ou seja, só para a França, 94 milhões de vacinas a 10,60 € a unidade, totalizando 1 bilhão de euros; mesmo que sob a pressão popular e os riscos de escândalo, essa comanda e essa quantia serão finalmente reduzidas pela metade, o que resulta em um roubo líquido de 500 milhões de euros pagos pelo contribuinte!

Donald Rumsfeld, acionista da Gilead Sciences, proprietária dos direitos do Tamiflu – e, por acaso, ex-secretário da defesa dos Estados Unidos – tendo embolsado por sua parte nesta operação uma mais-valia de 5 milhões de dólares.

Uma operação tão escandalosa que teve o mérito de tornar essas campanhas de vacinação – nas quais alguns espíritos preocupados veem operações malthusianas de envenenamento a nível mundial – cada vez mais suspeitas para os povos do Ocidente...

A LUTA CONTRA O TERRORISMO E A FRAUDE AL-QAIDA (11 DE SETEMBRO DE 2001)

Mais a primeira grande operação de terror organizada a fim de justificar a governança mundial, acompanhada de uma enorme operação financeira, são sem dúvida os famosos atentados de 11 de setembro 2001 no Pentágono e no World Trade Center.

Uma operação terrorista oligárquica, instrumentalizando o islamismo radical, que permitiu ao Império justificar e relançar suas operações de pacificações neocoloniais (Iraque, Afeganistão, amanhã Irã...) em nome da luta contra o terrorismo abstrato – sinônimo do Mal – encarnado pela Al-Qaeda de seu antigo agente Osama bin Laden.

Uma auto-validação da tese do "conflito de civilizações", ponta de lança imperial dos neoconservadores americanos, que permitiu por outro lado a explosão do orçamento do exército americano – sempre pago pelo contribuinte – para a maior felicidade do lobby militaro-industrial.

Uma operação que finalmente permitiu, nos Estados Unidos, a abolição de fato da Primeira Emenda que garante aos cidadãos americanos as liberdades democráticas fundamentais, pelo *Patriot Açt* em nome da segurança interna.

Uma verdade oficial sobre os atentados de 11 de setembro tão insustentável – com, notavelmente, as questões perturbadoras do colapso das tres torres do WTC, sendo a torre n° 7 que caiu sem o menor avião, e o avião igualmente desaparecido do Pentágono... – que mais de um americano em cada dois não acredita mais e pensa hoje, como muitas altas personalidades do mundo todo, em um *inside job* envolvendo serviços americanos e israelenses...

A LUTA CONTRA A DÍVIDA E A FRAUDE DA AUTO-REGULAÇÃO FINANCEIRA (2007-2008)

Quantas operações que são tantos golpes de dinheiro para os mestres do Império: a oligarquia financeira, responsável por todos os desajustes

econômicos, servindo-se de uma forma geral da Crise – notadamente provocada pelo mercado de *subprimes* – para aumentar a concentração do capital ocidental entre suas próprias mãos e acabar de arruinar as classes médias.

Uma oligarquia financeira que, longe de fazer seu mea culpa, exige agora dos governos a seu serviço que lhe confiem plenos poderes de controle e de regulação, argumentando sobre a obsolescência dos Estados frente à economia globalizada.

Uma exigência maquiavélica de bombeiro pirômano resultando, como já foi o caso na criação da Reserva Federal americana (ver cap. 2), em confiar aos raposas a guarda do galinheiro...

Essa deriva puramente especulativa e financeira da economia de mercado, onde tudo não é mais do que espoliação e privilégio oligárquico, acaba por impedir toda a criação de riquezas.

Uma esclerose que se assemelha muito à do comunismo dos Soviéticos, transformado em ditadura burocrática de uma Nomenklatura, e que conduziu, finalmente, pelo caminho inverso, à ruína e à paralisia total da ex-URSS.

Um Império todo poderoso em aparência, mas que não se mantém mais, frente à ira crescente e à miséria do povo, senão pela propaganda e pela repressão policial...

A QUESTÃO DEMOGRÁFICA POSTA À DOMINAÇÃO IMPERIAL

Neste estágio de poder e de ilegitimidade, tanto no plano democrático quanto econômico, a questão colocada à oligarquia torna-se puramente demográfica.

Como o pequeno número de seus membros poderá continuar a controlar uma população mundial crescente, e cada vez mais levada à revolta por uma crise generalizada?

Um problema crucial ao qual nosso campeão da hiperclasse nômade, Jacques Attali, responde em suas conferências para uso interno, ao propor simplificar e facilitar as conversões, a fim de aumentar os efeitos de sua comunidade de elite de 13 a 200 milhões de almas.

A outra solução, proposta segundo os dizeres do falecido Aaron Russo por este outro oligarca, Nick Rockefeller, consiste, ao contrário, em reduzir de forma drástica a população mundial por uma série de ações malthusianas que se assemelhariam fortemente às operações de governança global anteriormente mencionadas, mas levadas ao seu termo: fomes organizadas, envenenamentos em massa, guerra generalizada... para que essa massa, reduzida a pelo menos a metade, possa continuar a ser submetida e controlada pela elite oligárquica em sua proporção atual...

O REINADO AGORA SEM PARTILHA DO IMPÉRIO, SOBRE O OCIDENTE

Uma visão incrivelmente desigual e violenta, que pode parecer delirante para as mentes humanistas heleno-cristãs, mas que, no entanto, conforme ao messianismo judeu-protestante sustentado pelas elites anglo-saxônicas e que historicamente geraram a América imperial como o projeto sionista.

Uma visão e uma violência imperiais às quais nenhuma força espiritual vem agora fazer contrapeso no Ocidente:

– A alternativa católica se uniu ao Império dos direitos humanos desde o Vaticano II (ver capítulo primeiro);

– a utopia comunista desmoronou-se, com a URSS, sob o peso de suas contradições;

– e as elites francesas apenas traem o universalismo francês em favor do Império, desde a destituição do general de Gaulle...

RESISTIR AO IMPÉRIO

Em uma sociedade desse tipo, até mesmo o sucesso pode se tornar o sinal da eleição divina – o que, no momento em que o critério dominante for o critério econômico, significará riqueza, prosperidade. Aqui se destaca claramente um dos aspectos da inversão degradante da qual já falamos: no fundo, essa teoria calvinista se trai como uma falsificação materialista e laica da antiga doutrina mística da vitória. Durante um certo tempo; ela fornecerá uma justificativa ético-religiosa para a ascensão da casta dos mercadores, do Terceiro Estado, em seu ciclo próprio, que é o das grandes democracias modernas e do capitalismo.

Julius Evola, *Revolta contra o mundo moderno*

A época em que era possível impor à comunidade internacional o capitalismo sem coração e os gostos de um grupo particular, e impor seu poder em nome da globalização e de seu império, está encerrada. O tempo de uma moral e de critérios a geometria variável e do desprezo pelos povos terminou. É ilegal que os resultados desejados por certos governos sejam impostos e que seu único critério de existência, sob uma aparência de busca de justiça ao nome de uma liberdade que esconde as piores ameaças e as piores artimanhas, seja apresentado como democrático, e que a ditadura seja apresentada como democracia.

Discurso do presidente Ahmadinejad durante a sessenta e quarta reunião das Nações

Unies, 24 de setembro de 2009

FACE À L'EMPIRE, L'ISLAM

Após o colapso das três outras forças morais do Ocidente que eram o catolicismo, o comunismo e o universalismo francês, d'essência heleno-cristã, parece que a última civilização da esfera pós-mediterrânea a não ter se submetido totalmente ao Império é o mundo muçulmano.

Sem entrar em um debate teológico para o qual não temos nem competência nem legitimidade, devemos distinguir neste islam complexo e complicado, que não possui clero para dizer o dogma nem Califado desde 1924 e a queda do Império turco para impor uma política, duas grandes tendências do ponto de vista dos interesses franceses e europeus...

ISLAM DE RÉSISTANCE : RÉVOLUTION ISLAMIQUE D'IRAN, HEZBOLLAH, HAMAS...

Um islam de resistência ao Império coerente, articulado em torno da República islâmica do Irã, incluindo também o Hezbollah libanês e o Hamas palestino.

Islam de resistência perfeitamente expresso pelos discursos e atos do presidente Mahmoud Ahmadinejad: solidariedade com a revolução bolivariana do presidente da Venezuela, Hugo Chavez, acordos de cooperação com o regime sírio baasista, apoio logístico aos combatentes palestinos sunitas, contestação da versão oficial dos atentados de 11 de setembro na tribuna da ONU.

Uma política autenticamente anti-imperialista e antissionista que recusa cair na armadilha do "conflito de civilizações"...

ISLAM DE COLLABORATION ET DE PROVOCATION ; ARABIE SAOUDITE, AL-QAIDA, BEN LADEN...

Em oposição, um islam apresentado como radicalmente antiocidental, mas jogando plenamente o jogo do “conflito de civilizações” em um parceria perversa com a América.

A monarquia saudita, que o promove e financia um pouco por todo o mundo, sendo na realidade totalmente dependente e cúmplice dos Estados Unidos pelo pacto de Quincy; pacto assinado em 1945 entre Ibn Saud e Franklin D. Roosevelt, garantindo ao regime wahhabita a proteção militar americana em troca do monopólio sobre suas concessões petrolíferas.

Uma parceria militar e econômica ainda mais fortalecida desde 1973 com a implementação do petrodólar (ver cap. 2).

Uma relação conturbada entre o islamismo radical e o Império, que deu origem à criação da Al-Qaeda de Osama bin Laden, e, de forma geral, a esse “extremismo islâmico” cujo papel objetivo é incitar a confrontação entre as populações muçulmanas e cristãs da Europa – seja pela secessão do Kosovo desejada pela OTAN ou pelo proselitismo do véu integral em solo francês – e isso para o maior lucro do Império americano...

PERANTE O IMPÉRIO: A ESPERANÇA DE UM MUNDO MULTIPOLAR GARANTIDO PELA RÚSSIA?

Frente à hegemonia americana, outra oposição ao Império é a aliança dos Estados que aspiram a uma nova ordem mundial multipolar. Uma oposição iniciada e tornada possível pela ascensão ao poder na Rússia de Vladimir Putin. A tomada de poder que pôs fim, a partir do ano 2000, à traição de Boris Eltsin – uma espécie de Sarkozy francês – que, depois da queda da URSS, em 1991, havia totalmente submetido a Federação da Rússia ao poder americano.

Um contrapeso significativo ao Império, iniciado pela criação do “Grupo de Xangai” em 2001, e que permitiu as insurreições frontais

do Irã e da Venezuela, assim como as insurreições mais discretas de grandes países como o Brasil e depois a Turquia...

Uma oposição frontal ao Império que, infelizmente, foi parcialmente questionada desde a eleição de Dmitri Medvedev...

PERANTE O IMPÉRIO: A ASCENSÃO IMPERIAL DA CHINA?

Uma relação diferente com o Império é a da China, ao mesmo tempo candidata à sucessão imperial dos Estados Unidos como nova hiper-potência mundial, mas também, enquanto seu mercado interno não tiver alcançado sua produção, parceira obrigada dos Estados Unidos no plano econômico; os Estados Unidos comprando, a crédito, o que a China produz.

Uma relação de rivalidade e complementaridade da qual tudo indica, exceto a opção militar, que a China sairá vitoriosa, mas que pode muito, para a França e a Europa, se traduzir simplesmente pela substituição de uma dominação imperial por outra.

Uma nova dominação imperial que, no entanto, selaria o fim de dezessete séculos de preeminência do monoteísmo abraâmico sobre o nosso mundo mediterrâneo...

ET SE A REVOLTA VIESSE DO POVO AMERICANO?

A ascensão da China e até mesmo da Índia... Seja o que for que aconteça com esse deslocamento inevitável do poder econômico industrial em direção à Eurásia, nenhum golpe seria mais fatal para o Império do que uma revolta vinda dos Estados Unidos; ou seja, do local da dominação mundial desde 1913 e a criação da Reserva Federal americana (ver cap. 2).

Uma revolta possível, e até mesmo provável, do povo americano vinda das classes médias em processo de empobrecimento extremo, guiada por uma fração das elites patriotas WASP, contra essa oligarquia bancária apatrida que está acabando de arruinar o país, tanto no plano industrial quanto no plano de seu prestígio internacional.

Sinais de revolta que se multiplicam, de fato, em dois fronts:

– o front econômico: a classe empresarial enraizada de essência anglo-saxônica e protestante (historicamente encarnada por Henry Ford) tendendo cada vez mais a se revoltar contra os especuladores de Wall Street, que passaram gradualmente da parceria à pura predação;

– o front da política externa que é a extensão pela dominação dessa oligarquia financeira sobre o Congresso; o apoio incondicional ao estado de Israel se revelando cada vez mais contrário aos interesses americanos (notadamente na questão iraniana) e levantando as protestos crescentes de americanos de destaque, provenientes tanto do campo democrata, como Jimmy Carter, quanto do campo republicano, como Ron Paul.

Um front de recusa perfeitamente expresso e sintetizado pela obra publicada em 2009: *O Lobby pró-israelense e a política externa americana* dos dois acadêmicos americanos, Stephen M. Walt e John J. Mcarsheimer.

Uma revolta anti-imperial americana que soaria como a revanche d América dos pioneiros contra os *rubbe r bar ons*de Wall Street, todo-pode rosos desde 1913, neste combate surdo travado desde a independênciap or patriotas americanos autênticos (ver cap. 2) contra osoligarcas apátrida oriundos da City de Londres...

A FRANÇA FRENTE AO IMPÉRIO

No contexto dessa brutalidade imperial, feita de predação econômica e de manipulações etnico-religiosas, a França se encontra na linha de frente, tanto no plano econômico quanto no confessionário.

– Em primeira linha devido à vontade de submeter o modelo social francês pelo neoliberalismo anglo-saxão.

– Em primeira linha devido à presença das maiores comunidades muçulmanas e judias da Europa em nossa república laica assimiladora.

Quantas tensões e armadilhas que ameaçam a “exceção francesa” no plano econômico e social. O “universalismo francês” social e cultural, que pode levar diretamente à guerra civil, exige alguns esclarecimentos e ajustes...

A MENTIRA ESQUERDA / DIREITA

Primeiro, a mentira esquerda / direita.

Desde a eleição de Sarkozy, a prova parece ser que não há mais nem esquerda nem direita.

Mesmo que a abertura à esquerda do governo Fillon seja, na verdade, a união sagrada dos liberais-atlantistas, é claro que já não há muita diferença, no plano da economia e das questões sociais, entre a esquerda bobo do PS e a direita liberal pseudo-securitária de um Sarkozy. E se para os esquerdistas, Sarkozy é um homem de direita, pelo fato de ser securitário – o que é fazer uma publicidade que ele não merece, seu securitarismo se aplicando apenas à pequena burguesia branca dos automobilistas – para os da direita nacional, Sarkozy é um homem de esquerda: defensor dos direitos humanos e antirracista, no melhor dos casos, uma espécie de Tony Blair francês.

Na verdade, pode-se também dizer hoje que os políticos do sistema são todos de esquerda: todos a favor do direito do solo, do casamento gay... Ou que eles são todos de direita: todos aliados à dominação política integral da economia de mercado.

Mas essa confusão entre a esquerda e a direita também vem da confusão de suas definições. Confusão de suas definições, de esquerda, de direita, que nos leva a lembrar que há duas maneiras de definir a greve e a direita.

Primeiramente, historicamente, há a definição de direita que nos vem do Antigo Regime.

Definição que vê na direita os valores positivos de honra, moral, respeito aos antigos e à hierarquia. A esquerda sendo então a

destruição de seus valores pelo liberalismo ascendente que resultará na Revolução Francesa.

O liberalismo, seus valores de cálculo amoral e sua destruição de ordem antiga devem ser considerados, logicamente, como o mal e a esquerda; o que alguns homens que se pensam da direita tradicional tendem a esquecer, quando se aliam sistematicamente ao liberalismo pensando estar cumprindo seu dever como homens de direita!

Depois, há a definição de esquerda que nos vem do marxismo e da Revolução de Outubro, para quem o que define a esquerda e a direita é a relação Capital / Trabalho.

É de esquerda o que favorece o Trabalho. É de direita o que favorece o Capital.

Segundo essa definição bem compreendida, um patrão de PME é, portanto, de\gesquerda, pois está do lado do trabalho produtivo; um acionista do MEDEF é, ao contrário, de direita, pois está do lado da renda, da exploração e do parasitismo; assim como o filho de família ocioso, seja ele esquerdista ou profissional do RM.

Notará, a propósito, que os valores da Revolução Francesa, formalmente de esquerda, pois baseados em um igualitarismo abstrato e declarativo, mas praticamente de direita, pois triunfo do liberalismo ascendente, não permitem uma distinção clara entre os dois campos: de esquerda como o povo, ou de direita como a burguesia?

O que ainda alimenta a confusão francesa.

De cette première clarification des gauches et des droites, on peut déjà conclure qu'un mouvement populaire qui défend à la fois les valeurs morales et le monde du travail est de droite, selon la première définition, et de gauche selon la seconde.

O que não quer dizer que não exista mais nem esquerda nem direita e muito menos que tudo se iguale, mas que existe uma direita moral que é, se pensarmos bem, a aliada da esquerda econômica e social. E, ao contrário, uma esquerda amoral que se revelou ser a condição ideológica da direita econômica em sua versão mais recente e mais brutal.

Observação que parte do pensamento de Proudhon para nos levar a Maio 68, à sociedade de consumo e ao famoso liberalismo-libertário. Um liberalismo-libertário que não é nada mais do que a esquerda societal – dita hoje esquerda bobo – a serviço da direita empresarial, a fim de destruir ao mesmo tempo a esquerda social e a direita moral unidas pelo CNR até Maio de 68 (ver cap. 4).

Um liberalismo-libertário cujo papel era destruir ao mesmo tempo:

– a esquerda social encarnada na época pelo PCF;

– e a direita moral, encarnada na mesma época por de Gaulle e seu mundo de valores da cultura maurrassiana.

Uma dupla destruição a serviço do poder do dinheiro que explica o incrível sucesso político e mundano dos chamados párias de Maio de 68; ou seja, a aliança Pompidou / Cohn-Bendit seguida da aliança Giscard / BHL...

CONTRA A MENTIRA ESQUERDA / DIREITA: A UNIÃO DA ESQUERDA DO TRABALHO E DA DIREITA DOS VALORES

À luz dessa análise, qual é o ponto em comum entre a direita dos valores e a direita financeira?

Nenhum, senão a pretensão à dominação política por dois grupos sociais que na realidade são inconciliáveis:

– um se fundamentando em uma ordem moral e na hierarquia do mundo antigo;

– o outro no amoralismo integral e moderno da lei do lucro, porta aberta a todos os arrivismos, todas as decadências e todas as mobilidades sociais.

Uma união de dois grupos com pretensões dominadoras onde o primeiro, que não tem os meios, se coloca a serviço do segundo que não compartilha nenhum de seus valores: os liberais se servindo sempre dos reacionários que historicamente venceram e expulsaram do poder,

como tantos idiotas úteis para manter a maioria contra o povo, pela famosa: "união das direitas".

Ou seja, a eterna manipulação da muito respeitável direita dos valores, sustentada pela classe média, pelo mundo do dinheiro, que vem da esquerda histórica...

FAZER BARRAGEM À ESQUERDA, FAZER BARRAGEM À DIREITA, MESMO COMBATE

A essa união estúpida e mentirosa da "união das direitas para fazer barragem à esquerda" responde, claro, a não menos estúpida e mentirosa "união das esquerdas para fazer barragem à direita", defendida hoje por Jean-Luc Mélenchon.

Um Mélenchon que sabe muito bem que a esquerda libertária e societal de um Cohn-Bendit é a pior inimiga, no plano econômico e social, da esquerda do trabalho ainda defendida pela base do PCF e da CGT.

Análise implacável da qual se deve concluir lógica e politicamente que, diante dessa falsa oposição esquerda/direita, que na verdade mascara a aliança cruzada da direita financeira e da esquerda libertária, a única união simétrica da esquerda do trabalho e da direita dos valores pode constituir uma verdadeira oposição...

PARA IMPEDIR A UNIÃO SAGRADA POPULAR: A MECÂNICA ANTIFASCISTA

Uma união vitoriosa do proletariado e da classe média que o poder do dinheiro deve absolutamente impedir, perpetuando, pelos meios de comunicação e clérigos estipendiados (ver cap. 3), a ilusão da oposição esquerda/direita.

Uma oposição esquerda/direita essencializada e artificialmente mantida desde 1945 pelo "pacto antifascista".

Um antifascismo agora sem fascistas, mas selando nas costas dos vencidos da Segunda Guerra Mundial, a partilha do poder e a aliança discreta dos liberais atlantistas e dos comunistas. Comunistas substituídos após Maio de 68 pelos gaucho-trotskistas.

Um antifascismo sem fascistas que é literalmente a ferramenta de doutrinação, de propaganda e de terror moral que permite hoje ainda, apesar da evidência econômica, a manutenção eleitoral do autêntico fascismo imperial:

Essa dominação do Capital em sua forma mais parasitária – anti-industrial e financeira – para a servidão do povo por sua exploração e empobrecimento...

DAÍ A MASCARADA DA ALTERNÂNCIA

Uma união impedida empurrando os eleitores enganados à impotência do voto de sanção sistemática: um golpe à direita com Sarko em 2007, um golpe à esquerda com Strauss-Kahn em 2012 (?), para a continuidade desde 1969 da mesma política...

INSTRUMENTALIZAÇÃO DAS TENSÕES ÉTNO-CONFESSIONAIS: A MECÂNICA ANTIRRACISTA

A essa mascarada da falsa oposição esquerda / direita mantida pelo antifascismo para desviar as tensões sociais em um sentido favorável ao globalismo financeiro, se adiciona a manipulação das tensões étnico-confessionais a fim de etnicizar a crise: “árabes” contra “nativos” todos na base da escala social, em vez de Trabalho contra Capital.

Uma culpabilização do povo do trabalho pelo antirracismo, que se substituiu à questão social desde os anos Mitterrand; antirracismo institucional que se construiu sobre o anticolonialismo...

A COLONIZAÇÃO, TRAIÇÃO DE ESQUERDA DO UNIVERSALISMO FRANCÊS

Assim como a denúncia da farsa antirracista não significa a reabilitação do racismo, a crítica ao anticolonialismo de esquerda não significa a apologia da colonização.

Para ser ainda mais claro: à luz do universalismo francês do qual se reclamavam os colonizadores da Terceira República, oriundos da esquerda maçônica, a colonização foi uma mentira e um erro.

Uma mentira, porque com um Jules Ferry declarando na Câmara: *as raças superiores têm sobre as raças inferiores um direito que exercem, esse direito, por uma transformação particular, é ao mesmo tempo um dever de civilização , acrescentando, para ser ainda mais explícito: minha política é a teoria, não do raio pacífico, mas do raio pela guerra. Minha política é uma sucessão de expedições bélicas nos quatro cantos do mundo! ocorrendo, essa colonização não poderia resultar para os povos colonizados na igualdade cidadã, mas sim no indigenato; ou seja, um status mais ou menos comparável ao do palestino.*

Um erro, porque essa corrida ao mercado cativo da saída colonial também soou nosso declínio econômico e técnico frente à Alemanha de Bismarck que, por sua vez, havia escolhido a exigência do mercado européia.

Uma colonização de esquerda, laica e republicana, à qual se opunha, aliás, a direita monarquista e católica do marechal Lyautey.

Uma colonização francesa, afinal, muito mais indefensável, porque pretendia se fazer em nome dos valores de igualdade e fraternidade originados da Revolução Francesa, do que a colonização inglesa realizada mais honestamente em nome do comércio e do rei...

MENTIRA DA COLONIZAÇÃO... E DA DESCOLONIZAÇÃO

À mentira da colonização francesa, feita de arrogância imperial para esquecer a humilhação da derrota de 1870 face à à Alemanha – como lembrava Clemenceau – e de mau comércio – análise profunda por Jacques Marseille – sucederá a mentira da descolonização.

A descolonização: seja, sob o pretexto de antirracismo, o fim dos custos que representava a continuidade republicana: estradas, quartéis e outras infraestruturas que encarnam a "civilização" tão cara a Jules Ferry... para não manter às multinacionais senão os lucros: extrações de matérias-primas e comércio desigual.

Uma colonização mais discreta e finalmente rentável – chamada também de "Françafrique" – realizada, não esqueçamos, com a cumplicidade das elites independentistas às quais as elites imperiais redistribuem sempre, pelo seu silêncio e colaboração (essencialmente na repressão dos movimentos independentistas autênticos), uma bela parte do bolo...

DA CULPA COLONIAL À FRAUDE ANTIRRACISTA

Assim, pela mascarada do antirracismo, sucedendo ela mesma à mascarada da descolonização, o povo, constituído majoritariamente de operários descendentes de servos – ou seja, ele mesmo "colonizado de dentro" – e que não tem nada a ver nem nunca ganhou nada com a colonização, se vê tratado como colono por um francês recente que nunca a sofreu ele mesmo e que, dos dois, é o único beneficiário, pois sem a epopeia colonial, esse francês-quando-lhe-convém ainda estaria no Gabão, ou sob a bota dos generais argelinos muito democráticos e generosos como se sabe!

Ofensa injusta ao povo da França pela qual esse colonizado permanente pretende beneficiar-se do privilégio simbólico da eterna

vítima; sem esquecer, se o dever de memória acompanhado de arrependimento avançar ainda um pouco, de reparações sonantes e balançantes!

Uma fraude moral acompanhada de uma aporia intelectual, pois essa condenação do colonialismo se faz em nome dos "direitos do homem", quando esses famosos "direitos do homem" fazem parte integrante do bagagem colonial.

Uma postura e uma impostura, aliás, totalmente contrárias aos valores do islamismo, mas que foram inculcadas a este antigo “pote”, que voltou a ser “indígena”, pelos educadores esquerdistas e outros manipuladores trotskistas do SOS racismo, para seu maior infortúnio...

POR TRÁS DO ANTIRRACISMO: A IDEOLOGIA DO MESTRADO

Um antirracismo aberrante e contraproducente, pois leva à ódio racial tanto o Branco injustamente insultado, quanto o Negro que vê no Branco um eterno colonizador, por trás do qual se esconde também a ideologia do mestrecado.

Essa ideologia racial do globalismo, que não é a contribuição recíproca do melhor de duas civilizações para dar o jazz musette de Django Reinhardt, mas a destruição de todas as culturas enraizadas por seu mixagem forçada, resultando no melting-pot, Babel e o ilotismo.

Essa *cultura mundial* do delinquente bling-bling em agasalho e boné em todos os pontos liberais, ilustrada em todo seu sordidez pelos gangs étnicos, mas todos idênticos, dos guetos norte-americanos.

Um mestrecado que não é nada mais do que o colonialismo do globalismo que todos nós sofremos, nativos como indígenas...

O ANTIRRACISMO A SERVIÇO DA DESIGUALDADE SOCIAL: A MENTIRA DA DIVERSIDADE

Um antirracismo que, quando não é a apologia do mestrecado, é a apologia igualmente nefasta do comunitarismo.

Uma “política de diversidade” que pretende – após as mulheres, os jovens e os gays – promover as “minorias visíveis”, mas que consiste, na realidade, em empurrar para frente alguns “colaboradores” e “negros de serviço”, estilo Fadela Amara e Rama Yade, devolvidos uma vez usados ao seu anonimato.

Uma vontade de racialização das relações sociais que, além de reforçar as tensões étnicas em períodos de crise, serve apenas para mascarar a queda geral da igualdade social e a pane do elevador republicano em regime neoliberal...

DO ANTIRRACISMO AO ANTI-ISLAMISMO OU O GRANDE RETORNO (15 DE MARÇO DE 2004)

Um comunitarismo e uma racialização das relações sociais que acompanham, em toda a Europa, a grande virada do antirracismo institucional em anti-islamismo (ver cap. 6).

Uma virada de aliança, em nome da laicidade, operada sob a pressão das redes maçônicas e sionistas, e sancionada na França pela lei anti-velo de 15 de março de 2004, agravada desde então pela lei anti-burca de 14 de setembro de 2010.

Uma estigmatização orquestrada dos muçulmanos, agora designados como bodes expiatórios para o povo de origem afetado pela crise, por aqueles que os trouxeram e os empurraram para a agressividade anti-francesa, a fim de que a raiva social legítima em relação às elites globalistas, forte pouco muçulmanas, se transforme em guerra civil interétnica.

Uma mudança de rumo que já se traduziu no plano político-mediático pela destituição de um Julien Dray em favor de Alain Finkielkraut para o discurso de elite; seguido agora de Eric Zemmour em sua versão grand public...

DO DECLÍNIO DO ANTIRRACISMO À ECOLOGIA

Mas a natureza da esquerda societal, que detesta o vazio, precisa substituir o imigrante – seu papel de jovem no dumping social e de mestiço involuntário – por outra causa igualmente sem fronteiras e propícia ao Mercado.

Assim, do islamista, o Árabe dá lugar à árvore no coração versátil do bobo, agora sua luta será a ecologia...

O RETORNO À ASSIMILAÇÃO, MAS QUAL ASSIMILAÇÃO?

Para contrabalançar essa crescente tensão, o ideal, claro, seria o retorno à assimilação: que todos nós, imigrantes e de origem, aderíssemos ao universalismo francês.

Somente, pequeno problema, duramente arranhado pela mentira colonial, um século de etnologia e duas guerras mundiais europeias que nos fizeram recuar na superioridade do Ocidente das Luzes, esse modelo, nós franceses, não acreditamos mais nele.

Sem contar que, ao mesmo tempo, nossas elites republicanas – incluindo Éric Zemmour por seu apoio ao atlantista Sarkozy – se uniram ao modelo neoliberal e comunitário anglo-saxão, que é a exata negação disso.

A luta deles pela assimilação se reduz, portanto, a se queixar, saindo do jantar do CRIF, de que o Quick – especialidade tão francesa – possa agora ser halal!

A INSTRUMENTALIZAÇÃO IMPERIAL DO SURTO IDENTITÁRIO

Claro que essa situação geral de mestiçagem forçada acaba por gerar, dentro do povo, um autêntico e legítimo sobressalto identitário.

Sursaut identitário infelizmente instrumentalizado pelas redes franco-maçônicas e sionistas – via Riposte laïque e a Liga de defesa judaica (LDJ) – para transformar os “apéros saucisson e pinard” em um amontoado de gritadores embriagados clamando pela *Reconquista* a fim de apressar, no modelo yugoslavo, a fragmentação do país por meio da guerra civil interétnica.

Tudo para o maior benefício do projeto globalista que prospera sobre os destroços das Nações...

O FUTURO DO ISLAMISMO NA FRANÇA: MUÇULMANOS PATRIOTAS CONTRA ISLAMO-RACAILLES

Quanto a saber se o islamismo é um bem ou um mal para a França, lembramos que para esta religião sem clero, não existe apenas um islamismo pilotando uma horda compacta e disciplinada de muçulmanos do alto de um qualquer Califado, mas uma diversidade de muçulmanos entregues a poderes diversos, dos quais a maioria se mantém longe da agitação e da política.

Primeiro, os mais velhos, provenientes do trabalho imigrante anterior ao reagrupamento familiar, que praticam um islamismo cultural e discreto: velhos trabalhadores proletários, na melhor das hipóteses pequenos comerciantes, enquadrados ao mesmo tempo pelo país de origem, Argélia, Marrocos, Tunísia... e pelo Estado francês, ministério do interior, intermediários socialistas, CRIF... aparentemente independentes uns dos outros, mas há muito tempo de mãos dadas.

Uma velha geração de muçulmanos criados na submissão e no medo do poder, seja o da antiga França colonial ou das ditaduras "descolonizadoras" igualmente brilhantes que a sucederam.

Além disso, afirmar que essas pequenas pessoas, presentes em nosso território há mais de quarenta anos, causam problemas de delinquência é perfeitamente desonesto.

Os jovens, por sua vez, nascidos no território, franceses que só conheceram a França, e reagindo como ocidentais alimentados pelos "direitos humanos" às provocações anti-islamistas; provocações que se tornaram

comuns desde a mudança de aliança da lei anti-velo de 2004.

Uma nova geração de muçulmanos que não segue mais a antiga, ou seja, nem o imã do bled nem o do ministério do interior ou do CRIF – que, aliás, é o mesmo – e que, para complicar as coisas, se divide em dois campos cada vez mais opostos.

De um lado: essa nova geração de franceses muçulmanos integrados, formados e empreendedores, buscando na teologia islâmica as razões para sair da catastrófica postura de vítima – imposta pelo SOS Racismo – para poder finalmente amar plenamente e sinceramente seu país: essa França na qual eles sabem, por terem meios de comparar com o país de origem, no qual não têm nenhuma vontade de retornar, exceto para férias, que nascer é uma sorte.

Do outro lado e em oposição: essa nova geração de perdidos, oriundos dos guetos da relegação e de um rebaixamento agravado a cada dia pela crise mundial, portadores de uma ideologia delinquente americana liberal que agora se prolonga em um salafismo improvisado e superficial – tipo Um Profeta, do antigo apresentador de supermercado sonhando com Hollywood, Abdel Raouf Dafri – sua raiva revanchista de uma França colonial que nunca foi durante sua vida; uma raiva confusa e densa, originada diretamente do rap anti-galo, pouco islâmico, mas estranhamente promovido há vinte anos ao status de "cultura jovem" pelos meios de comunicação dominantes.

Os primeiros, criados em um patriarcado que escapou da feminização de 68, oriundos da esquerda do trabalho (estudos realizados apesar do handicap social), mas praticando a direita dos valores (retorno à tradição contra as sirenes do materialismo modernista) são indiscutivelmente uma chance para a França, se entendermos por isso a esperança de sua recuperação.

Os segundos, vagabundos apátridas, agora ultra-violentos, cultivando o ódio ao branco, e que são efetivamente – exceto pelo fator de Neuilly, sempre fã de seu Montmartre bobo, do antiquado Jœy Starr – o que todos os observadores lúcidos dizem, sejam eles demógrafos íntegros, a polícia sobrecarregada, o pequeno povo, todas as etnias juntas, e até mesmo os "identitários" que são, do lado gaulês, seu exato oposto: esses

"islamoracailles" a serem rapidamente colocados fora de estado de causar danos com, por que não, a perda da nacionalidade francesa que eles odeiam e um bilhete gratuito para esses paraísos islâmicos que idealizam: Kosovo, Chechênia, Arábia Saudita... O que seria sem dúvida a sanção mais cruel, mas a mais salutar a ser imposta a eles!

PARA UMA RECONCILIAÇÃO NACIONAL: AOUN E NASRALLAH EM VEZ DE MILOSEVIC E O KOSOVO

Da saída deste combate entre essas duas juventudes: muçulmana patriota e islamoracaille, agora frente a frente e opostas em tudo – y incluindo no islam – depende, na verdade, além da crise econômica, o caos da guerra civil ou a recuperação pela reconciliação nacional.

E neste combate pela França, devemos trazer todo o nosso apoio aos primeiros: esses patriotas muçulmanos que trabalham, empreendem e trazem medalhas para a bandeira nas competições esportivas... Como devemos romper agora com toda dialética da desculpa, ser intransigentes com os segundos que se comportam, não importa o que diga a confusa e manipulada Houria Bouteldja, como uma horda de sub-humanos.

Um combate que não se joga, portanto, entre franceses e muçulmanos, como gostariam de nos fazer crer os agentes do Império, mas entre filhos da França que realmente amam a França e inimigos da França, todas as cores e todas as religiões confundidas.

O salvamento do país está mais a buscar do lado da reconciliação nacional empreendida no Líbano pelo general Aoun, presidente do Corrente Patriótica Livre, cristão maronita, e Hassan Nasrallah, secretário-geral do Hezbollah muçulmano, do que do lado da Iugoslávia, onde a empresa de *Reconquista* liderada por um Slobodan Milosevic, totalmente infiltrada pela CIA, levou à partição do Kosovo desejada pela OTAN...

CONCLUSÃO: AMANHÃ A GOVERNANÇA GLOBAL OU A REVOLTA DAS NAÇÕES?

Instrumentalização do humanismo heleno-cristão, infiltração da República pelos redes, exacerbação dos antagonismos de classes, manipulação da democracia de opinião... Tudo indica que um longo processo, iniciado no século XVIII por uma oligarquia bancária movida pela hybris da dominação, se aproxima de seu epílogo.

Um projeto concertado, passado por múltiplos saltos, de Veneza a Nova York passando por Frankfurt e Londres, que não se cumpriu sem conflitos, mas que parece hoje próximo de seu término, pois após mais de dois séculos de trabalho oculto, ele finalmente se apresenta sob seu nome.

Esta Nova ordem mundial pela qual esta oligarquia predatória exige desde agora, pela voz de seus servos tanto da direita, como Bush pai e filho, quanto da esquerda, como Rocard ou Strauss-Kahn, que lhe sejam entregues plenos poderes.

Exigência de uma “governança global” acima do sufrágio cidadão; exigência de um “governo mundial” sobre os escombros das Nações apresentado como a última solução para as crises, para as fomes e para as guerras favorecidas intencionalmente.

Uma tentativa de impor pela astúcia um poder ditatorial que coloca, no horizonte de 2012, o mundo ocidental diante desta escolha que o compromete inteiro:

A submissão total a esta oligarquia espoliadora que não teve cessa, há mais de dois séculos, de organizar esta "guerra de todos contra todos" anunciada por Marx, para alcançar esse fim.

Ou a revolta dos povos enraizados reduzidos à escravidão, quando não são empurrados à miséria, contra essa oligarquia nômade com procedimentos satânicos levando, para seu único interesse, o mundo a essa "idade sombria" descrita pela Tradição.

2012: seja a ditadura do Império ou o início da revolta dos povos. A governança global ou a revolta das nações.